



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LITERATURA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**RAFAEL FERREIRA MONTEIRO**

**A NARRATIVA HISTÓRICA DE TUCÍDIDES E A GUERRA DO PELOPONESO:  
VERDADE E FICÇÃO**

**FORTALEZA**

**2014**

**RAFAEL FERREIRA MONTEIRO**

**A NARRATIVA HISTÓRICA DE TUCÍDIDES E A GUERRA DO PELOPONESO:  
VERDADE E FICÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo.

**FORTALEZA**

**2014**

**RAFAEL FERREIRA MONTEIRO**

**A NARRATIVA HISTÓRICA DE TUCÍDIDES E A GUERRA DO PELOPONESO:  
VERDADE E FICÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria César Pompeu  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha família.

Aos meus professores.

## AGRADECIMENTO

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

Ao Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo, pela paciência e pela excelente orientação.

Aos professores participantes da banca examinadora Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino e Dr<sup>a</sup>. Ana Maria César Pompeu pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos colegas de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas. Aos amigos, que sempre ajudaram.

Aos professores já citados, Orlando Luiz de Araújo e Ana Maria César Pompeu, grandes responsáveis por despertar ainda mais meu interesse pela área, sempre apoiando-me e incentivando-me com novas ideias, desde o já distante ano de 2006, quando iniciei o estudo da língua grega na graduação, passando pelos tempos de monitoria, até agora, na pós-graduação. São dois grandes exemplos.

À minha família, que sempre me apoiou e incentivou a seguir estudando os Clássicos.

À minha mãe querida, Tônia, *in memoriam*. Minha grande amiga e parceira de conversas.

À minha companheira, Cíntia, que me aguentou nesses últimos momentos de ansiedade e estresse, sempre me ajudando com muito amor.

**A significação normal das palavras em relação aos atos muda segundo os caprichos dos homens. *História da Guerra do Peloponeso* (III, 82).**

## RESUMO

O historiador grego Tucídides escreveu a *Guerra do Peloponeso* porque percebeu que esta guerra seria grande, a maior guerra já acontecida. A obra marca uma transição de técnica narrativa: se, em Heródoto, o pai da História, segundo o orador latino Cícero, persiste a fábula, em Tucídides há o rompimento com o *mythos*, ou seja, a narrativa se constrói em termos concretos, pesquisados e analisados previamente (*logos*). Esse afastamento, contudo, é aparente. De fato, o historiador faz uso da razão ao compor sua narrativa, assim como utiliza uma linguagem por vezes “seca” e “áspera” e afirma manter-se fiel apenas aos fatos. Como relacioná-lo, então, com o mundo da literatura? Devemos analisar a figura do historiador a partir de outro viés. Segundo afirma WHITE (1994), o viés do modo como uma situação histórica depende da sutileza e da harmonia entre a estrutura do enredo e o conjunto dos acontecimentos, formando, por meio desse processo, uma operação literária, criadora de ficção. O autor pesquisa, compila, analisa, interpreta e, por fim, recria os acontecimentos, reorganiza-os e reconfigura-os, com o intuito de produzir algo concreto, imparcial. A narrativa histórica, no entanto, está longe de ser tão simplória: há muitas interpretações possíveis, há muitas intersecções com outros gêneros (tais como o épico, o trágico e o cômico), e com outras áreas do conhecimento (a filosofia, a política, a economia). Assim, o objetivo deste trabalho é justamente apontar tais características no texto, evidenciando o labor artístico, o trabalho com a língua grega e a *imaginação construtiva* do historiador grego ao escrever sua obra.

**Palavras-chave:** Tucídides. Historiografia. Grécia Clássica.

## ABSTRACT

The Greek historian Thucydides wrote his *History of the Peloponnesian War* because he realized that war would be big, the biggest one ever happened. His work marks a transition of narrative technique: if in Herodotus, the father of History, according to the Latin orator Cicero, the fable persists, in Thucydides there is a break with the mythos, that is, the narrative is constructed by concrete, researched and previously analyzed terms (*logos*). This removal is, however, seeming. In fact, the historian makes use of reason to make his narrative, as well as he sometimes uses a language “dry” and “rough” and he asserts to keep himself stick only to facts. Then how can we relate him to a literary world? We should analyze the picture of the historian from another perspective. Like asserts WHITE (1994), the perspective of how an historical situation depends on the subtlety harmony between the structure of the plot and the group of actions that build, by way of this process, a literary operation, which creates the fiction. The author researches, gathers, analyzes, interprets and, finally, recreates the facts, rearranges and reconfigures them, in order to produce something concrete, impartial. However, the historical is not that simple: there are many possible interpretations, and there are many intersections with other genres (like epic, tragedy and comedy), and with other areas of knowledge (philosophy, politics, economy). Thus, the aim of this work is precisely to point out these characteristic of the text, proving the artistic value, the work with the Greek language and the *constructive imagination* of the Greek historian when he writes his work.

**Keywords:** Thucydides. Historiography. Classical Greece.

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA E FICÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1. Introdução do capítulo.....	12
2. A questão dos discursos reconfigurados.....	14
2.1 Reconfigurando os discursos dos personagens.....	15
2.2. Metodologia ou procedimento.....	16
3. O diálogo dos Mélios.....	18
4. Conclusão do capítulo.....	20
<b>CAPÍTULO 2 – HISTORIOGRAFIA.....</b>	<b>21</b>
1. Introdução do capítulo.....	22
2. Desmitificando o passado lendário.....	22
2.1 A Guerra de Troia.....	22
3. Tucídides “mitificando” personagens históricos.....	24
3.1 Péricles.....	24
3.1.1 Tucídides avalia Péricles.....	28
4. Conclusão do capítulo.....	30
<b>CAPÍTULO 3 – HISTÓRIA E COMÉDIA.....</b>	<b>32</b>
1. Introdução do Capítulo.....	33
2. A comédia e a história mostra a mesma Atenas.....	34
2.1 Os Cavaleiros: Cléon e a figura do demagogo.....	34
2.2 A Paz: Cléon e Brásidas, a História.....	36
3. Conclusão do capítulo.....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A obra, *História da Guerra do Peloponeso*<sup>1</sup>, escrita pelo historiador ateniense Tucídides, pertence ao campo da Historiografia. Sua narrativa expõe os acontecimentos da Guerra do Peloponeso, uma disputa que ocorreu no século V a.C, entre Atenas e Esparta, e suas respectivas cidades aliadas. Esta guerra, como o autor afirma, foi mais importante e maior do que a lendária Guerra de Troia, ocorrida há tempos. Assim, o historiador afirma que se decidiu por fazer o relato da guerra, porque percebeu que o conflito seria grande, tendo observado a movimentação de diversas cidades desde o início, pois esta guerra durou cerca de vinte e sete anos.

Até então, Tucídides não havia escrito nenhuma obra. Há uma anedota bastante interessante, segundo a qual o jovem ateniense teria chegado às lágrimas ao presenciar o já velho Heródoto, o famoso Pai da História, declamar suas *Histórias* numa edição dos Jogos Olímpicos. Anos depois, portanto, tomou a decisão de escrever a História da Guerra do Peloponeso, seguindo assim a trilha inaugurada anteriormente por Heródoto. Devemos deixar claro, no entanto, que Tucídides não utiliza o termo “história” nenhuma vez em toda a obra. Já podemos, a partir desta questão, estabelecermos o primeiro ponto de discordância entre ele e seu antecessor.

A *Guerra do Peloponeso* é uma obra diferente de tudo o que havia sido produzido até então, principalmente no campo da historiografia, e sua característica mais marcante, a nosso ver, é que, pela primeira vez, um autor escreveu um texto tendo em vista o leitor. Até mesmo o já citado Pai da História compõe seu texto levando em conta ainda a oralidade, muito vinculado, assim, à tradição épica, por exemplo. A obra tucidideana foi feita para ser lida silenciosamente, ao contrário do que se fazia antes, pois as obras eram declamadas ou recitadas em eventos públicos. Tucídides critica tais autores, afirmando que eles estão mais preocupados em *agradar* aos ouvidos de quem ouve, do que em mostrar a *verdade* dos fatos. Para ele, a preocupação por parte desses autores, denominados pejorativamente de logógrafos, em adornar seus textos, os afasta da realidade.

<sup>1</sup> Aqui cabe um esclarecimento. O título da tradução brasileira, *História da Guerra do Peloponeso*, não é o mais adequado. Tucídides em nenhum momento usa o termo “história” em sua obra. Traduzindo literalmente do grego, a melhor forma seria *A Guerra do Peloponeso*, título este que já é utilizado em edições mais recentes, como a tradução para o inglês de Martin Hammond (*The Peloponnesian War*), da Oxford University Press, publicada em 2009.

A dissertação como um todo pretende fazer um breve exame de questões polêmicas no que se refere à narrativa histórica de uma maneira geral. Atualmente discute-se muito o entrelaçamento entre história e ficção, entre memória e imaginário. Tucídides pretende romper com a dependência do mito, mas será mesmo possível livrar-se dela completamente? É inegável que ao longo de todo o relato, percebemos os vários “tons” que esse possui. Temos a presença do gênero épico, pois heróis são exaltados, façanhas são glorificadas; temos a presença do trágico, quando o narrador aproxima-nos do sofrimento e da tensão, e o historiador comporta-se como o mensageiro presente em algumas tragédias, aquele que chega ao palco trazendo informações que nem a plateia, nem os atores conhecem; temos, ainda a forte presença da filosofia, pois ao longo de todo o relato há uma tensão entre os dois pólos da guerra, dois discursos, duas razões que se chocam durante toda a narrativa.

No primeiro capítulo desta dissertação, abriremos a discussão analisando o método que Tucídides utiliza em sua obra. Sempre que necessário, apresentaremos trechos do texto original em grego e tentaremos, por meio da tradução, extrair dele a maior quantidade de detalhes. Veremos de que maneira o historiador rompe, ou tenta romper, com a mentalidade ainda muito dependente do mito, uma história ainda deficiente no que se refere às pesquisas e análises de informações. O objetivo de Tucídides é mostrar a verdade dos fatos, e, para fazer isso estabelece uma metodologia de trabalho: primeiro, a coleta de informações; segundo, a análise delas; terceiro, a organização mental de toda a obra; quarto, a escrita do relato. Este processo garantiria a maior exatidão possível e forneceria, como uma fotografia, o acontecido.

O primeiro capítulo termina apresentando a polêmica questão dos discursos reconfigurados e do Diálogo dos Mélios. Iniciaremos uma análise mais profunda da narrativa tucidideana. Veremos de que forma o autor constrói os personagens históricos, e de que maneira os faz falar, mesmo quando o próprio historiador admite não ter presenciado tudo o que afirma em seu relato. No início de seu livro, Tucídides explica que seria impossível reproduzir integralmente todos os discursos proferidos por vários personagens diferentes, em locais diferentes, tais quais foram proferidos. Assim, ele estabelece uma metodologia bastante curiosa, pois chega a afirmar que *re-configurará* os discursos, utilizando-se das informações coletadas. Em outras palavras, o historiador, utilizando a razão, criará as falas dos personagens, numa tentativa de extrair os argumentos e, a partir deles, observar certa lógica dos acontecimentos.

O foco de discussão no segundo capítulo é outro: apresentamos como o historiador *desmitifica* o passado lendário grego, diminuindo a sua importância, para enaltecer a guerra e o seu relato. Assim, a Guerra de Troia não teria sido tão grande como afirmam os poetas; e a Guerra do Peloponeso, por sua vez, teria sido bem maior. E, também, veremos de que forma Tucídides cria uma figura mítica, transformando um personagem histórico em herói, eternizando suas falas e seus feitos.

O capítulo terceiro dará continuidade à reflexão sobre os personagens tucidideanos. Os escolhidos foram o general espartano Brásidas e o demagogo ateniense Cléon. Veremos como a Comédia Antiga se relaciona com a História, indicando alguns pontos de contato entre Aristófanes e Tucídides. Ambos descreveram as mesmas cenas, falaram dos mesmos personagens e compartilhavam das mesmas opiniões acerca do momento histórico.

## **CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA E FICÇÃO**

## 1. Introdução do capítulo

Quando um cidadão ateniense, de nome Tucídides, na época áurea de Atenas, século V. a.C., teve a iniciativa de escrever sua obra, *A Guerra do Peloponeso*, ainda não havia o conceito ou a ideia do que hoje se considera História. Na verdade, como gênero ou como área de investigação, a matéria não tinha metas, nem regras e nem prestígio. Há que se mencionar, também, que não tinha função. O que hoje é ou seria o papel da história era exercido pela poesia épica de uma maneira geral: a transmissão daquilo que era passado e mesmo assim continuava tendo relevância. Heródoto, por sua vez, estabeleceu que sua função era a de preservar os grandes feitos, para que o tempo não os apagasse.

Então, enquanto este passado se relacionava proximamente com a oralidade, e, sobretudo, com a mitologia de uma maneira geral, os poetas, através de suas epopeias e tragédias, por exemplo, conseguiam exercer esta função de transmitir os acontecimentos passados. As guerras lendárias, os heróis e seus feitos, e a tradição da mitologia, intrincados, compunham uma grande rede de informações, opiniões, fatos, fábulas etc., que foram se diluindo e misturando-se. Todo esse conjunto era transmitido por meio da oralidade. Mas não se podia afirmar que determinada guerra acontecera, por exemplo, pois se ficava na dependência de um relato feito por um poeta, ou seja, algo feito sem nenhum compromisso assumido com a veracidade das informações. Homero mostra uma Guerra de Troia que Tucídides contesta, afirmando que esta não foi tão grande como retrata o poeta. O artista não pode se limitar ao “verdadeiro” ou ao “real” ou ao “acontecido”. Aristóteles (1451a) afirmará: o poeta tem liberdade para falar do que “pode ou poderia acontecer”.

Contudo, alguns fatores começaram a influenciar este processo. E autores como Simônides, Xenófanes, Hecateu de Mileto, por um lado, estabeleceram as fundações de algo diferente, ao escreverem poemas sobre a fundação de cidades; por outro, Heródoto consolida o “novo” gênero, ao legar para o mundo grego suas *Histórias*: uma mescla de informação e de opinião, de oralidade e de investigação. Contudo,

O título de sua obra é precisamente *Inquéritos*, em grego *Historiai*, palavra que na época não tem outro sentido. Antes de Heródoto, a história – a investigação histórica – não existe. Ao dar o título de *Inquéritos* à sua obra, ao mesmo tempo de história e de geografia, Heródoto assenta estas duas ciências sobre a *investigação científica* (itálico nosso). (BONNARD, 2007, p. 328).

Usar o termo *científico* é exagero, mas ilustra bem a mudança de postura inaugurada por Heródoto, que se propõe a pesquisar informações, mas não se preocupa em analisá-las, “relata sem discernimento, sem espírito crítico a maior parte das vezes as inumeráveis histórias que lhe contam” (BONNARD, 2007, p. 329). Não há por parte do autor um projeto de execução, uma ideia prévia que guie o trabalho. Heródoto não utiliza a razão para processar, comparar e analisar os dados, simplesmente os relata, esta é a sua metodologia, para, a partir daí, chegar a uma conclusão. Tucídides apresenta apenas o resultado obtido, e não mostra as suas fontes de informação.

Tucídides é o nome seguinte no processo de desenvolvimento do gênero, e se a Heródoto coube o epíteto de Pai da História, com mérito, ao historiador ateniense não coube muita fama, embora merecesse mais reconhecimento. Seu papel foi fundamental no desenvolvimento do gênero, pois trouxe, com seu método, uma nova abordagem de pesquisa. Algo muito parecido com o que hoje chamamos de “postura científica”. Heródoto iniciou o processo, e Tucídides entendeu que deveria aprimorá-lo.

Quando lemos *A Guerra do Peloponeso*, o que chama a nossa atenção é o corte radical introduzido por Tucídides em relação à tradição narrativa da “história”, em particular em relação a Heródoto (que, por sua vez, também tinha criticado seu antecessor, o viajante Hecateu). Nada mais da emoção que, talvez, sentiu ao escutar o “pai da história” (e de tantas histórias). Tucídides rejeita Heródoto no domínio das antigas tradições míticas, no *mythodes* que recusa porque, sob seus aspectos agradáveis e sedutores, ele não possui nenhuma solidez e se desfaz com a rapidez das palavras lançadas ao vento. Com o *mythodes*, o maravilhoso tão caro a Heródoto, Tucídides rejeita, também, a importância da memória, relegando ao passado a antiga deusa Mnemosyne. Heródoto queria salvar o memorável, resgatar o passado do esquecimento, buscando nas palavras das testemunhas a lembrança das obras humanas. Tucídides ressalta a fragilidade da memória, tanto alheia como sua; as falhas constantes de memória motivam uma profunda mudança no trabalho do “historiador”, que não pode confiar nem na sua exatidão nem na sua objetividade. (GAGNEBIN, 2005, p. 24).

Nesta postura, teoricamente, não há espaço nem liberdade para improviso, invenção, criação. Nem há possibilidade para que o autor mostre as várias histórias que lhe são contadas. Antes do relato, é preciso selecionar e condensar as informações. O *lógos* impera, e o *mythodes*, como vimos, é deixado de lado. O historiador, portanto, deve se prender somente aos fatos, àquilo que pode ser pesquisado e averiguado, confrontado entre fontes diferentes. O objetivo é alcançar a *verdade*.

Deste modo surge então Tucídides (460 a. C. – 400 a. C.), cidadão ateniense, rico, estudado, culto. Um típico representante da elite. Ele decide escrever acerca da guerra e, para isso, logicamente, leva em conta toda uma bagagem de postura e de reflexão, muito marcada pela sofística e pela oratória, então em seu auge. Entretanto, há também um forte traço trágico em sua composição narrativa. Consideramos, assim como Bonnard (2007, p.495), que “Tucídides não é apenas um grande historiador, é também, e talvez acima de tudo, um grande artista. Escreve *a Guerra do Peloponeso* à maneira de um drama em três atos”. Este grande drama é a trágica derrota ateniense, um povo que não soube encontrar o limite de suas conquistas.

Mas é muito tênue a linha divisória existente entre a “realidade” – história – e a “ficção” - literatura. Conford (1907) e Murari Pires (1999), entre outros, mostraram que Tucídides fez, sim, uso de estratégias e recursos que não caberiam ao rigor de seu propagado método, técnicas que o historiador utilizou tendo em vista influências de outras áreas. O ponto de partida do historiador é o fato, ou seja, algo real, “verdadeiro”. Mas o critério de verdade é relativo, uma vez que pode não haver coincidência entre a percepção da verdade do historiador e a do leitor. Se pensarmos assim, chegaremos à conclusão de que a imparcialidade buscada pelo que escreve a história não pode ser alcançada, já que necessariamente ele precisa fazer escolhas. É a partir dessas escolhas que o historiador pensa a sua obra. Tucídides escolheu escrever sobre algo contemporâneo a ele, um evento que marcaria a história da Grécia, que determinaria o declínio da grandiosa Atenas.

Contudo, é preciso ressaltar, Tucídides, em nenhum momento, afirma fazer *história*. Seu relato inicia-se assim: “Θουκυδίδης Ἀθηναῖος ξυνέγραψε τὸν πόλεμον τῶν Πελοποννησίων καὶ Ἀθηναίων”<sup>2</sup>. (Tucídides, o ateniense, escreveu [acerca d]a guerra entre peloponésios e atenienses). Embora possamos até subentender a presença do termo “história”, ou seja, “Tucídides escreveu [acerca d]a história da guerra”, a verdade mostra que ele não está ali no momento em que a ação está acontecendo. Não é testemunha dos fatos que serão relatados. Outro detalhe: pela primeira vez, um autor usa o verbo escrever, para expressar a sua atividade, ou seja, ele pressupõe já o trabalho com a matéria, com a razão, para adequar as informações pesquisadas em linguagem em prosa. Este procedimento difere bastante do adotado por todos os seus antecessores, como já foi dito, pois esses ainda estavam

<sup>2</sup> O texto grego utilizado foi o estabelecido na edição *Thucydides. Historiae in two volumes*. Oxford, Oxford University Press, 1942. Todas as traduções do grego utilizadas na dissertação são de minha autoria.

preocupados com a eufonia de seu discurso e com a receptividade de sua obra, as quais eram pensadas para declamação em voz alta. Muito diferente, pois, da proposta de leitura silenciosa de Tucídides. Fator interessante, também, é que a prosa começa, e a primeira palavra do texto é justamente o nome do autor, como acontece também nas *Histórias* de Heródoto, numa clara manifestação de autoria individual e, podemos afirmar, até mesmo uma demonstração orgulhosa pelo trabalho realizado.

Outro ponto a ser mencionado, já referido acima, é a questão da memória. Heródoto relatava as histórias que ouvia dizer, e suas fontes eram testemunhas delas. A oralidade destes testemunhos não garantia a firmeza. A lembrança de quem viu ou ouviu a história era a única porta pela qual o autor podia chegar ao passado retratado. Obviamente, a dependência de algo tão incerto e impreciso prejudicaria o relato daquele que busca transmitir a verdade. Tucídides se revolta com isso:

τὰ μὲν οὖν **παλαιὰ** τοιαῦτα ἤϊρον, χαλεπὰ ὄντα παντὶ ἐξῆς τεκμηρίῳ πιστεῦσαι. Οἱ γὰρ ἄνθρωποι τὰς ἀκοὰς τῶν προγεγενημένων, καὶ ἦν ἐπιχώρια σφίσιν ἢ, ὁμοίως **ἀβασανίστως** παρ' ἀλλήλων δέχονται.[...] οὕτως ἀταλαίπωρος τοῖς πολλοῖς ἡ ζήτησις τῆς ἀληθείας, καὶ ἐπὶ τὰ ἐτοῖμα μᾶλλον τρέπονται. (Tuc. I.20).

Os tempos passados foram tais quais descobri, embora difíceis de **confiar em todo e qualquer testemunho**. Os homens, pois, aceitam **sem averiguação** rumores superficiais dos eventos que aconteceram antes, mesmo que tendo ocorrido na terra natal deles. [...] Desta maneira, é indiferente para os homens **a investigação pela verdade**, e preferem inclinar-se àquilo que está fácil.

Notamos bem, a partir dos termos utilizados pelo historiador, destacados em negrito acima, que ele reforça, sempre que possível, certo tom de crítica em relação aos homens, que para Tucídides são crédulos. Assim, por exemplo, τὰ παλαιὰ, os tempos passados, antigos, remotos, serão apresentados de acordo com o que ele descobriu, ἤϊρον. Desse modo, fica claro que não haverá espaço para inúmeras histórias, para relatos variados sobre os mesmos eventos. A narrativa será construída com base na pesquisa acerca dos παλαιὰ, e nesta tarefa é fundamental a averiguação dos fatos, criteriosamente.

O autor, ao afirmar ser “χαλεπὰ ὄντα παντὶ ἐξῆς τεκμηρίῳ πιστεῦσαι”, ou seja, *difíceis de confiar em todo e qualquer testemunho*, procura enaltecer seu trabalho, tentando dar ao relato credibilidade até então nunca vista, uma vez que nunca ninguém havia realizado tamanha pesquisa minuciosamente. Se, em um passado recente, os feitos memoráveis passados eram transmitidos, e abalizados, digamos assim, pelas musas, entre elas *Mnemosyne*, a memória, agora a nova era se inaugura, de acordo com Tucídides, e a razão individual de

que escreve estabelece o que deve ser transmitido. Não será *qualquer testemunho* que será levado em conta.

Outro ponto interessante é a utilização do dúbio termo *τὰς ἀκοὰς*. Pode-se traduzir por “o que se ouve, rumor, notícia”. Os homens se deixam convencer por rumores superficiais, mesmo que não tenham sido comprovados. Tucídides não admite isso, e não se conforma com o fato de que os homens estão desinteressados pela *ζήτησις τῆς ἀληθείας*, pela investigação da verdade. Um rumor adornado pelo “fabuloso”, por exemplo, já satisfaz ao ouvido. Ignoram até mesmo os acontecimentos passados em suas próprias cidades. Esses “ignorantes” apontados por Tucídides são os responsáveis pela disseminação de relatos contraditórios, e são esses mesmos que se contentam com “aquilo que está fácil”, ou seja, aqueles que não se esforçam em conseguir maiores informações.

Logo em seguida, o historiador faz uma análise geral dos seus antecessores e concorrentes, menosprezando-os:

Ἐκ δὲ τῶν εἰρημένων **τεκμηρίων** ὁμῶς τοιαῦτα ἄν τις νομίζων μάλιστα ἢ **διῆλθον** οὐχ ἁμαρτάνοι, **καὶ οὔτε ὡς ποιηταὶ ὑμνήκασι** περὶ αὐτῶν ἐπὶ τὸ μείζον κοσμοῦντες μᾶλλον πιστεύων, **οὔτε ὡς λογογράφοι ξυνέθεσαν** ἐπὶ τὸ προσαγωγότερον **τῆ ἀκρόασι** ἢ ἀληθέστερον, ὄντα ἀνεξέλεγκτα καὶ τὰ πολλὰ ὑπὸ χρόνου αὐτῶν ἀπίστως **ἐπὶ τὸ μυθῶδες** ἐκνευικηκότα, ἠρῆσθαι δὲ ἡγησάμενος **ἐκ τῶν ἐπιφανεστάτων σημείων** ὡς παλαιὰ εἶναι ἀποχρώντως. (Tuc. I.21).

Levando em consideração as **evidências** apresentadas, contudo, alguém que pensasse que os fatos foram assim como **eu expliquei** não erraria, não confiando muito em **como os poetas celebraram**, embelezando a maior parte deles, **nem** acreditando na veracidade do que **os logógrafos produziram**, visando agradar ao público que ouvia; a maioria deles, por causa do tempo, acabou prevalecendo **no campo do fabuloso**; para descobrir os fatos, deve-se considerar **a partir dos indícios trazidos à luz** suficientemente, mesmo que sejam antigos.

A primeira consideração que Tucídides faz é acerca das *evidências apresentadas*, *τῶν εἰρημένων τεκμηρίων*. Este termo (τεκμήριον) pode ser traduzido também por “testemunho”, e era utilizado frequentemente no âmbito jurídico. Assim, como um orador diante do júri, o autor apresenta suas provas, enaltecendo a forma como as conseguiu, para que amplifique a “certeza” sobre eles, não deixando espaço para dúvidas: eu expliquei, eu expus, *διῆλθον*, diz o historiador. Aqueles que acreditarem na exposição de suas evidências não errarão, *οὐχ ἁμαρτάνοι*.

Outro ponto interessante, que reforça a ideia da autoria, é precisamente a utilização do verbo, já citado acima – *διῆλθον*, verbo na primeira pessoa do singular do aoristo, que salta aos olhos, pois não é sempre que o narrador aparece tão claramente. Há também outro

significado que este verbo assume: atravessar, passar por meio de, percorrer. Ao utilizá-lo, Tucídides se aproveita deste segundo significado, ou seja, os leitores devem acreditar nas evidências trazidas por ele, já que *percorreu, atravessou*, passou por meio (d)os acontecimentos, e, por isso, tem a autoridade para afirmar: *eu explico*.

Depois de se estabelecer, Tucídides passa então a criticar os poetas, ποιηταί, e os logógrafos, λογογράφοι. Uns celebraram (ὕμνήκασι) os acontecimentos, outros produziram (ξυνέθεσαν) estórias/narrativas; uns embelezavam (κοσμοῦντες) os versos, outros queriam agradar a plateia. E, por essas preocupações, desviavam-se da realidade e do verdadeiro, misturando-se e transformando-se, paulatinamente, ao longo do tempo, em *mythos* (μυθῶδες).

E como última advertência, Tucídides afirma que é preciso trazer à luz os indícios, da forma mais precisa possível, e a partir deles extrair a “verdade”. Mas não bastava saber o que escrever. Era preciso também uma fórmula, um método de trabalho, algo novo, de modo que τὸ σαφές (pode ser traduzido de várias maneiras, entre elas estão: algo claro, manifesto, evidente; verdadeiro, seguro, digno de fé) falasse por si só. É a luz trazida por Tucídides que ilumina e mostra os fatos como eles são e voltarão a ser:

καὶ ἐς μὲν ἀκρόασιν ἴσως τὸ μὴ μυθῶδες αὐτῶν ἀτερπέστερον φανεῖται: ὅσοι δὲ βουλήσονται τῶν τε γενομένων τὸ σαφές σκοπεῖν καὶ τῶν μελλόντων ποτὲ αἴθις κατὰ τὸ ἀνθρώπινον τοιούτων καὶ παραπλησίων ἔσεσθαι, ὠφέλιμα κρίνειν αὐτὰ ἀρκούντως ἔξει. **Κτήμά τε ἐς αἰεὶ** μᾶλλον ἢ ἀγώνισμα ἐς τὸ παραχρῆμα ἀκούειν ζύγκεται. (Tuc. I.22.4).

Mas talvez ouvir (as histórias) sem fabulação seja mesmo bem menos agradável; contudo, os que desejarem olhar de perto **o verdadeiro** dos fatos acontecidos e que acontecerão novamente, em circunstâncias semelhantes, por causa de seu conteúdo humano, as terão julgado bastante úteis. É mais **uma aquisição para sempre** do que algo feito para se ouvir em público unicamente em um concurso.

Podemos destacar algumas expressões bastante significativas deste excerto, tais como ἀκρόασιν τὸ μυθῶδες e τὸ σαφές σκοπεῖν, que mostram bem como é a visão do historiador. O primeiro serve para indicar o fabuloso, em contraste evidente com o segundo, que acompanhado pelo verbo σκοπεῖν, aponta justamente a missão de Tucídides: *olhar de perto o verdadeiro*. Assim, temos mais uma vez a ênfase que o autor confere ao seu modo de operar, do mesmo modo que aproveita para diminuir os trabalhos dos rivais antecessores.

Tucídides prevê a importância dos acontecimentos para o futuro, acreditando que as coisas podem acontecer novamente, “por causa de seu conteúdo humano”. Pois bem, é esse

*conteúdo humano* que garante à obra uma complexidade diferente, algo que a mera realidade, a mera observação dos fatos não abarca. Se por um lado, ele não usa o *fabuloso*, por outro, busca atrair o leitor por meio da “utilidade” de seu texto. Deixa claro também o distanciamento existente entre ele e os autores anteriores, até então preocupados em agradar ao público ouvinte.

Ficamos então nesta encruzilhada, uma vez que

ao escapar da condição de mero comentador do texto historiográfico, ao considerar o próprio historiador como escritor, o pesquisador contemporâneo não só já não pode manter a crença literal na história como aporética afirmação da verdade como é forçado a admitir a inevitável parcialidade de quem escreve a história. (LIMA, 2006, p. 44).

A neutralidade, o racionalismo, tão evidentes em seu texto, muitas vezes, encobrem outras características menos evidentes. Tucídides afirmou que abandonaria o mito, que romperia com a fábula, para relatar somente os fatos, puros e simples, ou, em outras palavras, a lógica das ações. Entretanto, o trágico, o dramático e o épico estão inegavelmente presentes, sobretudo, nos relatos de batalhas, nos cercos de cidades e, pode-se dizer, nas reconstituições dos discursos dos personagens históricos envolvidos e na caracterização destes. O próprio historiador afirma, sem medo, que recria os discursos dos personagens históricos, baseado em informações escassas e nas circunstâncias dos acontecimentos:

καὶ ὅσα μὲν λόγῳ εἶπον ἕκαστοι ἢ μέλλοντες πολεμήσειν ἢ ἐν αὐτῷ ἤδη ὄντες, **χαλεπὸν τὴν ἀκρίβειαν** αὐτὴν τῶν λεχθέντων διαμνημονεῦσαι ἦν ἐμοί τε ὣν αὐτὸς ἦκουσα καὶ τοῖς ἄλλοθεν ποθεν ἐμοὶ ἀπαγγέλλουσιν: ὡς δ' ἂν ἐδόκουν ἐμοὶ ἕκαστοι περὶ τῶν αἰεὶ παρόντων τὰ δέοντα μάλιστ' εἰπεῖν, ἔχομένῳ ὅτι ἐγγύτατα τῆς ξυμπάσης γνώμης τῶν ἀληθῶς λεχθέντων, οὕτως εἴρηται. (I.22)

E o quanto cada um deles falou, os que iam estar em guerra, ou os que já estavam nela, **era difícil**, para mim, recordar **com exatidão** as palavras proferidas, tanto as que eu mesmo ouvi, quanto as que me disseram, de algum lugar; **como me pareceu melhor**: o que cada um tinha falado de pertinente sobre as atualidades, tendo em mente o mais próximo possível do conteúdo geral das palavras ditas verdadeiramente, – desta maneira será ordenado.

Mesmo com toda ênfase que Tucídides atribui ao seu método para alcançar a “verdade”, e seria atingida deixando que os fatos falem por si. Ele reconhece que era difícil saber de tudo. “*χαλεπὸν τὴν ἀκρίβειαν, αὐτὴν τῶν λεχθέντων διαμνημονεῦσαι ἦν ἐμοί*: era difícil, para mim, saber com precisão as coisas ditas...” Ao confessar esta constatação, o historiador não considera que prejudicaria seu relato. Muito pelo contrário, é delimitando

esses limites que o escritor consegue ultrapassá-los, ou seja, a partir do que ele não consegue apreender precisamente, surge, então, a necessidade da recriação. Esta, embora sempre vinculada à “verdade”, depende então daquele que escreve.

A dificuldade encontrada pelo historiador está em reproduzir tanto os discursos, que ele mesmo ouviu, quanto os que lhe foram transmitidos por outros. Com uma sinceridade desconcertante, Tucídides afirma que apresentará esses discursos de acordo com a sua percepção (ὡς δ' ἂν ἐδόκουν ἔμοι) e, seguindo seus critérios, reescreverá o que foi dito pelos diferentes personagens. É sem dúvida a questão mais polêmica presente na obra.

## 2. A questão dos discursos reconfigurados

Como já apontamos, embora Tucídides proponha mostrar somente a “verdade” dos fatos, um exame mais apurado e atencioso de seu relato evidencia que em muitos momentos o “real” acontecido, passado, se transforma em algo novo. Narrando o passado, pensando o passado, o autor já o está modificando, e sua impressão sempre “deformará” os acontecimentos. Seu olhar do passado contém inevitavelmente a influência das informações do presente. Assim, o autor

pretendia inaugurar a história opondo-a à poesia épica, especialmente homérica, pela recusa do primado do mito de que ele agora denunciava as limitações de um deficiente (dês)apego à verdade dos fatos. Todavia, prisioneiro de seu tempo, instruído por suas categorias e padrões de pensamento, sua obra fora vitimada por verdadeira peripécia irônica afim dos destinos trágicos, pois Tucídides, insciente mas inexoravelmente, acabou por conformar as proposições de sua história no e pelo quadro do pensamento mítico (MURARI PIRES, 1999, p. 9).

Portanto, Tucídides não consegue se separar completamente, continua *prisioneiro de seu tempo* e assim compõe sua obra *no e pelo quadro do pensamento mítico*. Mas o que isso significa propriamente? O que indica? O historiador estabelece, no início do relato, uma espécie de pacto com o leitor, algo mais ou menos assim: “não espere um discurso belo e agradável; eu vou mostrar aqui a verdade” (1,22). Por que associar a poesia ao falso e a história à verdade? Vale ressaltar que Aristóteles é de um período posterior, e, portanto, ainda não havia nenhuma espécie de teorização a respeito destes detalhes. A história como gênero nascia e aos poucos começou a despertar discussões.

A questão, para Tucídides, é que os autores que se utilizam do fabuloso, mesmo não preocupados em expor a verdade, induziam seus leitores/ouvintes a acreditarem. Assim, prestariam um desserviço ao homem. Embora não mencione o termo, Tucídides propõe uma *mimesis* do passado, mas esta não se dá apenas da contemplação do objeto ou da imagem, é preciso alcançar o plano geral das ideias para, a partir disso, refletir sobre os acontecimentos e a partir dela extrair a *verdade*. Esta é construída para que os homens futuros a conheçam. E, com ela, aprendam a não cometer os mesmos erros.

Portanto, a qualidade de Tucídides é não medir esforços para alcançar a verdade, ainda que, como questiona Lima (2006, p.36), “Os contemporâneos se preocupam com a construção da narrativa do historiador, e deixam em segundo plano a pergunta: ‘Aquilo que Tucídides aqui declara é verdadeiro?’”

Algo que não se contesta é justamente o ponto de vista da “verdade” do historiador:

Então a obra de Tucídides é história ou literatura, análise desapaixonada ou incitação emotiva, impessoal ou altamente pessoalizada, objetiva ou subjetiva, imparcial ou preconceituosa (*prejudiced*), simples ou retórica, verdadeira ou inverídica? A resposta há de ser: é tudo isso, embora Tucídides tenha uma clara preocupação com a verdade e, nisso, com diferentes espécies de verdade. (MOLES, J. L.: 1983, 144. *apud* LIMA, 2006, p. 38).

Mas a postura de Tucídides está de acordo com o contexto histórico de sua época. O estranhamento se dá porque, já o afirma Finley *apud* Lima (2006, p. 32) “partimos da premissa errada de supor que os gregos e os romanos consideravam o estudo e a escrita da história essencialmente como fazemos”. O amadurecimento da escrita da história foi o resultado de um processo iniciado por Heródoto, aperfeiçoado por Tucídides e seguido, posteriormente, em Roma.

## 2.1 Reconfigurando os discursos dos personagens

Como já apontamos, a maior polêmica presente na *A Guerra do Peloponeso* é justamente a forma com que o autor nos traz as falas dos personagens, e principalmente o procedimento que o guia na recriação desses discursos.

Tomem-se em consideração os seus discursos. O hábito embotou a nossa sensibilidade; mas perguntemos a nós próprios, só por instantes: Um homem imparcial, dotado dum espírito verdadeiramente histórico, seria capaz de tolerar o emprego de tal convenção? Observa-se, em primeiro lugar, o estilo deles. Sob o ponto de vista histórico, não será um ultraje, pôr a falar, exatamente do mesmo modo, toda uma série de figuras diferentes? [...] Não será evidente o fato de o estilo denunciar uma falta de interesse pela questão de se saber o que disse realmente um certo homem, em certa ocasião? Em segundo lugar, observe-se o conteúdo deles. Poderemos dizer que – apesar do seu (*sic*) estilo não ser histórico – a sua substância é histórica? Tal pergunta tem obtido diversas respostas. Tucídides diz que se manteve “tão fiel quanto possível” ao sentido geral daquilo que foi dito; mas a que ponto chegou essa fidelidade? (COLLINGWOOD, 1981, p. 43).

Não há consenso entre os críticos nesse ponto. O comentário acima indica bem algumas reflexões no mínimo interessantes. A imparcialidade que Tucídides pretende seria alcançada de que maneira? Refazendo todos os discursos dos personagens, de acordo com seus critérios, de modo que todos eles parecessem pertencer a um mesmo orador; ou apresentando, na medida do possível, as vozes individuais, enaltecendo as particularidades? Qual dos dois caminhos seria o mais adequado para fazer brotar a *verdade*?

O historiador opta pelo primeiro caminho, contraditoriamente: todos os discursos são iguais em termos estruturais e estilísticos, e fica bastante evidente que há um mesmo escritor encarregado de suas composições. Este mesmo autor é o responsável pelos dois lados do debate na assembleia, e por mais brilhante que a mente deste seja, todo este processo se mostra complicado.

O historiador, como observador, tem conhecimento do que houve antes, dos antecedentes gerais, dos fatos; e do que houve depois, ou seja, do resultado final do acontecimento. Mas conhecer o momento intermediário deste processo, as palavras proferidas na assembleia, por exemplo, as responsáveis pelas ações tomadas, era difícil.

A partir dessas informações do antes e do depois, como numa equação, Tucídides tenta preencher o momento entre um e outro. Baseando-se, então, nos detalhes, o autor refaz as falas dos personagens, *levando em conta o conteúdo geral do que foi dito*. Como precisar a fidelidade desta sua recriação?

Embora seja sensato entender-se que Tucídides não poderia, até por motivos materiais, simplesmente transcrevê-los – a extensão dos discursos e não poder se lembrar deles na íntegra ou basear-se em informações de terceiros –, o certo é que os dois critérios – “o que pensava apropriado” (*ta deonta*) e “o que foi realmente dito” (*alethos lekthenta*) – não se encaixam automaticamente. Para isso, seria preciso que o subjetivo e o objetivo se ajustassem com perfeição, o que não seria esperável,

porque a “distinção consciente entre, por um lado, o historiador como um registrador de fatos e, por outro, o escritor do dramaticamente plausível, [...] é uma distinção que só se formula com Aristóteles, conquanto a própria prática admirável de Tucídides possa ter contribuído para sua formação” (Hornblower, S.: 1987, p.46; *Apud* LIMA, 2006, p. 80).

Não podemos deixar de ter em mente, sempre, que Tucídides não assume o compromisso de escrever uma história, e sim de demonstrar a verdade dos acontecimentos, uma verdade histórica. Já comentamos este aspecto. É a posteridade que dará ao trabalho do ateniense o nome de *História*. Além disso, retomando o excerto acima, é somente Aristóteles quem estipulará os parâmetros, distinguindo o *historiador registrador de fatos*, por um lado; do *escritor do dramaticamente plausível*, por outro. E a possibilidade de que o relato tucidideano tenha sido alvo de intensa atenção por parte do filósofo é aceitável.

Mas o cerne da questão, aqui, é o encaixe que o autor faz entre o τὰ δέοντα e o ἀληθῶς λεχθέντα. Retomemos a frase: ὡς δ' ἂν ἐδόκουν ἐμοὶ ἕκαστοι περὶ τῶν αἰεὶ παρόντων τὰ δέοντα μάλιστ' εἰπεῖν, ἐχομένῳ ὅτι ἐγγύτατα τῆς ξυμπάσης γνώμης τῶν ἀληθῶς λεχθέντων, οὕτως εἴρηται. (como me pareceu melhor: o que cada um tinha falado de pertinente sobre as atualidades, tendo em mente o mais próximo possível do conteúdo geral das palavras ditas verdadeiramente, – desta maneira será ordenado). Ao traduzirmos, optamos por adaptar o sentido literal do termo δέοντα – aquilo que é certo, garantido, obrigatório, direito, adequado, - e utilizamos o termo “pertinente”. Assim, acreditamos ter mantido o sentido original, já que Tucídides neste momento esclarece que vai escolher o que é pertinente, para depois selecionar e compor as palavras ditas pelos oradores.

Este é o momento intermediário de que falávamos anteriormente, quando o historiador se afasta do real, para a partir dele recriar uma outra realidade, aquela presente no relato. A mente do autor seleciona o que é pertinente, ou seja, ele omite ou acrescenta, se isso for necessário. A “verdade”, a exatidão da pesquisa abre espaço para a recriação do que foi dito. E o leitor de Tucídides é ludibriado, pois é tão sutil o procedimento que tudo se confunde.

É a ideia discutida ainda pelo excerto acima. Lima (2006), apoiado na profunda pesquisa de Hornblower (1987, p.46), mostra justamente que o subjetivo e o objetivo, não delimitados e sem divisórias, aparecem entrelaçados perfeitamente. Afinal, o historiador apresenta o seu relato como fiel retrato do real, e cabe ao leitor embarcar ou não. O autor está no papel dele ao fazer o seu autoelogio, e mostrar-se onipresente é o que Tucídides pretende.

Outro detalhe que quase passa despercebido – o complemento da frase. Depois de afirmar que irá escolher o que é adequado, ou seja, na sequência de definir o que os oradores deveriam ter falado, levando em conta os acontecimentos, Tucídides completa assim: “ἐχομένῳ ὅτι ἐγγύτατα τῆς ξυμπάσης γνώμης τῶν ἀληθῶς λεχθέντων” (“tendo em mente o mais próximo possível do conhecimento geral das palavras verdadeiramente ditas”). O conteúdo geral não pode ser o responsável para mostrar o específico, o detalhe, a particularidade que é cada situação. Assim composto, o relato tucidideano deixa de ter a confiabilidade do que é exato, e passa a ser “apenas” a obra que mostra uma história distorcida, fruto de uma mente altamente manipuladora e genial, intrincando fatos e versões, ditos e não ditos.

## 2.2. Metodologia ou procedimento

A estratégia estabelecida pelo historiador é expor os discursos dos personagens envolvidos na guerra, fazendo com que várias vozes se confrontem. Com eles, mostra as opiniões contrárias, mostra o contexto das situações, de modo que aquele *conteúdo humano* referido anteriormente aflore. Seguindo a afirmação de Finley (1990, p.66), “A combinação que descobriu sobrevive porque é particular e universal simultaneamente e constitui, em última análise, obra de um moralista”.

Notamos o historiador apresentando os grandes personagens da guerra, enaltecendo suas qualidades e apontando seus defeitos, nesse objetivo de legar à posteridade um guia de como agir, já que a lógica expressa nos discursos se repetiria ao longo da existência humana. Assim, surgem modelos de conduta, de comportamento, exemplos de homens ilustres e seus grandiosos feitos. Podemos confiar?

Tucidides tem sido frequentemente apresentado como um historiador “científico”, objetivo, sereno, ou como cientista político. Desse modo, vale a pena enfatizar os elementos literários em sua obra, como o fez Francis Cornford há muito. É particularmente necessário chamar a atenção para os discursos que ele atribui a Péricles e a outras figuras proeminentes em sua história. Esses discursos desempenham importantes funções na história de Tucídides, (...). Entretanto, os discursos não foram proferidos por Péricles e pelos outros protagonistas. Foram inventados pelo historiador. (BURKE, 1997, p. 108).

Os discursos desses homens revelam muito mais do que parece. Com eles também podemos apontar as preferências do historiador, na medida em que tal figura histórica, por exemplo, no relato, recebe pouco espaço, mesmo tendo sido importante na guerra. Portanto, notamos o autor “comprometer” a sua narrativa por um ponto de vista pessoal. O contrário também ocorre, já que os homens admirados recebem mais espaço, e mais discursos são apresentados. Perdido fica o leitor, também, acreditando nessa neutralidade. Quando se espera do historiador uma postura mais áspera, fornece-nos o contrário. Como estabelecer um parâmetro para enxergar a *verdade*? Até que ponto Tucídides escolhe usar a sua imaginação, em detrimento do estritamente pesquisado? De que forma os antigos modelos de composição fornecidos pela tradição épico/trágica influenciam a narrativa tucidideana? Se, em um primeiro momento, como afirma Burke acima, a crítica especializada taxava o historiador de “científico”, logo ficou claro, principalmente após o trabalho de Cornford, que Tucídides não era tão científico assim, já que passou a considerar a presença de certa ficcionalidade em seu relato. A confecção dos discursos, tendo o historiador usado da sua própria imaginação ou não, é complexa.

Tucídides tenta, para garantir maior precisão, primeiramente estabelecer o foco de sua pesquisa. Assim, pode organizar melhor as informações coletadas, para a partir delas extrair a verdade. O pesquisado serve de base para toda a narrativa. A imaginação de Tucídides se limita a ligar e preencher as lacunas, aquelas coisas que não podem ser averiguadas, mas que pela lógica do historiador podem ser reconstruídas. E dentro ainda deste aspecto imaginativo da narrativa, podemos aproximá-lo da épica. No que se refere ao próprio tema escolhido (a guerra), e também a criação de heróis para serem exaltados.

Tomemos como exemplo de exaltação ao herói a figura de Brásidas, general espartano que desempenhou papel fundamental na Guerra do Peloponeso. Este militar enfrentou e massacrou a tropa comandada pelo próprio Tucídides. O historiador quase se apaga como sujeito agente na guerra, buscando afastar-se ao máximo da sua visão particular, por um lado, e tentando assim garantir maior confiabilidade no que relata. Portanto, o autor faz o relato de sua própria derrota, e não deixa transparecer nenhuma espécie de rancor. Detalhe: por causa desta derrota, Tucídides foi punido com um exílio de 20 anos, situação esta que acabou favorecendo o seu trabalho de historiador, permitindo-lhe ver a guerra com outros olhos, afastado de Atenas. Ele próprio o afirma (IV, 26): “καὶ ξυνέβη μοι φεύγειν τὴν ἐμαντοῦ ἔτη εἴκοσι μετὰ τὴν ἐς Ἀμφίπολιν στρατηγίαν, καὶ γενομένῳ παρ’ ἀμφοτέροις τοῖς πράγμασι,

Acompanhava de perto quando tive que me exilar durante vinte anos, após o meu comando em Anfípolis, o que me propiciou contato com os dois lados dos acontecimentos”. Contudo, tal situação também o afastou dos centros onde as questões políticas eram discutidas, e conseqüentemente, dificultou-lhe o acesso à maior quantidade de fontes. Quanto mais afastado, maior era a dependência da memória de quem lhe trazia a informação. E, como vimos, Tucídides não confiava na memória de quem relatava.

Mas no caso específico de sua batalha, a chamada Batalha de Anfípolis, Tucídides não precisa se valer de fontes, já que estava presente. O autor mostra uma sincera admiração pelo rival, surpreendentemente. Vitorioso, o general Brásidas, ao longo de suas façanhas militares, revelou-se um espartano no mínimo diferente: possuía uma personalidade carismática e uma postura muito equilibrada, aspecto observado pelo próprio Tucídides:

ὁ γὰρ Βρασίδης ἔν τε τοῖς ἄλλοις μέτριον ἑαυτὸν παρεῖχε, καὶ ἐν τοῖς λόγοις πανταχοῦ ἐδήλου ὡς ἐλευθερώσων τὴν Ἑλλάδα ἐκπεμφθεῖη (Tuc. IV, 108.2).

Pois Brásidas mostrava-se moderado em todas as atitudes, e em seus discursos, em todo lugar, deixava claro que ele fora enviado para libertar a Hélade.

Como já afirmamos, Brásidas obteve uma vitória marcante sobre Tucídides. Podemos então nos questionar: o historiador exagera ao pintar a figura do rival, para que sua derrota seja amenizada, ou o oponente realmente era este herói épico que o relato nos apresenta? Logo nas primeiras ações do rival, o historiador já realçava as qualidades do oponente:

αὐτὸν τε Βρασίδαν βουλόμενον μάλιστα Λακεδαιμόνιοι ἀπέστειλαν (πrouθυμήθησαν δὲ καὶ οἱ Χαλκιδῆς), ἄνδρα ἐν τε τῇ Σπάρτῃ δοκοῦντα δραστήριον εἶναι ἐς τὰ πάντα καὶ ἐπειδὴ ἐξῆλθε πλείστου ἄξιον Λακεδαιμονίοις γενόμενον. τό τε γὰρ παραυτίκα ἑαυτὸν παρασχὼν δίκαιον καὶ μέτριον ἐς τὰς πόλεις ἀπέστησε τὰ πολλά, τὰ δὲ προδοσία εἴλε τῶν χωρίων, ὥστε τοῖς Λακεδαιμονίοις γίνεσθαι ξυμβαίνειν τε βουλομένοις, ὅπερ ἐποίησαν, ἀνταπόδοσιν καὶ ἀποδοχὴν χωρίων καὶ τοῦ πολέμου ἀπὸ τῆς Πελοποννήσου λώφησιν: ἔς τε τὸν χρόνον ὕστερον μετὰ τὰ ἐκ Σικελίας πόλεμον ἢ τότε **Βρασίδου ἀρετὴ καὶ ξύνεσις**, τῶν μὲν πείρα αἰσθημένων, τῶν δὲ ἀκοῆ νομισάντων, μάλιστα ἐπιθυμίαν ἐνεποίει τοῖς Ἀθηναίων ξυμμάχοις ἐς τοὺς Λακεδαιμονίους. (Tuc. IV, 81.1).

O próprio Brásidas, muito considerado pelos lacedemônios, fora enviado (os Calcídios tinham-no vivamente solicitado) - um homem que em Esparta já tinha fama de ser eficiente em todas as atividades, e depois de partir ele conquistara ainda mais valor frente aos lacedemônios. Nesta situação, ele mesmo era justo e comedido no trato com as muitas cidades; tomou muitas localidades por meio da traição, para fazê-las aliarem-se aos lacedemônios, como precisamente acabavam fazendo. Por causa destas localidades recuperadas uma pausa na guerra foi conquistada pelo Peloponeso. Mais tarde, depois da guerra contra a Sicília, **a virtude e o bom senso de Brásidas**, percebidas em suas ações, costumeiramente ouvidas, fizeram os que lutavam a favor

de Atenas passar a queimar incenso para os Lacedemônios. Pois ele foi o primeiro (espartano) a alcançar boa reputação no estrangeiro, e espalhou a firme esperança de que todos os outros eram como ele.

Conforme avançava com suas tropas, colecionava aliados pelo caminho, sempre tentando estabelecer um diálogo pacífico. Assim, por meio de seus discursos e de sua postura, conseguiu que muitos aliados dos atenienses passassem a apoiar os espartanos. Interessante é notarmos que a fama de Brásidas vai pouco a pouco se espalhando. Começa localmente, e conforme o general avança, a reputação aumenta. Tucídides retrata-o como um verdadeiro herói épico, conduzindo, sozinho, tropas por terrenos inimigos, vencendo batalhas pela inteligência e pela força. “*ἡ Βρασίδου ἀρετὴ καὶ ζῶνεις, a virtude e o bom senso de Brásidas*”. Esta é a frase que resume bem o que Tucídides nos quer contar.

Detentor da lábia para convencer, produzia discursos retóricos e motivadores; e na hora de agir, sabia usar da força e da habilidade na guerra propriamente dita. A particularidade de Brásidas, portanto, por um lado, é a de se afastar do perfil comum do espartano, homem exclusivamente de ação, bravo na batalha, mas com pouco trato político, e, por outro, a de se revelar um estrategista completo, hábil com as armas, hábil com as palavras:

αὐτός τε οὐκ ἐπὶ κακῷ, ἐπ’ ἐλευθερώσει δὲ τῶν Ἑλλήνων παρελήλυθα, ὄρκοις τε Λακεδαιμονίων καταλαβὼν τὰ τέλη τοῖς μεγίστοις ἢ μὴν οὐς ἂν ἔγωγε προσαγάγωμαι ξυμμάχους ἔσεσθαι αὐτονόμους, καὶ ἅμα οὐχ ἵνα ξυμμάχους ὑμᾶς ἔχωμεν ἢ βία ἢ ἀπάτη προσλαβόντες, ἀλλὰ τούναντίον ὑμῖν δεδουλωμένοις ὑπὸ Ἀθηναίων ξυμμαχήσοντες. οὐκ οὐκ ἄξιόν οὐτ’ αὐτὸς ὑποπτεῦσθαι, πίστεις γε διδοῦς τὰς μεγίστας, οὐδὲ τιμωρὸς ἀδύνατος νομισθῆναι, προσχωρεῖν τε ὑμᾶς θαρσύναντας. (Tuc. IV, 86.1).

Eu em pessoa não venho fazer mal, mas para obter a libertação dos Helenos, e recebi as maiores garantias por parte dos lacedemônios de que os que eu trouxesse para o nosso lado, manter-se-iam autônomos politicamente, uma vez que não faremos aliados por meio da violência ou da fraude, mas de peito aberto fazer dos que são escravizados pelos atenienses nossos aliados. Então não é justo que desconfiem de mim, pois já lhes apresentei grandes provas, nem que me considerem um protetor inábil; aproximai-vos com coragem.

Foi ideia de Brásidas assumir como lema essa fala libertadora. Ele estava ciente de que não conseguiria convencer as cidades menores e persuadi-las a trair o pacto com Atenas, se Esparta agisse da mesma maneira que a rival. Assim, começou a dizer que ele não lutava pensando em construir um império, em conseguir colônias. Sua missão, autorizada pelos

peloponésios, era a de libertar as cidades da Grécia da escravidão imposta pelos atenienses. Enquanto estes vinham para *escravizar*, aqueles, para *libertar*. Então, esses discursos de Brásidas espalhavam-se e causavam estragos, pois as cidades ficavam na expectativa da chegada do general. As palavras sempre chegavam antes, e a estratégia foi perfeita.

Logo, como o historiador traça o perfil do adversário? Como o observador compôs a figura deste estrategista, um personagem que ficou famoso na antiguidade? Até que ponto história e literatura se enlaçam numa forma de narrar até então nova, na qual personagens históricos são apresentados ao leitor como verdadeiros heróis, deixando claro, desta forma, o futuro já traçado destes personagens? Se já é uma tarefa difícil saber como o historiador obteve informações sobre os discursos dos atenienses, mais complicado ainda se mostra saber o dos do adversário:

Lia tudo o que havia para ler, mas devia ser muito pouco, porque vivia num mundo de palavras e não de escrita. Basicamente, tudo – os debates na assembleia, as embaixadas, as manobras nos bastidores, as batalhas – tinha de ser reconstituído a partir do que lhe revelavam ou presenciava. (FINLEY, 1990, p. 56).

Se, por um lado, Tucídides mostra admiração e garante um bom espaço em seu relato a Brásidas, por outro, a atitude em relação a Cléon, político ateniense que teve de enfrentá-lo, foi diferente, pois este

governou Atenas durante vários anos após a morte de Péricles; porém, Tucídides concede-lhe somente quatro aparições, uma das quais limitada a uma simples frase e um discurso. A imagem que emerge é completa e dramática... mas corresponderá à realidade? Não sabemos. Mais do que isso, a imagem pretende representar não só Cléon, mas o demagogo como um tipo, o gênero de líder que ocupou o poder quando Péricles morreu e, na opinião do historiador, conduziu Atenas à loucura e destruição. (FINLEY, 1990, p. 66).

Assim, temos um personagem importante da guerra, mas que pouco aparece, em virtude da rixa com o historiador. A questão é se faz falta ao relato uma imagem mais completa de Cléon. O uso que Tucídides faz da figura de Cléon é apresentar o demagogo em essência, *o demagogo como um tipo social*, um estereótipo, tal como Aristófanes o faz em suas comédias. Ele é mais uma sombra na cidade, alguém que paira nas entrelinhas do relato na medida em que os acontecimentos se sucedem. Quando fala, o faz por si próprio, sem brilho, sem aquela força que notamos, por exemplo, no discurso de Brásidas, acima mostrado.

O detalhe é que embora os discursos tenham sido proferidos por diferentes oradores, todos eles possuem o mesmo estilo de composição, dentro do relato de Tucídides.

Dessa maneira, temos um historiador que cria livremente seus personagens, monta seus respectivos discursos, indica suas ações durante a guerra e o faz sempre baseado em suas pesquisas. Entretanto, as informações são sempre imprecisas, na maioria das vezes. O autor aí surge como criador, na medida em que são dele as escolhas do *modo como* escrever a história. Refletir sobre os dados pesquisados e, com eles, montar a narrativa, não é ação meramente descritiva ou narrativa. Tal processo de reconfiguração dos fatos exige também do historiador uma força criativa considerável.

### 3. O diálogo dos Mélios

No famoso diálogo de Melos, – esta denominação não foi dada por Tucídides; posteriormente, a crítica convencionou nomear deste modo o pequeno recorte da obra – o historiador nos apresenta uma espécie de microtragédia. Há um prólogo, há a ação (representada pelos discursos alternados em forma de diálogo), e há o final trágico. Num embate que lembra, por um lado, uma disputa de tribunal, por outro, um diálogo trágico de Eurípedes, Tucídides se deixa levar pela tragicidade. Curioso é que a batalha em Melos não teve nenhuma relevância para a guerra, foi um ataque a uma pequena e indefesa ilha. Por que então tamanho destaque? Por que então formatar a batalha de modo tão peculiar, único do tipo em todo o relato?

Já se disse (Howald, *Vom Geist der antiker Geschichtschreibung*, München/Berlin 1944) que nem sempre Tucídides escolhe os fatos mais importantes para integrar sua exposição e que, muitas vezes, ocorre justamente o contrário: o que ele escolhe passa a ter importância. A operação militar realizada contra Melos durou apenas um verão e nada representou para o império ateniense em termos de ganho de poder ou de território, nem teve peso para a decisão da guerra. Apesar disso a passagem dedicada a esse episódio e que inclui o Diálogo é uma das mais importantes da *História da Guerra do Peloponeso*. (PRADO, 1995, p.113).

Se o “que ele escolhe passa a ter importância”, ficamos nas mãos do autor. Uma vez nas mãos dele, conduzidos por ele, o leitor vê a história se transformando em estória. Dependemos sempre do método, da qualidade, da sinceridade do historiador. Mas e se ele não é sincero? Se ele omite fatos e informações, simplesmente porque não lhe convém, estilisticamente? Se um episódio insignificante “historicamente” ganha relevância não pelo que ele representa em si, mas pela forma com que é apresentada por Tucídides, temos uma evidência bastante clara de que a interferência do autor altera *a verdade* dos fatos.

Vamos continuar a análise deste Diálogo, pois com ele ficará bastante exemplificado o processo de recriação tucidideano. Este é o contexto: os atenienses querem conquistar a ilha de Melos, que se manteve durante muito tempo neutra no conflito. Seus habitantes eram colonos da lacedemônia, região na qual Esparta está localizada. Pois bem, a marinha ateniense se instala, e pede uma reunião. Tucídides nos deixa a par da situação, como narrador que é, e em seguida desaparece, contribuindo assim para o tom dramático que o trecho possui. Como num prólogo de tragédia, ele fornece o cenário, deixando os atores agirem. O que se segue são apenas as “falas” dos atenienses e dos mélios, sem intervenção ou comentário do narrador. Eis alguns trechos do texto:

**MHA.**

Καὶ πῶς χρήσιμον ἂν ξυμβαίῃ ἡμῖν δουλεῦσαι, ὥσπερ καὶ ὑμῖν ἄρξαι; (Tuc. V, 92).

**AΘ.**

ὅτι ὑμῖν μὲν πρὸ τοῦ τὰ δεινότατα παθεῖν ὑπακοῦσαι ἂν γένοιτο, ἡμεῖς δὲ μὴ διαφθείραντες ὑμᾶς κερδαίνομεν ἂν. (Tuc. V, 93).

**MHA.**

Ὡστε [δὲ] ἡσυχίαν ἄγοντας ἡμᾶς φίλους μὲν εἶναι ἀντὶ πολεμίων, ξυμμάχους δὲ μηδετέρων, οὐκ ἂν δέξαισθε; (Tuc. V, 94).

**AΘ.**

οὐ γὰρ τοσοῦτον ἡμᾶς βλάπτει ἢ ἔχθρα ὑμῶν ὅσον ἢ φιλία μὲν ἀσθeneίας, τὸ δὲ μῖσος δυνάμεως παράδειγμα τοῖς ἀρχομένοις δηλούμενον. (Tuc. V, 95).

**Mélios:** Mas qual é a vantagem para nós em sermos escravizados, comparando com a vossa, em nos dominar?

**Atenienses:** Para vós, se nos dessem ouvidos, evitariam sofrer coisas piores, e para nós, ganharíamos por não ter que vos destruir.

**Mélios:** E por que não nos deixam em paz, para sermos amigos ao invés de inimigos, já que não nos juntaríamos aos aliados?

**Atenienses:** Não, pois se assim fosse, nossos inimigos tomariam tal amizade como uma fraqueza, enquanto que o vosso ódio é mostra de nosso poder para nossos súditos.

A ação das falas alternadas e o desaparecimento do narrador garantem um tom dramático ao trecho. Não apenas a forma em si, mas, sobretudo a linguagem dos participantes. De um lado, a tentativa de salvação de toda uma cidade, uma tentativa vã de fazer prevalecer o bom-senso, uma vez que a conquista da minúscula ilha não influenciaria em nada na guerra, um apelo para *deixar-nos em paz*, e para *sermos amigos em vez de inimigos, sem nos aliarmos a qualquer dos lados* (dizem os mélios); de outro lado, as explicações frias e diretas, pois *aos olhos de nossos súditos esta seria uma prova de nossa fraqueza, enquanto o vosso ódio é uma demonstração de nossa força* (dizem os atenienses).

Pois bem, terminada a argumentação, a situação não se modifica (Melos não se rende), e os atenienses encerram: “estais arriscando tudo ao depositar vossa confiança nos lacedemônios, na sorte e em esperanças, e perdereis tudo” (5,113). Com esse final profético, o narrador/historiador retoma a palavra, “os emissários atenienses regressaram ao local onde estavam as tropas, e como os mélios não deram ouvidos a coisa alguma, seus generais iniciaram imediatamente as hostilidades...”. Assim, os atenienses sitiaram a ilha e esperaram que o desespero enfraquecesse a resistência dos ilhéus. Entretanto, logo surgiram traidores, e estes ajudaram na capitulação. Os atenienses executaram todos os homens em idade militar, e o resto da população (velhos, mulheres e crianças) foi escravizado. Imediatamente, mandaram vir de Atenas quinhentos colonos, para repovoar a ilha.

O final trágico acontece por teimosia dos mélios? Por honra? O leitor, neste momento, como fica? Do lado ateniense ou do lado mélio? Aqui o trágico é previamente analisado: o narrador expõe com clareza todos os acontecimentos, de modo que os personagens são apresentados conforme o autor necessita para corroborar suas teses e, desta forma, ir conduzindo o leitor. Contudo,

as situações históricas não são *inerentemente* trágicas, cômicas ou românticas. Podem ser todas inerentemente irônicas, porém não precisam ser urdidas dessa forma. Tudo o que o historiador necessita fazer para transformar uma situação trágica numa cômica é alterar o seu ponto de vista ou modular o escopo das suas percepções. Em todo o caso, só pensamos nas situações como trágicas ou cômicas porque tais conceitos fazem parte de nossa herança cultural e literária em particular. (WHITE, 1995, p. 102).

O leitor vai transformando-se em espectador. Contudo, numa peça de teatro, por exemplo, o espectador tem a liberdade do olhar. Observa tal ator, muda o foco para outro; olha determinado detalhe do cenário, olha para o céu, enfim, sua atenção está livre. Se pensarmos no leitor de Tucídides, temos sim um espectador, mas mais precisamente um espectador, na medida em que, como em um filme, o que “aparece” é aquilo que a câmera capta; para o leitor, só existe aquilo que o historiador narra. E ponto. O narrador faz a função da câmera, conduzindo o olhar do leitor. Em determinados momentos, o foco dessa câmera aproxima (como no caso de Melos); em outros, ele se afasta, abrindo mais a imagem para fornecer um quadro mais geral. Aproximar ou afastar o foco da narração garante mais ou menos credibilidade?

Permanece, contudo, o enigma: por que o historiador deu tanto destaque a acontecimento tão minúsculo? De que forma a sua pesquisa propiciou-lhe mais detalhes acerca deste evento, a ponto de fazer tal caracterização? Utilizando as palavras de Weinhardt sobre a obra *Como se escreve a história*, de Paul Veyne (1987), “o acontecimento não tem existência em si, mas é produzido pelo cruzamento de alguns dos muitos itinerários possíveis. O historiador escolhe livremente os itinerários, uma vez que são igualmente legítimos”. (p.113).

Na mesma linha de raciocínio, Hayden White, em seu polêmico texto, afirma:

*O modo como* uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária, vale dizer, criadora de ficção. (WHITE, 1995, p. 102.)

Portanto, o “modo como” (expressão de White), ou “os itinerários possíveis”, (expressão de Veyne), são conceitos fundamentais para esclarecer as questões que o relato tucidideano deixa no ar. Tentamos, nesta dissertação, percorrer alguns caminhos, discutindo estas polêmicas.

#### 4. Conclusão do capítulo

Como já apontamos, embora Tucídides proponha mostrar somente os fatos, um exame mais apurado e atencioso de seu relato evidencia que em muitos momentos o “real” acontecido, passado, se transforma em algo novo. Narrando o passado, pensando o passado, o autor já o está modificando, e sua impressão sempre “deformará” os acontecimentos. Seu olhar do passado contém inevitavelmente a influência das informações do presente.

Devemos ter em mente, no entanto, que a visão que hoje temos da História, ou seja, numa perspectiva moderna, não é a mesma do período clássico. É muito cômodo para o crítico apontar *n* falhas, erros, contradições, incertezas e inverdades que Tucídides poderia ter cometido, comparando-o ao historiador científico da atualidade. A grande questão, ainda não respondida, é tentar desvendar as nuances do relato. Por que o historiador repete com tanta ênfase, ao iniciar a obra, que vai mostrar somente os fatos? Por que o autor despreza tanto os poetas e logógrafos, os antigos responsáveis pela “contação” dos eventos passados? Por que Tucídides considera-se tão superior? Por que ele não deixa espaço para que o leitor reflita sobre as informações, e ao invés disso controla com toda a força as rédeas do relato?

Estas são algumas questões que ainda não foram totalmente discutidas. O fato é que a obra é vasta e permite múltiplas análises e pontos de vista. Como já foi dito, em nenhum momento Tucídides nomeia-se como um historiador, pelo simples fato de que essa figura ainda não existia. Não podemos, portanto, afirmar que Tucídides é um historiador ruim. O autor da *Guerra do Peloponeso* escreve a verdade sobre algo, e não a história verdadeira deste algo. São perspectivas diferentes. Na primeira, não há alternativa nem discussão. A ἀλήθεια, a verdade (realidade), é única (proposição problemática, mas trata-se de uma premissa tucidideana, e não nossa). Ponto de contato, talvez, entre o divino e o racional, na medida em que este a persegue, e aquele a detém (ou detinha).

Se com Homero e Hesíodo esta verdade, ou seja, a obra como discurso, como expressão de algo, era a verdade porque tinha o respaldo das musas inspiradoras, que traziam os versos e utilizavam o poeta como uma espécie de elo entre o divino/mitológico/fabuloso e o humano; agora, com Tucídides, a racionalidade da filosofia, da pesquisa e do palpável impera, e a garantia da *verdade* é fornecida pela capacidade intelectual de um indivíduo, apenas. É claro que a aproximação poesia-história nos remete a inúmeras questões. E posteriormente, substitui-se o termo *poesia* por *ficção*. Assim, pois, história e ficção andam

entrelaçadas, como vimos no relato tucidideano (e continuaremos a ver ao longo desta dissertação), e a poesia afastou-se deste embate.

Ainda hoje se discute quem influencia ou depende de quem. A contribuição que o ficcional garante ao histórico, neste preencher lacunas, neste recriar de falas de personagens reais, vivendo situações reais, por que o recriado deixaria de ser real? As palavras proferidas, exatas, correspondem a uma singularidade que jamais será recuperada. A recriação, tendo como base as informações pesquisadas, permite aos que não participaram do momento, conhecer, mesmo que minimamente, o passado.

Não se pode acreditar piamente na verdade histórica, tal qual Tucídides acredita, porque ela depende do indivíduo, e como tal, inevitavelmente, conterà subjetividades e parcialidades. Durante muito tempo acreditou-se na imparcialidade do historiador, mas esta visão já não se sustenta.

Já houve tempo em que o Ficcionalista pode ter invejado o historiador ou, pelo menos eventualmente, tenha se sentido inferiorizado por não dispor dos mesmos recursos, isto é, da intimidade com os documentos, para alcançar o que se supunha ser o acesso à Verdade, uma entidade com existência própria. A crença na transparência da referencialidade histórica e na neutralidade do discurso dito científico era incontestável, desprezando-se ou fingindo-se ignorar as sombras que turvavam essa translucidez. (WEINHARDT, 2002, p. 106).

Portanto, não há apenas uma história, não há apenas uma realidade presente do passado. Nada é tão *transparente*. A Guerra do Peloponeso contada por um espartano será diferente da narrada por um ateniense.

A ideia de Tucídides, a de fornecer uma *aquisição para sempre*, é centrada na certeza de que ele tem em se apoiar nestes três pontos: primeiro, na sua própria qualidade como observador do comportamento humano; segundo, na sua própria capacidade intelectual de processar e analisar as informações; e por último, a confiança que deposita em sua forma de escrita, uma linguagem que busca sempre construir imagens verbais para o leitor.

## **CAPÍTULO 2 – HISTORIOGRAFIA**

## 1. Introdução do capítulo

Apresentamos, ao longo do primeiro capítulo da dissertação, alguns aspectos que fazem da obra de Tucídides algo diferente do que até então fora produzido. Comentamos sua metodologia, sua postura em relação aos poetas e logógrafos, e sua atitude compromissada em mostrar a verdade dos fatos ao leitor.

Neste segundo capítulo, nosso ponto principal será o nascimento da narrativa histórica. Abordaremos mais proximamente o texto tucidideano, enaltecendo as características do autor, mostrando todo o seu esforço na busca pela verdade. A organização geral da obra também merece análise, uma vez que a alternância entre discursos e relatos descritivos não é casual.

Veremos também como Tucídides desmistifica com facilidade a lendária Guerra de Troia, ao mesmo tempo em que enaltece a grandiosidade da Guerra do Peloponeso. Sempre que oportuno, citaremos também Heródoto, “fundador” do gênero e parâmetro inevitável para Tucídides; e Xenofonte, o continuador/seguidor. É interessante não deixar de lado o antes e o depois, ou seja, qual legado um autor recebeu, e qual deixou ao seguinte. Quem influenciou ou foi influenciado; quem resolveu romper com a tradição, para tentar algo novo. Tudo isso naquele contexto já esboçado no início desta dissertação, a saber, naquele mundo no qual ainda não havia separação entre real e ficcional.

O modelo épico, inevitavelmente, exerceria influência na produção destes autores que, quase deslocados no tempo, tentavam iniciar um modelo novo de narrativa. Era normal, portanto, que houvesse um ponto de partida, algo concreto e difundido. Tomar como paradigma o modelo épico, mesmo que para modificá-lo, é atitude natural, uma vez que, como já dissemos, o passado glorioso era contado pela epopeia, e não pela história. Até mesmo a tragédia contribuiu para este processo.

Quando Heródoto atingiu a juventude, o passado distante estava bastante vivo na consciência dos homens, mais vivo do que os séculos ou as gerações recentes: Édipo, Agamenon e Teseu eram mais reais para os atenienses do século V que qualquer figura histórica anterior a esse século salvo Sólon, e este foi elevado à categoria daqueles, ao ser transformado em figura mítica. As tragédias e odes corais apresentadas anualmente nas grandes festividades religiosas faziam ressurgir os heróis míticos, e estes, recuando pelas gerações de homens até chegarem aos deuses, recriavam a trama contínua da vida para o público, pois os heróis do passado, e

mesmo muitos heróis do presente, tinham ascendência divina. Tudo isso era sério e verdadeiro, literalmente verdadeiro. Era a base da religião deles, por exemplo. (FINLEY, 1989, p.5).

Portanto, Édipo, Agamemnon e Teseu, embora míticos, eram reais para o homem grego, pois suas imagens eram tão bem construídas, que nesta mistura entre real e ficcional nasciam as histórias, “literalmente verdadeiras”, como afirma Finley. A forte crença dependia da religião, e não podemos deixar de lembrar que, sobretudo neste período da história humana, a mitologia exercia papel fundamental, seja na religião, seja na cultura de uma maneira geral, e tudo se imbricava: poesia, teatro, filosofia etc.

Mas Tucídides, mesmo com toda a sua propagada atenção à verdade, com toda a sua preocupação em desmitificar o passado, acaba, por assim dizer, em alguns momentos, mitificando. Age assim, por exemplo, quando cria a imagem dos perfeitos Péricles e Brásidas, e do imperfeito Cléon. Desmitifica a Guerra de Troia e seus heróis; mas amplifica a Guerra do Peloponeso e seus personagens, numa disputa entre o passado fabuloso e glorioso (épico), de um lado, e o passado/presente “real” (histórico), de outro. Com isso, além de desmerecer os trabalhos anteriores ao seu, consegue enaltecer a qualidade da sua narrativa e criar heróis para a posteridade.

## **2. Desmitificando o passado lendário**

### **2.1 A Guerra de Troia**

Tucídides inicia a sua obra fazendo uma espécie de recapitulação breve da história da Grécia. Esta parte da narrativa é costumeiramente chamada de “Arqueologia” pela crítica. Nela, o historiador fornece um quadro bastante interessante, ilustrando bem a formação do povo grego, as migrações, os conflitos, as características da região etc. E, embora quase despercebido ao leitor, Tucídides já começa a atacar veladamente o passado grandioso e mítico, em comparação com o momento presente, muito mais importante segundo ele. Assim, ele inicia a desmitificação da Guerra de Troia, citando as cidades de Micenas, Esparta e Atenas.

καὶ ὅτι μὲν **Μυκῆναι** μικρὸν ἦν, ἢ εἴ τι τῶν **τότε** πόλισμα **νῦν** μὴ ἀξιόχρεων δοκεῖ εἶναι, οὐκ ἀκριβεῖ ἄν τις σημείῳ χρώμενος ἀπιστοίῃ μὴ γενέσθαι τὸν στόλον τοσοῦτον ὅσον οἷ τε ποιηταὶ εἰρήκασι καὶ **ὁ λόγος κατέχει**. **Λακεδαιμονίων** γὰρ εἴ ἢ **πόλις** ἐρημωθεῖη, λειφθεῖη δὲ τὰ τε ἱερὰ καὶ τῆς κατασκευῆς τὰ ἐδάφη, πολλὴν ἂν οἶμαι ἀπιστίαν τῆς δυνάμεως προελθόντος πολλοῦ χρόνου τοῖς ἔπειτα πρὸς τὸ κλέος αὐτῶν εἶναι (καίτοι Πελοποννήσου τῶν πέντε τὰς δύο μοίρας νέμονται, τῆς τε ξυμπάσης ἡγοῦνται καὶ τῶν ἔξω ξυμμάχων πολλῶν: ὅμως δὲ οὔτε ξυνοικισθείσης πόλεως οὔτε ἱεροῖς καὶ κατασκευαῖς πολυτελέσι χρησαμένης, κατὰ κόμας δὲ τῶ παλαιῶ τῆς Ἑλλάδος τρόπῳ οἰκισθείσης, φαίνουσιν ἂν ὑποδεεστέρα), **Ἀθηναίων** δὲ τὸ αὐτὸ τοῦτο παθόντων διπλασίαν ἂν τὴν δύναμιν εικάζεσθαι ἀπὸ τῆς φανεράς ὄψεως τῆς πόλεως ἢ ἔστιν. οὐκ οὐκ ἀπιστεῖν εἰκός, οὐδὲ τὰς ὄψεις τῶν πόλεων μᾶλλον σκοπεῖν ἢ τὰς δυνάμεις, νομίζειν δὲ τὴν στρατείαν ἐκείνην μεγίστην μὲν γενέσθαι τῶν πρὸ αὐτῆς, λειπομένην δὲ τῶν νῦν, τῇ Ὀμήρου αὖ ποιήσει εἴ τι χρῆ κἀνταῦθα πιστεύειν, ἦν εἰκός ἐπὶ τὸ μείζον μὲν ποιητὴν ὄντα κοσμήσαι, ὅμως δὲ φαίνεται καὶ οὕτως ἐνδεεστέρα. (I,10).

e como Micenas era pequena, ou qualquer uma daquele tempo, pareceria a quem visse agora, que ela não era das importantes, mas o indicio não é exato para que alguém não confie que a expedição (para a guerra de Troia) foi tal qual os poetas contaram, e que **o logos** conserva. Pois se, por um lado, a cidade dos lacedemônios fosse devastada, e sobrassem somente os templos e as fundações da construção, alguém pensaria com muita incredulidade o poder que detiveram durante muito tempo, e que era a fama deles (ainda que dominassem duas das cinco partes do Peloponeso, governando a totalidade e com muitos aliados; assim, nem a cidade é muito construída, nem os templos e construções são grandiosamente proclamados, mas é uma vila como antigamente havia na Hélade, (o poder) pareceria muito menor); e que Atenas, por outro lado, detêm o dobro do poder que efetivamente tinha, considerando o aspecto da cidade que era. Certamente não é verossímil de se crer, já que os aspectos das cidades não servem para analisar muito seus poderes, mas para se considerar aquela expedição (Troia) maior do que as que ficaram pra trás, mas menor do que esta de agora, se, novamente, se pode confiar na poesia de Homero em tais coisas, como é natural um poeta enfeitar para amplificá-la, e mesmo assim mostra-a mais modesta.

Tucídides desenvolve um raciocínio baseado em sua observação e análise, sempre com o intuito já declarado de mostrar algo útil à posteridade. Ao citar Micenas, cidade lendária do passado heróico grego, ele estabelece uma comparação passado-presente, e a partir dela, uma relação presente-futuro: “καὶ ὅτι μὲν **Μυκῆναι** μικρὸν ἦν, ἢ εἴ τι τῶν **τότε** πόλισμα **νῦν** μὴ ἀξιόχρεων δοκεῖ εἶναι” (e como Micenas era pequena, ou qualquer uma **daquele tempo**, pareceria a quem visse **agora**, que ela não era das importantes...). Os advérbios **τότε** (antigamente, naquele tempo) e **νῦν** (agora, no presente momento, atualmente) marcam bem o que Tucídides quer apontar. Micenas era uma potência anteriormente, na época da Guerra de Troia, mas ali, em pleno século V a.C., já não detinha nenhuma força, e quem, com os olhos do presente a visse, não acreditaria em seu poderio ao observar a simplicidade das construções que formavam a cidade.

Mas o historiador não concorda com este ponto de vista: “οὐκ ἀκριβεῖ ἄν τις σημείῳ χρώμενος ἀπιστοίῃ μὴ γενέσθαι τὸν στόλον τοσοῦτον ὅσον οἷ τε ποιηταὶ εἰρήκασι καὶ

ὁ λόγος κατέχει”. (mas o indício não é exato para que alguém não confie que a expedição (para Troia) foi tal qual os poetas contaram, e que o **logos** conserva). Este tipo de análise não é correta, segundo Tucídides, porque não são construções suntuosas que garantem a força da cidade. E para comprovar o raciocínio, cita as rivais Esparta e Atenas.

Agora, o historiador mira a relação presente-futuro: quem vir a cidade dos lacedemônios no futuro, julgará, tendo em vista a cidade em si, que sua força era muito menor do que realmente era. E, embora pequena, Esparta dominava dois quintos da região do Peloponeso e era temida pelas outras cidades. Mas sua estrutura física era modesta e simples, não causando nenhum deslumbramento ao observador. Em contrapartida, em relação a Atenas, ocorreria o contrário. Uma cidade cheia de templos e outras obras custosas enchem os olhos, fazendo crer que tal cidade é mais forte do que realmente é. Tudo isto, entretanto, não é motivo para que se acredite ou não no que os poetas disseram sobre as guerras.

Mas Tucídides pretende diminuir a importância da Guerra de Troia e fazer com que a Guerra do Peloponeso se torne a mais grandiosa. Ele fornecerá tantos detalhes, esmiuçará tantas informações, de modo que o leitor seja convencido. Este, inevitavelmente, compara o relato tucidideano com as outras histórias bélicas conhecidas, com toda aquela bagagem cultural já mencionada anteriormente. E se sente mais bem informado, mais próximo da verdade.

Gostaríamos de retomar agora apenas o final do trecho citado: ὁ λόγος κατέχει. Na nossa tradução, optamos pela permanência do termo *logos*. Não deixa de ser interessante o fato de que Tucídides poderia ter usado o termo μῦθος (*mythos*), seria mais coerente com o seu ponto de vista. Ou seja, a observação do aspecto das cidades não deve ser utilizada para se desacreditar o que a tradição afirma sobre elas. O que podemos considerar neste caso é que o termo *lógos* abrange mais, indefine melhor, e talvez encaixe melhor no que o autor queira representar. *Lógos* nos remete mais precisamente a algo construído pela mente humana, algo que surge do homem individualmente. O *mythos* surge a partir do coletivo, da oralidade imprecisa e volátil. E a confusão de termos só aumenta, se acrescentarmos o ἱστορία – história. As definições de cada termo, as reflexões sobre, são postulações posteriores de filósofos e pensadores, e não refletem, nem poderiam, os conceitos que efetivamente representavam. São apenas especulações:

Muito mais que a consciência de inaugurar uma nova disciplina, designada posteriormente pelo nome de *história*, é esta oposição crescente à tradição mítica que

determina, de maneira diversa, tanto a obra de Heródoto como a de Tucídides. É interessante notar que Heródoto, quando se refere às várias partes da sua obra, não usa a palavra *história* mas sim a palavra *logos* (discurso) para identificá-las; não fala da “história” dos Scitas, do Egito ou de Darius, mas sim de *logos* scita, de *logos* egípcio ou de *logos* a respeito de Darius etc. O próprio vocabulário insiste na grande oposição entre *logos* e *mythos*, na qual vai se enraizar a distinção entre o discurso científico, filosófico ou histórico e o discurso poético-mítico. (GAGNEBIN, 2005, p. 15).

Assim, é na fronteira do *logos* que Tucídides se posiciona, é com ele que o historiador conta para construir sua narrativa, detalhando as informações obtidas sobre a Guerra de Troia, para transformar esse passado preso ao *mythos*, numa construção narrativa totalmente dependente do *lógos*.

O historiador continua a sua explicação:

αἴτιον δ' ἦν οὐχ ἡ ὀλιγανθρωπία τοσοῦτον ὅσον ἡ ἀχρηματία. Τῆς γὰρ τροφῆς ἀπορία τὸν τε στρατὸν ἐλάσσω ἤγαγον καὶ ὅσον ἤλπιζον αὐτόθεν πολεμοῦντα βιοτεύειν, ἐπειδὴ δὲ ἀφικόμενοι μάχῃ ἐκράτησαν δῆλον δέ: τὸ γὰρ ἔρυμα τῷ στρατοπέδῳ οὐκ ἂν ἐτειχίσαντο), φαίνονται δ' οὐδ' ἐνταῦθα πάσῃ τῇ δυνάμει χρησάμενοι, ἀλλὰ πρὸς γεωργίαν τῆς Χερσονήσου τραπόμενοι καὶ ληστείαν τῆς τροφῆς ἀπορία. Ἡ καὶ μᾶλλον οἱ Τρῶες αὐτῶν διεσπαρμένων τὰ δέκα ἔτη ἀντεῖχον βία, τοῖς αἰεὶ ὑπολειπομένοις ἀντίπαλοι ὄντες. Περιουσίαν δὲ εἰ ἤλθον ἔχοντες τροφῆς καὶ ὄντες ἀθρόοι ἄνευ ληστείας καὶ γεωργίας ζυνεχῶς τὸν πόλεμον διέφερον, ῥαδίως ἂν μάχῃ κρατοῦντες εἶλον, οἳ γε καὶ οὐχ ἀθρόοι, ἀλλὰ μέρει τῷ αἰεὶ παρόντι ἀντεῖχον, πολιορκία δ' ἂν προσκαθεζόμενοι ἐν ἐλάσσονί τε χρόνῳ καὶ ἀπονώτερον τὴν Τροίαν εἶλον. Ἀλλὰ δι' ἀχρηματίαν τὰ τε πρὸ τούτων ἀσθενῆ ἦν καὶ αὐτὰ γε δὴ ταῦτα, ὀνομαστότατα τῶν πρὶν γενόμενα, δηλοῦται τοῖς ἔργοις ὑποδεέστερα ὄντα τῆς φήμης καὶ τοῦ νῦν περὶ αὐτῶν διὰ τοὺς ποιητὰς λόγου κατεσχηκότος. (I,11).

e a causa não era a falta de homens e sim a de dinheiro. Conduziram um exército menor pela dificuldade de conseguir alimento, e tinham a esperança de ir vivendo ali mesmo, lutando, já que ao chegarem dominaram a disputa (é evidente que a defesa do acampamento ainda não fora feita), e nem parece que usaram ali a sua total força, uma vez que tinham que cultivar o campo de Quersonesos e fazer pilhagem, por causa da dificuldade de alimento. Por isso os troianos conseguiram 10 anos contendo a violência, pois sempre uma parte dos inimigos tinha que ficar (cuidando do campo). Mas se tivessem chegado com alimento, e não tivessem que deixar muitos nos campos continuamente para suportar a guerra, facilmente teriam dominado a luta, visto que mesmo não sendo muitos sempre conseguiram resistir, e se tivessem sitiado logo, em menos tempo e sem muito esforço tomariam Troia. Mas por causa da falta de dinheiro estas ações foram pequenas em relação à atual (a do Peloponeso), mas muito mais aclamadas do que as que aconteceram antes, que tiveram seus feitos supervalorizados pela fama e pelo discurso dos poetas que se conservou até hoje.

Notamos claramente a postura do historiador, fornecendo detalhes para esclarecer a lendária guerra. A Guerra de Troia não foi tão grandiosa assim, como os poetas contaram, ela foi menos importante do que a Guerra do Peloponeso. Toda a tradição que foi criada a partir

da mitologia que envolvia o cerco troiano, mítico, se desconstrói na medida em que Tucídides afirma que não havia dinheiro, não havia homens em abundância, nem naus. Troia demorou tanto tempo a ser tomada justamente porque a falta de melhores condições impedia um ataque maciço por parte dos gregos, e toda aquela suntuosidade relatada pelos poetas não existia.

História conceitual do presente e no presente, com seus paradigmas e sua temporalidade controlada, a *Guerra do Peloponeso* faz pouco-caso do passado e da tradição. Não se interessa pelos tempos antigos (*tá palaiá*) a não ser para demonstrar, com o auxílio de provas, indícios e marcas de verossimilhança, como funciona um modelo de poder progressivo capaz de explicar a necessidade de confronto entre os atenienses e os peloponésios. (DETIENNE, 1998, p.103).

Os *palaiá*, como afirma Detienne acima (1998, p. 103), não despertam tanto interesse assim para Tucídides. Em compensação, o presente, representado pelo conflito que se propõe a relatar, é valorizado demasiadamente. Como já mencionamos, o historiador utiliza a sua pesquisa para estabelecer teorias acerca da condição humana. É com base nas atitudes dos homens frente aos obstáculos que o autor cria sua teoria. Sempre, como já dissemos, relacionando passado, presente e futuro, tentando deixar de lado o fabuloso.

### 3. Tucídides “mitificando” personagens históricos

Algumas figuras históricas ganham muito destaque na narrativa. O leitor, ao acreditar no historiador, pode acabar enganado, apesar da pretensa imparcialidade e da busca da verdade. Como vimos, o relato não está livre de impressões pessoais, e o que ocorre é que Tucídides propõe a sua verdade, sem deixar margens para dúvidas. Entretanto, como já comentamos, Tucídides assume uma liberdade incrível ao escolher de quem vai tratar, por exemplo. Assim, se o personagem não é admirado, sua participação no relato é diminuída ao básico. Os exemplos clássicos são Cléon, demagogo ateniense, e o próprio Tucídides, que também lutou na guerra.

Mas em compensação, outros recebem muito destaque, e não somente suas ações são contadas, como também as suas peculiaridades. Deste tipo de personagem podemos destacar, por exemplo, Péricles, o maior político ateniense; e Brásidas, o melhor general espartano. Ambos servem para explicar o rumo que as coisas tomaram, tanto para os vencidos, quanto para os vencedores.

A morte do ateniense representa o início do declínio da cidade, e a ascensão do espartano marcou a reviravolta na disputa. Com Péricles, Atenas detinha um guia experiente e sábio, que acabou morrendo no início da guerra, e assim, a cidade perdeu seu rumo. Os políticos, que se seguiram no controle da assembleia, entre eles, Cléon, não tinham as mesmas capacidades, e também acabaram por se transformar em verdadeiros demagogos, prejudicando assim a cidade.

E o surgimento do grande general espartano Brásidas, figura histórica até hoje pouco estudada, trouxe uma grande habilidade no trato com as outras cidades, e podemos especular até que ponto o próprio Péricles não teria servido de modelo ao espartano, no que se refere às questões políticas, diplomacia e estratégia militar. Brásidas morreu em combate, e seu túmulo virou local de culto, como o próprio historiador nos conta (V, 11). Comentaremos este trecho mais à frente.

### 3.1 Péricles

Tucídides deixa bem claro que era um admirador do político. No início da obra, quando ainda se discutia o início da guerra, na primeira assembleia, escreveu o historiador: “ἀλλὰ καθελεῖν, καὶ παρελθὼν Περικλῆς ὁ Ξανθίππου, ἀνὴρ κατ’ ἐκεῖνον τὸν χρόνον πρῶτος Ἀθηναίων, λέγειν τε καὶ πράσσειν δυνατώτατος... (I,139.4)”. “e veio falar Péricles, filho de Xantipo, homem que naquele tempo era o primeiro dos atenienses, tanto na oratória, quanto na ação, era o mais capaz...”. E assim o estrategista inicia seu discurso na assembleia:

‘τῆς μὲν γνώμης, ὃ Ἀθηναῖοι, αἰεὶ τῆς αὐτῆς ἔχομαι, μὴ εἶκειν Πελοποννησίοις, καίπεριδῶς τοὺς ἀνθρώπους οὐ τῇ αὐτῇ ὀργῇ ἀναπειθομένους τε πολεμεῖν καὶ ἐν τῷ ἔργῳ πράσσοντας, πρὸς δὲ τὰς ξυμφορὰς καὶ τὰς γνώμας τρεπομένους. Ὅρῳ δὲ καὶ νῦν ὁμοῖα καὶ παραπλήσια συμβουλευτέα μοι ὄντα, καὶ τοὺς ἀναπειθομένους ὑμῶνδικαῖῳ τοῖς κοινῇ δόξασιν, ἦν ἄρα τι καὶ σφαλλώμεθα, βοηθεῖν, ἢ μηδὲ κατορθοῦντας τῆς ξυνέσεως μεταποιεῖσθαι. Ἐνδέχεται γὰρ τὰς ξυμφορὰς τῶν πραγμάτων οὐχ ἥσσον ἀμαθῶς χωρῆσαι ἢ καὶ τὰς διανοίας τοῦ ἀνθρώπου: δι’ ὅπερ καὶ τὴν τύχην, ὅσα ἂν παρὰ λόγον συμβῆ, εἰώθαμεν αἰτιᾶσθαι. (I,140).

Minha opinião, ó atenienses, é a de sempre, que não devemos ceder aos peloponésios, ainda que eu saiba que os homens não se convencem a guerrear quando não é por um impulso natural que os fazem entrar em ação, e que são as circunstâncias que fazem mudar os pensamentos. Eu vejo agora que os meus conselhos devem ser semelhantes e parecidos, e considero justo que os que forem convencidos dentre vós devam apoiar as opiniões comuns, caso algo não dê certo, ou então não venham dizer que decidiram

com inteligência, se der certo. Pois as circunstâncias dos acontecimentos são variáveis, e não mudam menos do que as opiniões do homem. É por isso que costumamos culpar a sorte quando algo não ocorre como o previsto.

Interessante esta reflexão que Péricles desenvolve sobre o modo como os homens se comportam em relação aos fatos. Combina com o ideal de Tucídides, já que a volatilidade do pensamento humano varia de acordo com suas necessidades, e incluir a influência da Sorte nos acontecimentos só prova o fato. Se tudo funciona como o previsto, a clarividência de quem agiu é enaltecida; mas se as coisas não acontecem de acordo, a “culpa” é da sorte. Portanto, a culpa pelo erro nunca é assumida.

Embora os atenienses fossem confiantes por natureza, havia sim um temor generalizado em relação ao inimigo. No momento em que o discurso foi proferido, discutia-se o início da guerra. Péricles, usando toda a oratória, convence a maioria a votar em sua proposta. Podemos perceber, pelas palavras do discurso, um costume bem ateniense: era comum a grande massa votar em determinada proposta na assembleia, e quando tal proposta não dava certo, a “culpa” recaía sobre o autor da proposta. É uma situação bastante inusitada, já que o povo é o responsável pela decisão.

Assim, Péricles pede que a assembleia apoie e acolha a proposta como geral. Havia muito oportunismo, e os “autores” das propostas exitosas conseguiam bastante influência na assembleia, e moral com o povo. Era comum o atraso para executar as proposições, então, muitas vezes, se “esquecia” de quem fora o autor do projeto. Sempre havia quem quisesse tirar proveito da situação, e o que era proposto em assembleia demorava muito tempo para ser executado, principalmente em tempos de guerra.

Podemos notar também a força de convencimento que as palavras de Péricles possuíam. Ele sabia como ninguém lidar com o ego ateniense, e enquanto ele esteve no comando da *boulé* Atenas não corria perigo. Observemos agora um retrato bastante preciso da figura de Péricles, feito por um crítico moderno:

usufruí de uma posição política pessoal bastante firme e respeitável, que o dispensava de cortejar demagogicamente as massas e muito menos de enfrentar com leviandade riscos gravíssimos para sair em busca de uma popularidade da qual não necessitava. Já em outras ocasiões viu-se que Péricles teve a coragem de desafiar a impopularidade ao aconselhar soluções inspiradas na prudência e na avaliação de todos os fatores: depois de doze anos de ininterrupta permanência no colégio dos estrategos – para não falar das estratégias que ocupara anteriormente, ele gozava perante os outros estrategos e a

bulé de tal domínio que podia estar seguro de si para desaconselhar as decisões apressadas e intempestivas... (LEVI, 1991, p.274).

Na democracia ateniense, a assembleia tinha papel fundamental, e quem a dominava conseguia muito poder. Este, depois de alcançado, nem sempre era utilizado em favor da cidade. Sempre havia aqueles oradores corruptos e individualistas, os chamados demagogos. A característica definidora deste tipo social abundante em Atenas era alcançar o poder a qualquer custo. Utilizavam a oratória para convencer a massa nas assembleias, e figuras como Péricles começavam a se tornar raras. Eram os tempos áureos de Atenas que acabavam, e Tucídides nos fornece informações muito valiosas deste período.

Mas mesmo os políticos bem-intencionados tinham problemas. Eram vítimas dos demagogos, ou simplesmente da pouca memória dos atenienses. Vimos mais acima que Péricles apela para que todos aqueles que votassem em algum projeto, que o apoiassem até o final, independentemente do resultado. Pois bem, a população de Atenas começou a questionar as ideias do estrategista, pois as vitórias nas batalhas não estavam acontecendo. Talvez o discurso mais famoso do relato, a chamada Oração Fúnebre de Péricles, seja um verdadeiro monumento da oratória, da cultura, e do retrato do momento triste pelo qual passava a cidade.

O discurso, presente no segundo livro da obra, inicia-se no capítulo 35, e se estende até o 46. Nele, a tarefa de Péricles é honrar os muitos atenienses mortos, fazendo uma breve reflexão sobre o momento atual da cidade, sobre as características dos atenienses e sobre a honra que é ser um cidadão desta cidade. Traremos alguns trechos da oração, e vale ressaltar, mais uma vez, que “embora os discursos em geral não reflitam a personalidade do orador, a Oração Fúnebre de Péricles é uma exceção” (BURROW, 2013, p.59).

ἄρξομαι δὲ ἀπὸ τῶν προγόνων πρῶτον: δίκαιον γὰρ αὐτοῖς καὶ πρέπον δὲ ἅμα ἐν τῷ τοιῷδε τὴν τιμὴν ταύτην τῆς μνήμης δίδοσθαι. Τὴν γὰρ χώραν οἱ αὐτοὶ αἰεὶ οἰκοῦντες διαδοχῇ τῶν ἐπιγυνομένων μέχρι τοῦδε ἐλευθέραν δι’ ἀρετὴν παρέδοσαν. (II, 36.1).

Começarei então, primeiramente, pelos antepassados: pois é justo e ao mesmo tempo conveniente para com eles, que tiveram a honra neste caso, e darei a devida memória. Pois eles mesmos que a habitaram receberam a pátria dos que vieram antes, até que a transmitiram para nós, (uma pátria) sempre livre em razão da virtude deles.

Vemos claramente a preocupação que Péricles mostra ao evocar os antepassados lendários da cidade. Naquele período na Grécia, por volta do século V a.C., havia uma

numerosa juventude ansiosa pela guerra, ânsia esta que era gerada por inexperiência, como o próprio Tucídides afirma (2.8). Os helenos jovens viviam ainda à sombra dos feitos memoráveis dos pais e avós, que tinham lutado contra os persas, nas Guerras Médicas (no início do século). Pois bem, conforme as primeiras mortes foram acontecendo, a popularidade de Péricles começou a diminuir, pois o culpavam por ser ele o autor das decisões tomadas na assembleia.

Outro ponto fundamental, motivo de orgulho e honra para os atenienses, era a *liberdade* de que gozavam. Estes antepassados já herdaram uma cidade forte, e com o tempo, conseguiram sempre que possível aumentar as conquistas, formando assim um verdadeiro império. A juventude atual de Atenas sentia a necessidade de mostrar serviço, numa espécie de emulação em relação aos parentes que lutaram nas guerras anteriores. Atenas já era poderosa e já possuía as colônias, mas, mesmo assim, os jovens queriam a guerra, época para mostrar valor e alcançar conquistas pessoais.

Péricles tentava esclarecer a população, sempre que subia a tribuna, pois seus rivais aproveitavam-se desta juventude belicosa, mas inexperiente, para incitar o povo contra ele, sempre que este aconselhava a cidade a ter cautela em suas ações.

‘χρώμεθα γὰρ πολιτεία οὐ ζηλούση τοὺς τῶν πέλας νόμους, παράδειγμα δὲ μᾶλλον αὐτοὶ ὄντες τισὶν ἢ μιμούμενοι ἑτέροισι. Καὶ ὄνομα μὲν διὰ τὸ μὴ ἐς ὀλίγους ἀλλ’ ἐς πλείονας οἰκεῖν **δημοκρατία** κέκληται: μέτεστι δὲ κατὰ μὲν τοὺς νόμους πρὸς τὰ ἴδια διάφορα πᾶσι τὸ ἴσον, κατὰ δὲ τὴν ἀξίωσιν, ὡς ἕκαστος ἐν τῷ εὐδοκίμῳ, οὐκ ἀπὸ μέρους τὸ πλεον ἐς τὰ κοινὰ ἢ ἀπ’ ἀρετῆς προτιμᾶται, οὐδ’ αὖ κατὰ πενίαν, ἔχων γέ τι ἀγαθὸν δρᾶσαι τὴν πόλιν, ἀξιώματος ἀφανεία κεκώλυται. (II, 37).

Pois proclamamos nosso modelo político e não buscamos igualá-lo às leis dos vizinhos, mas principalmente servir de paradigma para que sejamos imitados pelos outros. E o nome deste (modelo político) já o indica, não funciona só para poucas pessoas, mas aos muitos que convivem; chama-se democracia. Vivemos de acordo com as leis, e as coisas particulares são apartadas do que é público, e o que é digno de estima é que cada um pode ser bem considerado para os assuntos públicos, não pelos bens em excesso e sim estimado pela virtude, e ninguém, pela pobreza, sendo capaz de fazer o bem pela cidade, é impedido por esta obscuridade, da honra (de fazer algo pela cidade).

Péricles vê a grandeza de Atenas, e cita o regime político original, a democracia, como sendo motivo de inveja e admiração das outras cidades. Mas o que o relato tucidideano nos mostra é uma cidade vítima dos demagogos, e estes podiam ser ricos ou não. E a *virtude* mencionada no discurso deveria ser mostrada primeiramente na tribuna, na oratória, que

permitia influenciar as massas. Não podemos notar até que ponto Péricles realmente acredita no que está dizendo, ou se, forçado pelas circunstâncias, tentou agradar ao público o máximo possível, uma vez que, por um lado, o ânimo geral da população estava baixo, em virtude das muitas mortes ocorridas na guerra; por outro, justamente pelas mortes, o povo já questionava a liderança do estrategista.

Tucídides, entretanto, não deixa margens para dúvida, pois a figura de Péricles fica presente em todo o relato, e mesmo após sua morte, ele segue sendo o grande modelo ideal de comandante. Não podemos deixar de pensar que o historiador, embora negue, ainda se deixa “contaminar” pela influência do modelo épico. Aqui, podemos destacar dois aspectos: a criação do modelo ideal de herói, ao qual associamos claramente a figura de Péricles; e a já mencionada presença dos discursos. *A Guerra do Peloponeso*

Lembra a epopeia no registro abundante de discursos. Lá como aqui é através do discurso que se realiza a reflexão. Declarando reelaborá-los livremente, Tucídides não se prende ao registro histórico, nem pretende interpretar através deles a personalidade de quem fala. Os discursos de Tucídides são construções literárias impessoais, habilmente elaborados e rigorosamente vinculados à sequência dos fatos que vêm à fala motivos e pensamentos das coletividades em conflito. Não lhes falta acabamento artístico na argumentação e nos efeitos retóricos, atento aos atualizados preceitos dos sofistas. (SCHÜLER, 1985, p.151).

Os críticos têm como certeza que Tucídides recria os discursos que apresenta em sua obra, para expor as razões das ações, levando em conta o contexto e os personagens envolvidos. Se tomarmos como paradigma o modelo épico, lembraremos que nesse ambiente sempre haverá aquele que se destaca dos demais, quer seja no campo da ação, quer seja no da oratória. Pois bem, o Péricles de Tucídides prevalece em virtude de suas qualidades pessoais, às quais já nos referimos, mas o conteúdo efetivo das suas falas não pode ser verificado, justamente pelo fato de que tais discursos *são construções literárias impessoais, habilmente elaborados e rigorosamente vinculados à sequência dos fatos que vêm à fala motivos e pensamentos das coletividades em conflito*. Agora, o que se pode especular é até que ponto o historiador, assumidamente um admirador do político, engrandeceria suas falas em nome desta reverência.

Outro ponto que contribui para a discussão especificamente em relação aos discursos reproduzidos de Péricles é o fato de que neste tempo, ou seja, no início da guerra, Tucídides ainda não havia sido punido com o exílio, e por isso, poderia ter estado presente quando o político os pronunciou.

Mas, retomando o discurso, Péricles continua:

‘καὶ μὴν καὶ τῶν πόνων πλείστας ἀναπαύλας τῇ γνώμῃ ἐπορισάμεθα, ἀγῶσι μὲν γε καὶ θυσίαις διετησίαις νομίζοντες, ἰδίαις δὲ κατασκευαῖς εὐπρεπέσιν, ὧν καθ’ ἡμέραν ἢ τέρψις τὸ λυπηρὸν ἐκπλήσσει. (II, 38).

Além disso, usamos os longos descansos para relaxar a mente do trabalho, temos o hábito de realizar festivais e jogos ao longo de todo o ano, e as propriedades de cada um são arranjadas com bom gosto, de modo que durante o dia o deleite acabe com o que é angustiante.

É um contraste bastante interessante a visão do político sobre a sua amada cidade, em face da que Tucídides, por meio de seu relato imparcial, nos mostra, a mesma cidade, bem diferente. De um lado, todo o idealismo retratando uma cidade que era bela e funcionava bem, mas que a corrupção e a ganância geral já se manifestava, manchando paulatinamente a imagem de Atenas, contribuindo para sua queda futura.

Mas neste trecho do discurso, o que temos é o orgulho bem característico do ateniense. Ele sempre se sente superior aos demais gregos, e não somente pela questão financeiro/política, mas essencialmente pela cultural. Os festivais e os jogos organizados eram uma grande honra, oportunidade para Atenas exibir suas produções culturais e também suas riquezas. E o bom gosto com que as casas eram arranjadas se transformava em motivo suficiente para afastar as preocupações do cotidiano. Péricles afirma que o deleite (τέρψις) do simples fato de ver a organização e beleza das construções da cidade afasta a angústia (λυπηρὸν). Este era o jeito ateniense de ver o mundo.

Na sequência, Péricles faz uma breve comparação entre os atenienses e os espartanos, sempre enaltecendo a sua cidade:

‘διαφέρομεν δὲ καὶ ταῖς τῶν πολεμικῶν μελέταις τῶν ἐναντίων τοῖσδε. Τὴν τε γὰρ πόλιν κοινὴν παρέχομεν, καὶ οὐκ ἔστιν ὅτε ξενηλασίαις ἀπειργομέν τινα ἢ μαθήματος ἢ θεάματος, ὃ μὴ κρυφθὲν ἂν τις τῶν πολεμίων ἰδὼν ὠφεληθείη, πιστεύοντες οὐ ταῖς παρασκευαῖς τὸ πλεόν καὶ ἀπάταις ἢ τῶ ἀφ’ ἡμῶν αὐτῶν ἐς τὰ ἔργα εὐψύχωι· καὶ ἐν ταῖς παιδείαις οἱ μὲν ἐπιπόνῳ ἀσκήσει εὐθύς νέοι ὄντες τὸ ἀνδρεῖον μετέρχονται, ἡμεῖς δὲ ἀνειμένως διαιτώμενοι οὐδὲν ἥσσον ἐπὶ τοὺς ἰσοπαλεῖς κινδύνους χωροῦμεν. (II, 39).

Somos diferentes de nossos inimigos no que se refere às práticas de guerra. Pois abrimos a cidade, e não expulsamos os estrangeiros quando podem aprender ou observar algo, não escondemos alguma coisa dos inimigos que seja visível e ajude-os, já que não confiamos demasiadamente nos preparativos bélicos e nos truques e sim na nossa disposição própria de partir para a ação com coragem. Na educação, enquanto eles (os espartanos) colocam os que são jovens logo para treinar, para que se tornem

viris, nós, criando-nos livremente, não cedemos menos em perigos de força semelhante.

Não podemos esquecer o contexto desta Oração fúnebre. O clima na cidade é de derrota. Péricles precisava tentar, de todas as maneiras, erguer o moral da população, e notamos claramente esta intenção, mantida por Tucídides. O discurso é todo formado com este intuito, e no excerto acima exposto, a convicção de que Atenas é superior à Esparta inclusive em questões bélicas. Mas a ênfase mesmo é no aspecto comportamental.

A diferença de temperamento dos dois povos rivais é notória, e o próprio historiador o atesta. Contudo, o detalhe trazido pelas palavras do general ilustra bem como os atenienses se viam e como, no discurso, ele tenta fazer o povo lembrar justamente isso – a firme certeza de que são superiores. O espírito sempre feroso, natural ao ateniense, era contrastado com a frieza metálica e calculada do espartano. Este era moldado à força pelo treinamento pesado desde jovem. Assim, o jovem lacedemônio adquiria força e bravura, sem temer a batalha. Ao contrário disso, Péricles quer acreditar que o ateniense é bravo por natureza. Não precisa ser obrigado a sofrer um processo brutal para se tornar um guerreiro, para ter motivação para lutar pela pátria.

E depois de expor e analisar a superioridade ateniense em relação aos variados temas, Péricles encaminha seu discurso citando as áreas em que, notadamente, se destacam: artes e filosofia.

‘φιλοκαλοῦμέν τε γὰρ μετ’ εὐτελείας καὶ φιλοσοφοῦμεν ἄνευ μαλακίας: πλούτῳ τε ἔργου μᾶλλον καιρῷ ἢ λόγου κόμπῳ χρώμεθα, καὶ τὸ πένεσθαι οὐχ ὁμολογεῖν τινὶ αἰσχρόν, ἀλλὰ μὴ διαφεύγειν ἔργῳ αἰσχίον. (II, 40).

Nós amamos a beleza com simplicidade, e a sabedoria sem frescuras. Usamos a riqueza mais como um meio de agir, do que algo a ser vangloriado, e ser pobre não é reconhecido como algo feio, mas não evitar tal condição, com trabalho, é muito pior.

A língua grega permite um tipo de construção sintática interessante. Notemos, acima, os termos em negrito. Os verbos *φιλοκαλοῦμεν* e *φιλοσοφοῦμεν* expressam talvez os maiores orgulhos de Atenas. E é em apenas uma palavra que verbo e complemento se integram. “Amamos o belo, gostamos da beleza” são possibilidades de tradução para o

primeiro; o verbo é formado pela combinação de φιλέω (amar) e καλός/όν (o belo, a beleza). O mesmo processo ocorre com o segundo termo: φιλέω (amar) e σοφία (sabedoria).

Os atenienses eram acusados pelos espartanos de serem efeminados e de cultuarem o luxo desmedido. Mas pelo discurso de Péricles, notamos que a visão ateniense era diferente. *Amar a beleza com simplicidade e a filosofia sem frescuras* eram características de seu povo. Podemos ver esta frase como uma resposta aos críticos, já que não havia exagero, mas simplicidade no cotidiano. E a filosofia mais prática, menos rebuscada, também tinha seu espaço.

A riqueza e a pobreza eram vistas de modo peculiar. Seu sistema político original permitia ao pobre o mesmo acesso que cabia ao rico. Teoricamente. Assim, todos eram esperados nas assembleias. Não era vergonhoso ser pobre, e sim se contentar com isso. Do mesmo modo que a riqueza não era um fim, um objetivo, mas um meio para alcançar algo mais glorioso, e com isso, maior honra para a cidade.

O arremate do discurso de Péricles é uma constatação de tudo aquilo que ele mencionou da cidade (vamos separar por partes, pois o parágrafo seguinte é grande demais, para facilitar a visualização das citações):

‘ξυνελών τε λέγω τήν τε πᾶσαν πόλιν τῆς Ἑλλάδος παιδευσιν εἶναι καὶ καθ’ ἕκαστον δοκεῖν ἄν μοι τὸν αὐτὸν ἄνδρα παρ’ ἡμῶν ἐπὶ πλεῖστ’ ἄν εἶδη καὶ μετὰ χαρίτων μάλιστα’ ἄν εὐτραπέλως τὸ σῶμα αὐταρκες παρέχεσθαι. (II, 41).

Eu digo que a nossa cidade é que educa todas as cidades da Grécia reunidas, e parece-me que cada um de nós, a nossa maneira de ser, é melhor do que os outros homens, pois se cuidam com a graça essencial de levar bem a vida com autossuficiência.

O objetivo do orador é animar a cidade, e as suas convicções se misturam nas palavras, e notamos bem que quem fala é um político. Não deixa de ter um tom demagógico este exagero em afirmar que "a nossa cidade é que educa todas as cidades da Grécia reunidas". A postura ateniense, tão valorizada no discurso, será a responsável pela destruição da cidade. Tucídides, ao mesmo tempo em que nos mostra as palavras de Péricles, mostra também uma cidade completamente diferente daquela que foi pintada pelo orador em seus discursos. Há também uma confusão no que se refere ao conteúdo geral do discurso: o historiador parece concordar com o político. “Analisem-se atentamente os discursos de Péricles, comparem-se com o discurso do embaixador ateniense em Esparta e o dos coríntios, e se terá a certeza de que o

estado ateniense é para Tucídides – como ele faz Péricles dizer – a alta escola da Hélade.”<sup>3</sup> (ROMERO, 2009, p. 77, tradução nossa).

As falas do personagem e do historiador se mesclam; ao leitor desatento, passam despercebidas as interferências de Tucídides na confecção da narrativa. O ateniense não consegue esconder a admiração que tem por sua cidade, e faz de Péricles seu porta-voz:

Καὶ ὡς οὐ λόγων ἐν τῷ παρόντι κόμπος τάδε μᾶλλον ἢ ἔργων ἐστὶν ἀλήθεια, αὐτὴ ἡ δύναμις τῆς πόλεως, ἦν ἀπὸ τῶνδε τῶν τρόπων ἐκτησάμεθα, σημαίνει. Μόνη γὰρ τῶν νῦν ἀκοῆς κρείσσων ἐς πείραν ἔρχεται, καὶ μόνη οὔτε τῷ πολέμῳ ἐπελθόντι ἀγανάκτησιν ἔχει ὑφ' οἷων κακοπαθεῖ οὔτε τῷ ὑπηκόῳ κατὰμεμψιν ὡς οὐχ ὑπ' ἀξίων ἄρχεται. (II, 41, cont.).

E não é invenção de momento a nossa fama, é a verdade de nossas ações, e o próprio poder da cidade, com qual adquirimos nossas qualidades, o indica. Pois só ela (Atenas) dentre todas é mais forte agora do que o rumor atesta, e só ela nem humilha os inimigos que a atacam, mesmo com poder para fazer o mal em resposta, nem dá motivos aos que pagam tributo para reclamarem, visto que nós o merecemos.

E se olharmos bem, e nos lembrarmos da análise feita no primeiro capítulo desta pesquisa, notaremos o mesmo jogo de palavras, a mesma relação *criação-real*, *rumor-indício* presente nos esclarecimentos que Tucídides faz acerca de seu método. Vejamos que ele contrapõe *λόγων* a *ἀλήθεια*. O primeiro representa o criado, uma história inventada, algo que prejudica o verdadeiro, o que realmente acontece, *ἀλήθεια*, a verdade.

Então, era improvável que Péricles usasse o seu tempo na tribuna, ao discursar, para falar mal de poetas e de narrativas fabulosas que não merecem crédito. Qual o intuito em fazer isso, no meio de um discurso de exortação aos cidadãos? Parece mais um acréscimo feito por Tucídides, um comentário que serve para corroborar com seu ponto de vista. O historiador aproveita a credibilidade de quem está falando para incluir sorratamente afirmações pessoais, mensagens que aparentemente são simples, mas que na verdade, paulatinamente, vão formando um conceito na cabeça do leitor, que associa a opinião de Péricles à de Tucídides. E já que o orador é exaltado, idealizado como um herói trágico ou épico, dependendo do ponto de vista, suas palavras soam como verdadeiras e deixam de ser consideradas mero texto exortativo sem compromisso algum com a *ἀλήθεια*, embora, obviamente, não se afaste aparentemente dela.

<sup>3</sup> Analicéense atentamente los discursos de Péricles, compárenselos com el discurso del embajador ateniense en Esparta y el de los corintios, y se tendrá la certidumbre de que el estado ateniense es para Tucídides – como él le hace decir a Pericles – la alta escuela de la Hélade.

Mas a fama e a glória de Atenas são tão grandes, que parece invenção de poeta. Para Péricles, a fama é merecida, é comprovada pelas bravas ações realizadas pelos atenienses. O rumor (*ἀκοῆς*) de grandeza é atestado pela prova, pelo indício (*σημαίνει*). O poder da cidade de Atenas é verdadeiro, é real, e é atestado pela fama crescente, espalhando-se rapidamente pelo mar Mediterrâneo. A cidade é tão forte que o subjogado nem se revolta com quem o domina. O dominado reconhece a superioridade e paga o que é devido, deixa-se explorar como colônia porque Atenas é muito poderosa, deve ter os deuses ao seu lado. Esta é a visão pericleana das coisas (bem diferente da tucidideana). Já comentamos que as colônias nutriam um ódio mortal por Atenas, e que só esperavam a oportunidade para a vingança.

O parágrafo do discurso assim termina:

Μετὰ μεγάλων δὲ σημείων καὶ οὐ δὴ τοὶ ἀμάρτυρόν γε τὴν δύναμιν παρασχόμενοι τοῖς τε νῦν καὶ τοῖς ἔπειτα θαυματοησόμεθα, καὶ οὐδὲν προσδεόμενοι οὔτε Ὁμήρου ἐπαινέτου οὔτε ὅστις ἔπεισι μὲν τὸ αὐτίκα τέρψει, τῶν δ' ἔργων τὴν ὑπόνοιαν ἢ ἀλήθεια βλάψει, ἀλλὰ πᾶσαν μὲν θάλασσαν καὶ γῆν ἐσβατὸν τῇ ἡμετέρᾳ τόλμῃ καταναγκάσαντες γενέσθαι, πανταχοῦ δὲ μνημεῖα κακῶν τε κάγαθῶν αἰδία ξυγκατοικίσαντες. (II, 41, cont.).

Muitas provas disso já demos, e não erraria em calcular nosso poder, as pessoas de agora e também as do futuro nos admirarão, e nenhuma necessidade temos nem de um Homero para nos louvar, nem de qualquer um que, com versos, cause alegria no momento, mas que colocam em suspeita a verdade de nossas ações; todos serão forçados a conhecer a nossa ousadia em mar e em terra, e em toda a parte a lembrança das coisas más e das coisas boas que fizemos será imortalizada pelo que construímos conjuntamente.

Mais uma vez, podemos nos remeter ao comentário feito acima, quando estabelecemos a comparação entre as entrelinhas do texto de Péricles com a opinião de Tucídides. Agora, a relação que aparece é a do presente-futuro. Com o advérbio *νῦν* e o verbo *θαυματοησόμεθα*, o orador conecta o presente, indicado pelo advérbio, que traduzimos por “agora”, com o futuro, “seremos admirados”. O que acontece ali é a história sendo construída, e Péricles, com as palavras de Tucídides (ou o contrário), o político com as palavras do historiador, não podemos definir, e as pessoas no futuro saberão o que se passou ali, naquela Guerra do Peloponeso.

A consciência de que as coisas passam, e que o momento deve ser aproveitado, é própria do pensamento grego. Os feitos grandiosos do presente ecoarão no futuro, e Atenas sempre será lembrada pelo império que construiu. Será tudo tão concreto e verdadeiro, que

não será preciso nem mesmo alguém como Homero, para engrandecer e eternizar a história: “e nenhuma necessidade temos nem de um Homero para nos louvar, nem de qualquer um que, com versos, cause alegria no momento, mas que colocam em suspeita a verdade de nossas ações”.

Péricles disse tudo, mas o comentário é de Tucídides. Para o político, melhor seria se houvesse sim um bom poeta, para que cantasse os feitos da cidade, e enaltecesse os grandes nomes, entre os quais estaria o dele, sem dúvida. Portanto, seria algo bom *pessoalmente*. Seria positivo também *coletivamente*, na medida em que belos versos sempre se espalham com o vento, e a fama ateniense se espalharia mais facilmente. E quanto maior a fama, maior o poder da cidade. Este raciocínio coaduna-se com as palavras de Péricles, na questão referente ao particular *versus* o coletivo. Mas não com as palavras de Tucídides, que condena os poetas.

Esta Oração Fúnebre de Péricles foi pronunciada ao término do primeiro ano de guerra. Com ele à frente da cidade, Atenas chegou ao seu apogeu em todas as áreas possíveis: política, econômica, social. Mas em uma guerra de 27 anos, perder seu líder ainda no início dela, faz toda a diferença. Péricles foi vítima da terrível e misteriosa peste, doença que dizimou especialmente Atenas. O próprio Tucídides foi vítima dela, mas conseguiu se recuperar, e fez uma descrição acuradíssima de todos os sintomas, de todos os tratamentos, de toda a situação (II,48-54). A calamidade foi tanta, que o historiador afirma: “πρῶτόν τε ἦρξε καὶ ἐς τᾶλλα τῆ πόλει ἐπὶ πλεόν ἀνομίας τὸ νόσημα” (II, 53): “A peste instalou algo diferente para a cidade, pela primeira vez – uma completa *anomia*”. A desgraça era total, já que, dentro da cidade, protegidos pela muralha, a peste crescia; e do outro lado do muro, os lacedemônios devastavam as plantações e chegavam cada vez mais perto.

### 3.1.1 Tucídides avalia Péricles

Logo em seguida, o historiador escreve um longo parágrafo, fazendo uma análise completa de como Péricles agia, e como ficou a situação depois de sua morte. Pelo tom, e pelas informações fornecidas, notamos que este resumo/comentário feito por Tucídides foi escrito posteriormente, e depois encaixado na sequência cronológica adotada na organização do relato.

Mais uma vez, em virtude da extensão do parágrafo, seremos obrigados a apresentá-lo em partes.

Ἐπεβίω δὲ δύο ἔτη καὶ ἕξ μῆνας: καὶ ἐπειδὴ ἀπέθανεν, ἐπὶ πλεόν ἔτι ἐγνώσθη ἢ πρόνοια αὐτοῦ ἢ ἐς τὸν πόλεμον. Ὁ μὲν γὰρ ἡσυχάζοντάς τε καὶ τὸ ναυτικὸν θεραπεύοντας καὶ ἀρχὴν μὴ ἐπικτωμένους ἐν τῷ πολέμῳ μηδὲ τῇ πόλει κινδυνεύοντας ἔφη περιέσεσθαι: (II, 65).

Ele viveu durante dois anos e seis meses, e depois de morrer, ficou ainda mais famoso, por causa da previsão feita sobre a guerra. Ele tinha dito para que ficassem quietos e cuidassem da frota, que não buscassem mais problema no início da guerra nem colocassem a cidade em perigo.

Péricles temia o temperamento ateniense, contraditoriamente. Todo aquele discurso exortativo, que exaltava a ousadia dos compatriotas, ficara para trás. O político já se preocupava com a influência negativa que outros oradores exerciam na assembleia. A paz, a calma não produz heróis, não eleva líderes populares. Ao morrer ainda no início da guerra, abriu espaço para a ascensão de outros, que, segundo Tucídides, não conseguiram manter o nível de excelência que fora estabelecido anteriormente.

A estratégia desenhada por Péricles era simples, e se fosse adotada, levaria Atenas à vitória. Estabelecer uma postura defensiva, inicialmente. Mas o fundamental era não tentar expandir o império enquanto a disputa principal, ou seja, o conflito com Esparta findasse. A tentação era grande. O poderio ateniense não tinha limites, e a cidade acreditava. Tucídides nos conta como as coisas se desenrolaram:

οἱ δὲ ταῦτά τε πάντα ἐς τὸναντίον ἔπραξαν καὶ ἄλλα ἔξω τοῦ πολέμου δοκοῦντα εἶναι κατὰ τὰς ἰδίας φιλοτιμίας καὶ ἴδια κέρδη κακῶς ἔς τε σφᾶς αὐτοὺς καὶ τοὺς ξυμμάχους ἐπολίτευσαν, ἃ κατορθούμενα μὲν τοῖς ἰδιώταις τιμὴ καὶ ὠφελία μᾶλλον ἦν, σφαλέντα δὲ τῇ πόλει ἐς τὸν πόλεμον βλάβη καθίστατο. (II, 65. cont.).

Apesar de tudo isso, fizeram o contrário, e parecia que outras coisas, que não tinham a ver com a guerra, influenciavam, como as ambições e cobiças particulares, prejudicando muito a eles mesmos (atenienses) e aos aliados, essas coisas até saíam bem para a honra de indivíduos, e os ajudava, mas prejudicou a cidade ao longo da guerra, causando estrago.

Atenas esqueceu os conselhos anteriores, e a política tornou-se caótica. O que era seu ponto forte, a Democracia, transformou-se em mera disputa entre poderosos, mais interessados em questões particulares, como lucros e glórias. *Ambições e cobiças particulares*

prejudicaram a cidade como um todo, ao longo de toda a guerra. Reiteramos que estes trechos que mostramos não são mais discursos recriados por Tucídides, mas comentários e constatações futuras feitas pelo historiador, que reforçam a admiração nutrida pelo político. A figura de Péricles estará presente em todo o relato, fazendo sombra a todos os outros oradores atenienses.

Αἴτιον δ' ἦν ὅτι ἐκεῖνος μὲν δυνατὸς ὦν τῷ τε ἀξιώματι καὶ τῇ γνώμῃ χρημάτων τε διαφανῶς ἀδωρότατος γενόμενος κατεῖχε τὸ πλῆθος ἐλευθέρως, καὶ οὐκ ἤγετο μᾶλλον ὑπ' αὐτοῦ ἢ αὐτὸς ἤγε, διὰ τὸ μὴ κτώμενος ἐξ οὐ προσηκόντων τὴν δύναμιν πρὸς ἡδονὴν τι λέγειν, ἀλλ' ἔχων ἐπ' ἀξιώσει καὶ πρὸς ὀργὴν τι ἀντειπεῖν. Ὅποτε γοῦν αἰσθοιτό τι αὐτοὺς παρὰ καιρὸν ὕβρει θαρσοῦντας, λέγων κατέπλησεν ἐπὶ τὸ φοβεῖσθαι, καὶ δεδιότας αὐτὸν ἀλόγως ἀντικαθίστη πάλιν ἐπὶ τὸ θαρσεῖν. (II, 65. cont.)

A razão da força de Péricles provinha tanto da dignidade quanto da boa cabeça com que se portava, com transparência e de forma mais incorruptível, cuidou do povo de forma independente, conduzindo-o e não sendo controlado por ele, pois não alcançou o poder falando coisas para agradar, mesmo que o odiassem por isso. Quando, por exemplo, percebia que estavam confiantes demais, falava para despertarem e ficavam cautelosos. E se estavam temendo sem motivo, fazia-os novamente confiantes.

Péricles é o pai da cidade, se Atenas é a responsável por educar toda a Hélade, ele o é por educar a cidade. A população é inocente demais, e deixa-se conduzir por políticos corruptos. E podemos também focalizar o texto propriamente dito. O modo como o historiador compõe a sua narrativa evoca alguns aspectos já abordados:

A organização do discurso escrito é paralela a uma análise mais cerrada, um ordenamento mais estrito da matéria conceitual. Já em um orador como Górgias ou num historiador como Tucídides, o jogo regulado das antíteses na retórica equilibrada do discurso escrito, recortando, distribuindo, opondo termo a termo os elementos fundamentais da situação a descrever, funciona como uma verdadeira ferramenta lógica conferindo à inteligência verbal domínio sobre o real. (VERNANT, 2010, p. 173).

Não se trata de embelezar o discurso, como o próprio Tucídides aponta, mas escrever a *matéria conceitual* de acordo com a razão, com o *λόγος*. A *inteligência verbal* deve criar as cenas e os discursos, dominar o real.

O historiador intercala momentos, ora discursos – representações do real; ora comentários analíticos – interpretações do real. É nesta teia que os personagens são criados:

Ἐγίγνετό τε λόγῳ μὲν δημοκρατία, ἔργῳ δὲ ὑπὸ τοῦ πρώτου ἀνδρὸς ἀρχή. Οἱ δὲ ὕστερον ἴσοι μᾶλλον αὐτοὶ πρὸς ἀλλήλους ὄντες καὶ ὀρεγόμενοι τοῦ πρώτου ἕκαστος γίγνεσθαι ἐτρέποντο καθ' ἡδονὰς τῶ δήμῳ καὶ τὰ πράγματα ἐνδιδόναι. (II, 65. cont.).

O que acontecia era que, em teoria, havia uma Democracia, mas, na prática, o governo era do principal homem. Contudo, os sucessores dele foram semelhantes entre si e buscavam apenas se tornar o principal em nome, mudando as decisões para agradar o povo e deixando de lado as situações.

Tucídides domina a política, é a sua área de compreensão mais precisa. Sua visão da situação da cidade é completamente diferente da pericleana. Mas a discussão acerca da Democracia ateniense é complexa. É um regime *mítico*, impreciso e fundamental para Atenas. Foi o seu ponto forte durante muito tempo, mas com a morte do político modelo passou a ser o ponto fraco da cidade. Os sucessores foram o problema. É uma mudança de perspectiva histórica, já que no auge de Atenas, seus cidadãos tinham orgulho de prezar pela coletividade. O nome da cidade importava mais do que glórias pessoais, efêmeras. Mas a riqueza e prosperidade da cidade, acumuladas ao longo dos anos de apogeu, foi gerando uma situação estranha.

A Democracia não permitia o livre acesso a todos. O dinheiro estava se acumulando nos cofres da cidade, os generais mais experientes (e velhos), dentre eles Péricles, recomendavam cautela e parcimônia. A juventude ansiosa, atenienses fortes e desocupados, via as colônias se rebelando, via a grande rival Esparta incomodando. Os que não se viam representados, os que não tinham moral para ter a voz ouvida na assembleia, resolveram agir. A morte de Péricles foi uma oportunidade. A partir daí, o coletivo deixou de ser prioridade, e as ambições pessoais guiarão as rédeas de Atenas. Agora o modelo de político é outro, outro também é o personagem. É o terrível Cléon quem assumirá o comando da *boulé*. Tudo isto ocorrerá, porque a cidade não quis mais seguir as diretrizes pericleanas.

#### 4. Conclusão do capítulo

Terminaremos o capítulo, quase todo dedicado a Péricles, já fazendo algumas reflexões para o próximo, no qual abordaremos outros dois personagens: Cléon e Brásidas. Em uma guerra que durou 27 anos é até difícil apontar quem teve mais erros, quem teve mais

acertos. O fato é que Péricles e Cléon representam os tipos opostos que detiveram o comando de Atenas. E Brásidas foi o maior adversário.

Quando Péricles morreu, abriu-se um grande vazio na assembleia ateniense. E muitos tentaram ocupá-lo, mas sem destaque. Isto é claro para Tucídides. O final do comentário dele sobre o período constata:

Ἐξ ὧν ἄλλα τε πολλά, ὡς ἐν μεγάλῃ πόλει καὶ ἀρχὴν ἐχούσῃ, ἡμαρτήθη καὶ ὁ ἐς Σικελίαν πλοῦς, ὃς οὐ τοσοῦτον γνώμης ἀμάρτημα ἦν πρὸς οὓς ἐπῆσαν, ὅσον οἱ ἐκπέμψαντες οὐ τὰ πρόσφορα τοῖς οἰχομένοις ἐπιγιγνώσκοντες, ἀλλὰ κατὰ τὰς ἰδίας διαβολὰς περὶ τῆς τοῦ δήμου προστασίας τὰ τε ἐν τῷ στρατοπέδῳ ἀμβλύτερα ἐποίουν καὶ τὰ περὶ τὴν πόλιν πρῶτον ἐν ἀλλήλοις ἐταράχθησαν. (II, 65. cont.)

Entre muitos outros erros, como sói a uma grande cidade com um grande domínio, cometeu um, a expedição contra a Sicília; não foi um erro em si, mas de preparação para ela, já que os que foram enviados não tiveram reforços depois, por causa de intrigas pessoais enfraqueceram o exército, tudo para se dedicarem entre si a se tornar o primeiro homem, perturbando a cidade.

Dentro do relato, sob a influência da retórica, Tucídides costura fatos da guerra e falas de seus atores. Vemos que as recomendações anteriores foram ignoradas, e Atenas parte para iniciar mais uma frente de batalha. Atacar a Sicília foi o erro estratégico que afundou os atenienses, pois além de ter que dividir o exército para enfrentar espartanos e aliados, ainda conseguiram aumentar o seu grupo de inimigos, que já era grande. Os sicilianos impuseram uma dura derrota aos soberbos atenienses. Tucídides relata detalhadamente isso. Sem ter quem a controlasse, a democracia caiu nas mãos de oportunistas mais interessados em intrigas pessoais.

A forma de analisar do historiador busca então estabelecer uma relação que se aplique no futuro. Lembremos, a *História da Guerra do Peloponeso* foi feita para instruir o homem futuro sobre as situações que ocorreram, mas que voltarão a ocorrer já que o homem sempre será o mesmo. A compreensão dos momentos da guerra e as análises dos acontecimentos, minuciosamente observados, não impedem que as incertezas e ou falhas apareçam. Quando nós, leitores, olhamos mais detidamente o processo tucidideano, aos poucos, percebemos as interpolações do autor, e como ele seleciona o que vai expor.

A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso. Já que é, à primeira vista, uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, assim como tampouco o faz o romance; o vivido, tal como ressaí das mãos do historiador, não é o dos atores; é uma narração, o que permite evitar alguns falsos problemas. Como o romance, a história

seleciona, simplifica, organiza, *faz com que um século caiba numa página*, e essa síntese é tão espontânea quanto a da nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos (VEYNE, 1987, p.11).

O historiador, tomado como alguém que escreve sobre o passado, mesmo com o assumido compromisso em mostrar a verdade, não consegue se controlar, não consegue manter a promessa. De acordo com as palavras de Veyne acima, o passado narrado nunca será igual ao passado vivido. É sempre um passado futuro, que analisa, julga e modifica o que aconteceu. Neste sentido, Tucídides compõe sua narrativa sem auto se nomear “historiador”, e sim evocando a função de transmitir à posteridade, como os poetas faziam, aquilo que foi importante e que aconteceu no passado.

O passado, cada vez mais, deixa de ser concreto e imutável, e passa a ser visto como uma construção verbal como outra qualquer, dependente da pesquisa e da memória, mas que mesmo assim não se desvincula de seu escritor, daquele de quem se espera toda a operação na composição da narrativa. Neste contexto, por exemplo, Péricles perde o estatuto de grande político ateniense, e transforma-se em personagem “ficcional”, já que o historiador é o responsável por fazê-lo falar. As falas são encaixadas nos acontecimentos, ou são estes que determinam as falas? Quem determina o acontecimento a ser explorado narrativamente escolhe de forma automática o conteúdo da fala do personagem histórico? Tucídides planeja tudo isso, como um escritor qualquer, e embora não queira participar do mítico, não consegue afastá-lo de sua obra: a figura de Péricles é um mito, o retrato de Atenas é um mito, o relato da guerra é mito. Se, seguindo ainda Veyne, o historiador *faz com que um século caiba numa página*, Tucídides conseguiu condensar 27 anos de guerra em um parágrafo (II,65).

## **CAPÍTULO 3 – HISTÓRIA E COMÉDIA**

## 1. Introdução do Capítulo

Neste capítulo, trataremos essencialmente da construção das figuras de Cléon e Brásidas. Vimos anteriormente como Tucídides compôs Péricles, e de que forma seus discursos foram representados. Seguindo a linha adotada ao longo da dissertação, continuaremos discutindo acerca da tênue margem que separa (ou aproxima) a história e a ficção.

A linguagem do historiador é marcada, sempre composta no intuito de descrever com maior precisão possível o fato ou a ação. Assim, pois, Tucídides atinge uma fusão entre a narrativa e a interpretação, segundo Romilly (1998, p.16). A figura do ἱστωρ (hístor) e a do ποιητής (poietés) se confundem, neste momento no qual ainda não se definem fórmulas fixas de composição para cada um deles.

Segundo o dicionário<sup>4</sup>, o primeiro termo designa aquele “que sabe, que conhece, conhecedor da lei, juiz”. Portanto, se seguimos a raiz da palavra, facilmente chegamos em ἱστορέω, o verbo, e ἱστορία, substantivo que deu origem ao termo “história”. Pois bem, no que se refere à semântica, tais palavras estão contidas na esfera do “pesquisar”, do “conhecer”. Como já apontamos, Tucídides em nenhum momento autoproclama-se, afirmando escrever uma “história”.

Já ποιητής provém do verbo ποιέω, o “fazer”, posteriormente associado ao fazer poético. Assim, estabelece-se a separação: o mundo do factual, real, acontecido e pesquisado; e o da fábula, da poesia, da ficção. Naquela famosa distinção aristotélica, temos, por um lado, a história, que fala do que aconteceu; e por outro, a poesia, que traz o que pode acontecer.

Há, entretanto, outra figura importante a ser mencionada. Outra τέχνη se faz presente na composição do relato: a arte do ῥήτωρ. A tradução mais simples é “orador”, e a partir do qual temos o adjetivo ῥητορικός. Tucídides é, acima de tudo, um retórico. Este é o principal detalhe presente em toda a sua obra, e é um dos diferenciais em relação a Heródoto, por exemplo.

O pai da história começa assim sua obra:

Ἡροδότου Ἀλικαρνησέος **ἱστορίας ἀπόδειξις** ἦδε, ὡς μήτε τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται, μήτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θαυμαστά, τὰ μὲν Ἑλλησι τὰ δὲ βαρβάροισι ἀποδεχθέντα, ἀκλεᾶ γένηται, τὰ τε ἄλλα καὶ δι’ ἣν αἰτίην

4 Liddell and Scott’s Greek-English Lexicon Abridged.

ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι. História (Hdt. I,1.0).

Esta história de Heródoto de Halicarnasso é para que os acontecimentos humanos não fujam pelo tempo, e nem os grandes e extraordinários feitos, que tanto os Helenos quanto os bárbaros mostraram, tornem-se desconhecidos; e as outras coisas que também foram a razão para que guerreassem entre si.

O termo chave é **ἀπόδειξις**, que pode ser traduzido por “ação de mostrar, tornar público”. Este substantivo possui o mesmo radical do verbo ἀποδείκνυμι: “fazer ver, designar, declamar, proclamar”; ou ainda fazer conhecer, expor”. Heródoto, portanto, vincula-se ao grupo dos poetas no que se refere ao conteúdo apresentado. Mostrar, contar, apresentar, são tarefas realizadas pelos aedos que, a partir de agora, terão a concorrência de um novo tipo de obra. Notemos, entretanto, que Heródoto não menciona o verbo “escrever”, como faz Tucídides:

Θουκυδίδης Ἀθηναῖος **ξυνέγραψε τὸν πόλεμον** τῶν Πελοποννησίων καὶ Ἀθηναίων, ὡς ἐπολέμησαν πρὸς ἀλλήλους, ἀρξάμενος εὐθὺς καθισταμένου καὶ ἐλπίσας μέγαν τε ἔσεσθαι καὶ ἀξιολογώτατον... (Tuc. I,1).

Tucídides, o ateniense, escreveu [acerca d]a guerra entre peloponésios e atenienses, como lutaram uns com os outros, começando imediatamente, já considerando que ela seria grande e digna de nota...

A diferenciação dos dois discursos marca-se pelo uso do verbo **ξυνέγραψε**, que determina a separação e garante a primazia do ler em detrimento do olhar/ouvir. Heródoto quer *mostrar* como foram os feitos grandiosos do homem, para que estes não sejam esquecidos, e Tucídides *escreveu* a guerra do Peloponeso, a maior guerra até então ocorrida. O primeiro mantém um objetivo vago, digamos assim, na medida em que seu assunto não tem começo nem fim. Para contar as suas histórias, ou seja, as suas pesquisas, Heródoto viajou e informou-se como pôde para recuar ao máximo, tentando assim delimitar um marco de início.

O ateniense, contudo, tem já em mente o objetivo traçado previamente, e é partindo disso que sua obra é estruturada. Heródoto acrescenta contos e anedotas que acha interessante, justamente porque não há de sua parte uma organização prévia. Que feitos são esses que ele quer mostrar? Em que época ocorreram? As *Histórias* são muito mais literárias, propiciam uma leitura leve e agradável, pois foram feitas para isso mesmo (segundo Tucídides).

Mas quando o historiador define seu foco, tudo que lhe interessa é ver e pesquisar a

partir desse ponto:

O historiador é como um fotógrafo de quem se espera um rigor absoluto quando se lhe atribui a tarefa de fotografar um objeto em constante transformação e mil vezes maior do que o campo de alcance do seu aparelho. Em tal situação, é preciso procurar os aspectos mais característicos e fazer depois uma montagem judiciosa. É claro que não se deixará de exigir aqui que o historiador se mostre honesto e escrupuloso. Ainda assim, será preciso que ele se decida. Mesmo que se lhe conceda, na origem, um certo domínio de interesses, sempre mais ou menos em função da época em que vive, no interior desse domínio ele deverá, aplicando todas as suas qualidades de seu espírito, escolher e organizar segundo seu próprio pensamento. Para alcançar o seu objetivo, realiza uma obra de criação. É precisamente nisto que a história de Tucídides apresenta uma originalidade particular e pode constituir um exemplo privilegiado. Essa história reúne, do ponto de vista da objetividade, condições excepcionalmente favoráveis. Tucídides relata fatos contemporâneos. (ROMILLY, 1998, p.14).

O historiador, com sua lente, está sempre à espreita de capturar algo maior do que seu foco o permite atingir. A criatividade do autor ajuda neste processo e, segundo Romilly, Tucídides representa um “exemplo privilegiado”, pois, tendo aproveitado de “condições excepcionalmente favoráveis”, escreveu sobre “fatos contemporâneos”. Assim, pela proximidade cronológica, o autor conseguiu vivenciar a guerra e a partir dessa posição estratégica, produzir uma “obra de criação”.

A reconstrução do presente é tão difícil quanto à do passado, e ambas possuem as suas especificidades. Para relatar uma guerra que está acontecendo ou que terminou há pouco tempo o processo é diferente daquele adotado para escrever sobre eventos mais remotos. A memória dos leitores e do escritor trabalha relacionada. Se a Guerra do Peloponeso está em curso, as consequências dela ocorrerão ao longo dos anos. Estas consequências influenciam aquele que escreve, futuramente, algo já ocorrido.

Esta qualidade da obra de Tucídides permite-nos aproximá-lo não só à figura do historiador moderno, mas também, como já mencionamos, à do fotógrafo, ou à do jornalista, por exemplo. E Jacqueline de Romilly, em *História e razão em Tucídides*, destaca acertadamente as “qualidades de espírito” do autor, mencionando a sua habilidade em trabalhar com as palavras. Outra discussão interessante que surge a partir da linguagem utilizada pelo historiador é “a fratura entre as palavras e as coisas, a distância, de alguma forma sempre preenchida, entre os acontecimentos e os discursos sobre eles, são preocupações que estão no cerne da reflexão de Tucídides, perpassam sua escrita, e nela, de certo modo, se resolvem.” (NETTO, 2011, p.237).

Preso nesta relação inevitável de proximidade com os fatos, com as fontes, com os personagens envolvidos na guerra, Tucídides nos mostra duas figuras emblemáticas, que serão abordadas neste capítulo. Até agora vimos Péricles em destaque, passaremos a tratar do polêmico Cléon, pelo lado ateniense; e do sábio Brásidas, pelo espartano. Veremos como o autor lida com a tarefa de recriar o passado recente, e de que forma o próprio Tucídides se apaga como figura presente na guerra, e transforma-se, desaparecendo pessoalmente, mas surgindo por trás das linhas de seu relato.

## **2. A comédia e a história mostra a mesma Atenas.**

Embora aparentemente pareçam mundos distantes, comédia e história se relacionam, e na *Guerra do Peloponeso* podemos ver alguns personagens que acabaram transformados em personagens cômicos por meio da criatividade de Aristófanes. O fator que une esses dois mundos é a política, uma vez que as figuras importantes da cidade, em sua maioria os políticos, são sempre fonte de matéria inesgotável para brincadeiras e zombarias.

O historiador Tucídides e o comediógrafo Aristófanes presenciaram o que talvez tenha sido o momento mais decisivo na história de Atenas. A guerra do Peloponeso envolveu praticamente toda a Grécia, tendo ocorrido entre os anos de 431 a 404 a.C. Portanto, o conflito durou ao todo, entre tréguas momentâneas e acordos provisórios, 27 anos.

Pois bem, os dois autores acima citados, de forma evidentemente diferente, de acordo com as suas perspectivas e seus gêneros de composição, fornecem visões bastante interessantes acerca desse período de guerra. E estas se complementam. Se por um lado nós temos o peso da narrativa histórica, com todo o seu rigor e precisão, preocupada com a verdade dos fatos, por outro, temos a comédia para brincar um pouco com os assuntos e os personagens da guerra. Assim, muitos dos acontecimentos citados por Aristófanes em suas peças podem ser também observados em Tucídides. O mesmo vale para as personalidades retratadas: personagens históricos transformam-se em personagens cômicos.

É interessante usar duas fontes diferentes para reconstruirmos a mesma época, uma vez que cada uma delas fornece aspectos complementares, e as informações de um podem ser averiguadas no outro. A comédia antiga, assim como o relato de Tucídides, possui forte preocupação didática. Em suas peças, vemos um Aristófanes sempre preocupado com sua cidade, tentando alertar e educar o povo por meio de seu teatro. Notamos uma visão da

realidade semelhante à de Tucídides. Ambos vislumbraram que, após a morte de Péricles, Atenas estaria entregue aos demagogos.

## 2.1 *Os Cavaleiros*: Cléon e a figura do demagogo

Na comédia *Os Cavaleiros* (424 a.C.), o comediógrafo cria uma metáfora bastante ilustrativa da situação ateniense, e é somente com o auxílio de Tucídides que podemos conhecer mais detalhadamente este momento histórico. Toda a trama da peça nos mostra um patrão (chamado de Povo) e seus três escravos. Dois deles são corretos e honestos (Nícias e Demóstenes), mas sofrem com as armadilhas do terceiro, o Paflagônio (Cléon). Enquanto este bajula e agrada ao senhor para poder enganá-lo, os outros dois, “bonzinhos”, tentam reverter a situação. No início da peça um deles volta-se para o público e explica:

### Δημοσθένης

λέγοιμ' ἄν ἤδη. Νῶν γάρ ἐστι δεσπότης / ἄγροικοζόργην κυαμοτρῶξ ἀκράχολος, /  
Δῆμος πυκνίτης, δύσκολον γερόντιον / ὑπόκωφον. Οὗτος τῇ προτέρᾳ νουμηνία /  
ἐπρίατο δοῦλον, βυρσοδέσπην Παφλαγόνα, / πανουργότατον καὶ διαβολώτατόν τινα. /  
οὗτος καταγνοῦς τοῦ γέροντος τοὺς τρόπους, / ὁ βυρσοπαφλαγών, ὑποπεσὼν τὸν  
δεσπότην / ἤκαλλ' ἐθῶπευ' ἐκολάκευ' ἐξηπάτα / κοσκυλματίοις ἄκροισι τοιαντὶ λέγων:  
/ ὦ Δῆμε λοῦσαι πρῶτον ἐκδικάσας μίαν, / ἐνθοῦ ρόφησον ἔντραγ' ἔχε τριώβολον. /  
βούλει παραθῶ σοι δόρπον; εἴτ' ἀναρπάσας / ὅ τι ἄν τις ἡμῶν σκευάσῃ, τῷ δεσπότη /  
Παφλαγῶν κεχάρισται τοῦτο. Καὶ πρώην γ' ἐμοῦ / μᾶζαν μεμαχότος ἐν Πύλῳ  
Λακωνικήν, / πανουργότατά πως περιδραμῶν ὑφαρπάσας / αὐτὸς παρέθηκε τὴν ὑπ'  
ἐμοῦ μεμαγμένην... (ARISTÓFANES, *Os Cavaleiros*, v. 44-57).

### Demóstenes

Vou dizer já! Nosso patrão é impulsivo, rústico comedor de feijão e irritadiço – o Povo da Pnix, um velho surdo e difícil. Ele comprou na lua nova passada um escravo, um coureiro calunioso da Paflagônia que é capaz de tudo! Ele viu os gostos do velho, esse Paflagônio curtidor de couro, e passou a bajular e a adular o patrão, enrolando-o como que com tirinhas de couro, chegando ao ponto de dizer algo do tipo: “O Povo, joga apenas um (processo no tribunal) e vá para o banho, vá se empanturrar e comer a sobremesa... tome os três óbulos. Deseja que eu sirva logo a ceia?” E aí o Paflagônio leva o que nós preparamos para o patrão. Dia desses eu mesmo amassava um bolo de cevada lacônica em Pilos, e o safado correu e pegou para ele entregar o que eu tinha amassado...

A referência ao acontecimento em Pilos mostra bem como Aristófanes utiliza certos eventos históricos para fazer a plateia refletir. O Paflagônio da peça é claramente a

representação da figura de Cléon. Tucídides apresenta o mesmo episódio, e é por meio de sua narrativa que temos acesso a mais detalhes. A leitura da comédia antiga é difícil quando não conhecemos o mínimo do contexto histórico, já que, como vimos, é nele que o comediógrafo busca a motivação. E pelo relato minucioso do historiador podemos hoje conhecer que Cléon se aproveitou de uma situação e teve sorte, pois conseguiu vencer uma batalha sem ter realizado absolutamente nada. Demóstenes havia traçado a estratégia de ataque, havia “amassado o bolo de cevada lacônica” com esforço e técnica, mas apareceu um Paflagônio e entregou o presente ao Povo. Notemos que Aristófanes não faz questão de disfarçar suas críticas. O nome dado ao patrão na peça é Δῆμος πικνίτης, ou seja, literalmente traduzido, “o Povo da Pnix”, numa clara referência à cidade de Atenas. A caracterização desse personagem é toda caricaturada, mas também vinculada à “verdade”, como não poderia deixar de ser.

As comédias de Aristófanes são aparentemente simples. O cômico, no entanto, nunca é gratuito, nasce sempre para criticar e apontar questões próprias da cidade ateniense, que passava por momento decisivo. A função do comediógrafo era muito maior do que se imagina hoje. E não é por acaso que se costuma chamar Aristófanes de poeta cômico. A cidade mostrada pelo comediógrafo para a plateia era uma representação exagerada das falhas e erros que o poeta via. Portanto, cansado de ver Cléon bajulando e enganando o povo, Aristófanes tentou mostrar em *Os Cavaleiros* como a situação era realmente, na esperança de conseguir alertar a população.

O cerco em Pilos demorava mais que o previsto, sob o comando de Demóstenes, mas, em Atenas, Cléon aproveitava a ausência dos rivais para caluniá-los. Tucídides afirma que em determinado momento, em plena assembleia, Cléon, “apontando para Nícias, filho de Niceratos, um general rival, disse que seria fácil, se os generais fossem homens, navegar e capturar os homens na ilha (Pilos), ele mesmo o faria se estivesse à frente” (“καὶ ἐς Νικίαν τὸν Νικηράτου στρατηγὸν ὄντα ἀπεσήμαινεν, ἐχθρὸς ὢν καὶ ἐπιτιμῶν, ῥάδιον εἶναι παρασκευῆ, εἰ ἄνδρες εἶεν οἱ στρατηγοί, πλεύσαντας λαβεῖν τοὺς ἐν τῇ νήσῳ, καὶ αὐτός γ’ ἂν, εἰ ἦρχε, ποιῆσαι τοῦτο”). (IV, 27.5).

O historiador afirma que Cléon falou estas palavras, mas não tinha a mínima intenção de partir. A expedição contra Pilos cabia ao experiente Nícias, mas este, contudo, abdicando do “privilégio” de comandar a frota, entregou o cargo imediatamente. Assim, aquele se viu sem saída, como o próprio Tucídides atesta:

ὁ δὲ Νικίας τῶν τε Ἀθηναίων τι ὑποθορυβησάντων ἐς τὸν Κλέωνα, ὅτι οὐ καὶ νῦν πλεῖ, εἰ ῥάδιόν γε αὐτῷ φαίνεται, καὶ ἅμα ὁρῶν αὐτὸν ἐπιτιμῶντα, ἐκέλευεν ἦντινα βούλεται δύναμιν λαβόντα τὸ ἐπὶ σφᾶς εἶναι ἐπιχειρεῖν. ὁ δὲ τὸ μὲν πρῶτον οἰόμενος αὐτὸν λόγῳ μόνον ἀφιέναι ἐτοιμὸς ἦν, γνοὺς δὲ τῷ ὄντι παραδωσειόντα ἀνεχώρει καὶ οὐκ ἔφη αὐτὸς ἀλλ' ἐκείνῳ στρατηγεῖν, δεδιὼς ἤδη καὶ οὐκ ἂν οἰόμενός οἱ αὐτὸν τολμηῆσαι ὑποχωρῆσαι. Αὐθις δὲ ὁ Νικίας ἐκέλευε καὶ ἐξίστατο τῆς ἐπὶ Πύλῳ ἀρχῆς καὶ μάρτυρας τοὺς Ἀθηναίους ἐποιεῖτο. Οἱ δὲ, οἷον ὄχλος φιλεῖ ποιεῖν, ὅσῳ μᾶλλον ὁ Κλέων ὑπέφευγε τὸν πλοῦν καὶ ἐξανεχώρει τὰ εἰρημένα, τόσῳ ἐπεκελεύοντο τῷ Νικίᾳ παραδιδόναι τὴν ἀρχὴν καὶ ἐκείνῳ ἐπεβόων πλεῖν. ὥστε οὐκ ἔχων ὅπως τῶν εἰρημένων ἔτι ἐξαπαλλαγῆ, ὑφίσταται τὸν πλοῦν, καὶ παρελθὼν οὔτε φοβεῖσθαι ἔφη Λακεδαιμονίους πλεύσεσθαι τε λαβὼν ἐκ μὲν τῆς πόλεως οὐδένα, Λημνίους δὲ καὶ Ἴμβριους τοὺς παρόντας καὶ πελταστὰς οἱ ἦσαν ἕκ τε Αἰνίου βεβοηθηκότες καὶ ἄλλοθεν τοξότας τετρακοσίους: ταῦτα δὲ ἔχων ἔφη πρὸς τοῖς ἐν Πύλῳ στρατιώταις ἐντὸς ἡμερῶν εἴκοσιν ἢ ἄξειν Λακεδαιμονίους ζῶντας ἢ αὐτοῦ ἀποκτενεῖν. Τοῖς δὲ Ἀθηναίοις ἐνέπεσε μὲν τι καὶ γέλωτος τῇ κουφολογίᾳ αὐτοῦ, ἀσμένοις δ' ὅμως ἐγίγνετο **τοῖς σώφροσι τῶν ἀνθρώπων**, λογιζομένοις δυοῖν ἀγαθοῖν τοῦ ἐτέρου τεύξεσθαι, ἢ Κλέωνος ἀπαλλαγῆσεσθαι, ὃ μᾶλλον ἠλιζόν, ἡσφαλεῖσι γνώμης Λακεδαιμονίου σφίσι χειρώσεσθαι. (Tuc. IV, 28).

Nicias percebeu os atenienses murmurando contra Cléon, “por que não parte agora se lhe parece tão fácil”, e vendo-o em dificuldades, sentenciou que ele poderia levar a força que desejasse para atacar. Mas Cléon pensou que se tratava só de “conversa”, e se disse pronto para partir; em seguida, percebendo que Nicias realmente entregava o posto, desistiu, e disse que ele não era o comandante, e sim Nicias, já tremendo de medo e julgando que ele (Nicias) não teria coragem de fazer (entregar o posto de comandante). Mas Nicias novamente o mandou ir e renunciou ao comando dos que estavam em Pilos, convocando os atenienses ali como testemunhas. Sendo assim, a multidão aprovou a mudança, e quanto mais Cléon tentava fugir da expedição e retirar suas palavras, mais gritavam para ele ir, ordenando para que Nicias entregasse mesmo o cargo. Sem poder se livrar do que havia proposto, então, encarregou-se da missão; subindo à tribuna disse que não temia os lacedemônios, e que não levaria mais ninguém da cidade, somente algumas tropas lêmniatas e ímbrias e uns peltastas que vieram de Enos para ajudar, além de quatrocentos arqueiros de outros lugares: disse também que, com estes somados às tropas já estacionadas em Pilos, traria os lacedemônios vivos em vinte dias ou os mataria ali. Os atenienses desataram a rir com esse despropósito, mas ficaram satisfeitos **os homens mais sensatos**, considerando que uma das duas coisas poderia acontecer de bom: ou eles se livrariam de vez de Cléon (esta era a esperança maior), ou, se isso falhasse, ao menos teriam os lacedemônios nas mãos.

Tucídides, detalhadamente como é seu costume, pinta a cena completa. Demóstenes era o responsável pelo cerco até então, e enquanto a assembleia acima recontada acontecia, ele já estava com os planos traçados, receberia apenas o auxílio de Nicias. Mas os rumos mudaram por causa de Cléon, ao incitar a multidão contra seus adversários e ao afirmar que era uma missão fácil. A situação se inverteu, e ele teve mesmo que ir pra guerra, coisa que ele evitava ao máximo. Seu campo de atuação era as tribunas, principalmente para criticar o que se fazia e para sugerir outras coisas. Era uma figura tão exagerada, efetivamente, que o personagem criado por Aristófanes o representa perfeitamente bem.

Notamos, assim, como a mesma situação aparece em dois gêneros diferentes. Seus respectivos autores usam determinadas técnicas de composição, e a ficção do cômico precisa do complemento histórico, para que nós atualmente possamos entender a graça da peça. É nesse sentido que uma boa tradução necessita de uma infinidade de notas explicativas, para fornecer essas informações que eram claras para o público, mas que para o leitor moderno não são.

A reconstrução do acontecimento é feita de tal modo que Tucídides parece ter sido testemunha dessa famosa assembleia. A descrição da cena traz até as sensações e sentimentos que passaram pela cabeça do personagem. O tom de ironia prevalece, e o historiador tem plena certeza das intenções ocultas do orador. Cléon era medroso e falastrão, mas esperto também. Quando viu que não podia mais recuar, rapidamente voltou à sua postura impetuosa e arrogante para, a partir disso, assumir o comando que pertencia a Nícias, um de seus desafetos.

Tucídides e Aristófanes possuem a mesma opinião em relação ao orador, e parecem fazer parte dos “atenienses mais sensatos”, aqueles que queriam se livrar do político:

o demagogo é repellido com quase a mesma disposição, tanto por Tucídides quanto por Aristófanes. De fato, não há tentativa de indicar por que alguém poderia apoiar Cléon, apesar do fato de que a maioria do demos claramente o fez. No caso de Aristófanes, a motivação é manifestamente pessoal, e no caso de Tucídides é plausível que sim. No entanto, uma correspondência ainda mais interessante é a de que, para os dois autores, Cléon permanece por todo o tempo como o paradigma do demagogo. (RUSTEN, s/d, p. 552).

Em nenhum momento Tucídides tenta explicar ou esclarecer a situação mencionada acima por Rusten. Não há por parte do historiador qualquer tentativa nesse sentido, não há interesse em contar como e por que Cléon contava com tanto apoio popular, tendo alcançado muito poder e influência. A indiferença é marcante, logo observada na primeira referência a ele (III, 36-7): “Cléon filho de Cleanetos (...), que era o mais violento dos políticos da cidade, e o mais ouvido no momento, subiu à tribuna e disse novamente tais coisas: ‘eu já muitas vezes pensei que a democracia não é a mais adequada para se governar os outros...’” (Κλέων ὁ Κλεινέτου (...) ὄν καὶ ἐς τὰ ἄλλα βιαιότατος τῶν πολιτῶν τῷ τε δήμῳ παρὰ πολὺ ἐν τῷ τότε πιθανώτατος, παρελθὼν αὐθις ἔλεγε τοιαύδε. Πολλάκις μὲν ἤδη ἔγω γε καὶ ἄλλο τε ἔγνω δημοκρατίαν ὅτι ἀδύνατόν ἐστιν ἐτέρων ἄρχειν).

Não deixa de ser marcante, também, a crítica de um ateniense em relação ao seu regime político, algo que, normalmente, seria motivo de orgulho para a maioria. Cléon acreditava que a democracia atrapalhava principalmente na hora da decisão rápida. De uma maneira geral, ele sempre era a favor da violência. Seus discursos, sempre veementes, faziam tremer todos na assembleia. O comediógrafo aponta a voracidade como uma das principais características de Cléon.

Ainda em *Os Cavaleiros*, Aristófanes apresenta em poucos versos (v.129-140) o que seria a sequência decadente de homens no poder, após a morte de Péricles até a chegada de Cléon: “primeiro veio um comerciante de estopa, que será o primeiro a administrar a cidade (...), Depois deste, em segundo, vem um negociante de ovelhas (...), até que venha um homem mais safado do que este. (...) Aí vem o negociante de couros, o Paflagônio, voraz, vociferador, com a voz de Ciclóboro”.

O comediógrafo parece ter visto, assim como Tucídides, que a decadência no governo ateniense foi realmente séria. Em contrapartida, o povo parece não ter compreendido como tal, uma vez que, mesmo após todas as críticas feitas à Cléon, ele conseguiu ser eleito. Outro fator que comprova a escassez de brilho no comando ateniense é que Tucídides praticamente apenas cita em sua obra o “comerciante de estopa” – Êucrates (III,51) – e o “negociante de ovelhas” – Lísicles (I,91 e III,19). Estes foram políticos sem destaque, os quais podemos também incluir no grupo dos demagogos. Depois desses, há outro *negociante*, o de couros, o pior de todos. Os escravos que conversam sobre o tema, vale relembrar, são inspirados em Nícias e Demóstenes, dois dos maiores generais, mas que, por alguma razão, não conseguiram alcançar muito destaque, já que sempre eram vigiados por Cléon.

Apontaremos agora, para efeito de comparação, o comentário que Tucídides apresenta quando Nícias morre, já na reta final da guerra, quando Atenas saiu derrotada da tentativa de invasão à Sicília. Nícias, sempre que pôde votou e discursou pela paz, após a derrota na batalha, rendeu-se, confiando na palavra do general espartano Gílipos. Entretanto, este fora pressionado para executá-lo. Vejamos como o historiador apresenta (VII, 86.5): “e foi essa, ou muito perto disso, a razão pela qual o mataram, o homem que, do meu tempo, era um dos mais dignos dos gregos, e que não merecia tal sorte, uma vez que durante a vida se pautou pela virtude” (“καὶ ὁμὲν τοιαύτη ἢ ὅτι ἐγγύτατα τούτων αἰτία ἐτεθνήκει, ἥκιστα δὴ ἄξιος ὦν τῶν γε ἐπ’ ἐμοῦ Ἑλλήνων ἐς τοῦτο δυστυχίας ἀφικέσθαι διὰ τὴν πᾶσαν ἐς ἀρετὴν νενομισμένην ἐπιτήδευσιν”.)

Tucídides não economiza nas palavras ao se despedir de Nícias, alguém que foi importante para Atenas, e um dos remanescentes do que os antigos chamavam de καλός κα'ἀγαθός, aquele que é belo e bom, na tradução literal, mas que efetivamente representa muito mais do que isso. Seria, por exemplo, o exato contraponto do demagogo, ou seja, alguém que possui instrução, cultura, nobreza de espírito, bom caráter etc. Mas o caso é que tanto Tucídides quanto Aristófanes viram que ocorria uma mudança de mentalidade, já que, nos tempos gloriosos de Atenas, o cidadão pensava em primeiro lugar na cidade, e depois na sua vontade pessoal. Agora, e ambos os autores esforçam-se para nos mostrar, o egoísmo e a ganância comandavam as ações, e o que gerava lucros ocultos e/ou indiretos para os oradores determinava a direção de seus discursos.

O comediógrafo põe o escravo que representa Demóstenes para explicar como se deve governar, se quiser “se dar bem”:

φαυλότατον ἔργον: ταῦθ' ἄπερ ποιεῖς ποίει: / τάραττε καὶ χόρδεν' ὁμοῦ τὰ πράγματα / ἅπαντα, καὶ τὸν δῆμον ἀεὶ προσποιοῦ / ὑπογλυκαίνων ῥηματίοις μαγειρικοῖς. / τὰ δ' ἄλλα σοὶ πρόσσεστι δημαγωγικά, / φωνὴ μιὰρά, γέγονας κακῶς, ἀγοραῖος εἶ: / ἔχεις ἅπαντα πρὸς πολιτείαν ἃ δεῖ (v. 214-220).

É muito fácil o trabalho; faça as coisas que costumava fazer, enrolas e empurras do mesmo jeito com as coisas públicas, ganhas o povo adoçando umas palavrinhas, como cozinheiros. As outras coisas já estão em ti para a demagogia: a voz abominável, o péssimo berço, ou seja, um vagabundo; tens tudo o que é preciso para administrar a cidade.

Aristófanes, ao longo de suas peças, vai deixando bem claro seu posicionamento (v-191): “a demagogia não é coisa para o homem instruído nem de bons princípios, mas para os ignorantes e safados” (ἡ δημαγωγία γὰρ οὐ πρὸς μουσικοῦ ἔτ' ἐστὶν ἀνδρὸς οὐδὲ χρηστοῦ τοῦς τρόπους, ἀλλ' εἰς ἀμαθῆ καὶ βδελυρόν). A morte de Péricles simboliza justamente esse marco na trajetória da cidade, o ponto que definiu o declínio de um império: “Parece que o destino d' *Os Cavaleiros* é servir de fonte ora aos historiadores, que a consideram um tratado sobre a demagogia após a morte de Péricles, ora aos helenistas, que a veem como um registro precioso da trajetória da comédia antiga” (DUARTE, 2000, p. 85).

## 2.2 *A Paz*: Cléon e Brásidas, a História

O conteúdo da peça *A Paz* (421 a.C.) também nos remete ao contexto bélico; desta vez, Cléon não aparece como personagem, mas citado indiretamente. Um velho agricultor, cansado dos tempos de guerra, decide ir ao Olimpo para saber da situação, saber o motivo que faz os deuses permitirem que as coisas chegassem a tal ponto. Quando enfim alcança o destino, constata que os deuses foram embora. Apenas Hermes ficara atrasado, e é este deus que explica a situação para o homem: todos partiram porque não aguentam mais ver os gregos se matando, apesar de todas as oportunidades para a conciliação:

### Ἑρμῆς

ὄτιη πολεμεῖν ἠρεῖσθ' ἐκείνων πολλάκις / σπονδὰς ποιούντων: κεί μὲν οἱ  
Λακωνικοὶ / ὑπερβάλοιντο μικρόν, ἔλεγον ἂν ταδί: / 'ναὶ τῷ σιῶ νῦν ὀπτικίων δωσεῖ  
δίκαν.' / εἰ δ' αὖ τι πράξαιτ' ἀγαθὸν ἀττικωνικοὶ / κάλλοιεν οἱ Λάκωνες εἰρήνης πέρι,  
/ ἐλέγετ' ἂν ὑμεῖς εὐθύς: 'ἔξαπατώμεθα / νῆ τὴν Ἀθηνᾶν, νῆ Δί', οὐχὶ πειστέον: /  
ἦξουσι καύθις, ἦν ἔχωμεν τὴν Πύλον.'

### Τρυγαῖος

ὁ γοῦν χαρακτήρ ἡμεδαπὸς τῶν ῥημάτων. (v. 211-220)

### Hermes

Porque, muitas vezes, preferiram guerrear quando eles ofereciam tréguas; se os Lacônicos prevaleciam um pouco, eles diziam assim: “sim, pelos dois deuses, agora os que falam ático vão ver só!”. Mas aí depois se vocês áticos fizessem algo de bom, e os Lacônicos falassem sobre paz, vocês logo diziam: “estamos sendo enganados, por Atena, por Zeus, não seremos persuadidos! Eles voltarão, se mantivermos Pilos!”

### Agricultor

É bem típico mesmo dos nossos discursos...

Mais uma vez, notamos um Aristófanes que aproveita o histórico, a “realidade” para, a partir dela, preparar a peça e por meio dela atingir a sociedade, de alguma maneira. Se em *Os Cavaleiros* os conselhos aristofânicos não foram levados em conta (pois Cléon conseguiu se eleger mesmo após os ataques ao seu caráter), agora, com *A Paz*, o poeta volta a lutar pelo fim da guerra. O clamor popular já crescia neste sentido, já que o povo estava cansado, mas, mesmo assim, enquanto o demagogo principal não morresse, as tréguas não seriam assinadas.

A metáfora criada na peça é bem pensada, de acordo com o momento histórico. No Olimpo, a Paz está trancada numa gruta, e a Guerra é a única divindade a operar nos homens. Todos os outros deuses se foram. A Guerra, assim personificada, utiliza um pilão gigantesco,

no qual joga os homens e as cidades, e os destroi, amassados, triturados. A peça foi apresentada pouco depois das mortes de Cléon e Brásidas. Estes, no enredo de Aristófanes, são representados simbolicamente por duas peças de madeira, utilizadas para pilar as cidades no pilão da Guerra. Quando ambos os generais morreram, na mesma Batalha de Anfípolis (422 a.C.), abriu-se uma oportunidade para paz:

**Κύδοιμος**

τὸ δεῖνα γὰρ / ἀπόλωλ' Ἀθηναίοισιν ἀλετρίβανος, / ὁ βυρσοπώλης, ὃς ἐκύκα τὴν Ἑλλάδα.

**Τρυγαῖος**

εὖ γ' ὃ πότνια δέσποιν' Ἀθηναία ποιῶν / ἀπόλωλ' ἐκεῖνος κὰν δέοντι τῇ πόλει, / ἢ πρὶν γε τὸν μυττωτὸν ἡμῖν ἐγγέαι.

**Πόλεμος**

οὐκουν ἕτερον δῆτ' ἐκ Λακεδαίμονος μέτει ἀνύσας τι; (v. 270-74)  
(...)

**Κύδοιμος**

ἀπόλωλε γὰρ καὶ τοῖς Λακεδαιμονίοισιν ἀλετρίβανος. (v.282)

**Desordem:** o pior é que o pilão dos atenienses foi destruído, o negociante de couros, aquele que bagunçava a Grécia.

**Agricultor:** ó soberana Atena, fizeste muito bem ao matá-lo!, na hora exata para a cidade, antes que o caldo entornasse.

**Guerra:** Então tu não vais buscar já o pilão dos Lacedemônios?  
(...)

**Desordem:** Mas quebrou também o pilão dos Lacedemônios!

Agora o agricultor precisa libertar a Paz de sua prisão, foram anos e anos presa pela Guerra, e agora que seus instrumentos foram quebrados é o momento de agir. Mais uma vez Aristófanes cita o “negociante de couros” depreciativamente. O personagem principal ainda cita um temor, pedindo para todos agirem com cuidado (v. 313), já que Cléon deixou seguidores.

O mesmo momento histórico nos é apresentado por Tucídides:

Ἐπειδὴ δὲ καὶ ἡ ἐν Ἀμφιπόλει ἦσσα τοῖς Ἀθηναίοις ἐγεγένητο καὶ ἐτεθνήκει Κλέων τε καὶ Βρασίδας, οἵπερ ἀμφοτέρωθεν μάλιστα ἠναντιοῦντο τῇ εἰρήνῃ, ὁ μὲν διὰ τὸ εὐτυχεῖν τεκαὶ τιμᾶσθαι ἐκ τοῦ πολεμεῖν, ὁ δὲ γενομένης ἡσυχίας καταφανέστερος νομίζων ἂν εἶναι κακουργῶν καὶ ἀπιστότερος διαβάλλων, τότε δὴ ἑκατέρω τῇ πόλει σπεύδοντες τὰ μάλιστα τὴν ἡγεμονίαν Πλειστοάναξ τε ὁ Πανσανίου βασιλεὺς Λακεδαιμονίων καὶ Νικίας ὁ Νικηράτου, πλεῖστα τῶν τότε εὖ φερόμενος ἐν στρατηγίαις, πολλῶ δὴ μᾶλλον προθυμοῦντο (Tuc. V, 16).

Quando a derrota em Anfípolis ocorreu para os atenienses, e tanto Cléon quanto Brásidas foram mortos, os dois que mais trabalhavam contra a paz – um porque conseguia ganhar fama e notoriedade com a guerra, o outro porque pensava que a tranquilidade revelaria as maldades cometidas, – houve um esforço por parte de cada cidade pela paz, nas figuras de Plistoânax, rei dos Lacedemônios e filho de Pausânias, e Nícias, filho de Nicératos, os melhores generais da época, que se esforçaram intensamente...

Podemos observar bem a forma como Tucídides nos apresenta a cena, sempre analisando e refletindo sobre o que acontece, detalhadamente. O narrador parece ter um controle absurdo da cronologia dos eventos, já que seus comentários trazem considerações específicas demais. Afirma, categoricamente, as intenções ocultas dos personagens históricos. As falas de Cléon e Brásidas, ou as atitudes de seus sucessores, são contadas a partir de suas motivações ocultas.

A Tucídides, por exemplo, não compete afirmar que Cléon esforçava-se em manter a guerra, porque se ela acabasse revelaria as “maldades cometidas” por ele. Ora, tal informação, sem dúvida, induz o leitor a uma compreensão incompleta da situação, uma vez que o demagogo insistia na guerra não só porque este era o seu temperamento, sempre agressivo, mas também porque efetivamente acreditava na superioridade e na vitória ateniense. Reduzir, portanto, o comportamento de Cléon àquele, como Tucídides fez, não nos parece muito adequado. Mas, para adotar esse procedimento, o historiador se arrisca, por um lado, já que é impossível “adivinhar” o que se passa dentro da cabeça do personagem representado; por outro, entretanto, este modo de operar garante ao texto de Tucídides um tom inegável de certeza, de precisão, adequando-se assim ao seu discurso de sempre preocupar-se em revelar a verdade dos fatos:

A verdade torna-se a razão de ser do historiador e Tucídides coloca um certo número de regras constitutivas do método a seguir (...) Delimitando seu campo de investigação ao que ele poderia observar, Tucídides reduziu a operação historiográfica a uma restituição do tempo presente, resultando de um ocultamento do narrador, que se retira para deixar falar os fatos. No próprio nascimento do gênero histórico, encontra-se, portanto, essa ilusão de auto-ocultamento do sujeito histórico e de sua prática da escrita para melhor dar ao leitor a impressão de que os fatos falam por si mesmos. (DOSSE, 2003, p. 20, 21).

O “tempo presente” ao qual François Dosse se refere, nós já mencionamos, principalmente em relação à proximidade cronológica que ajuda (ou atrapalha) o historiador.

A recriação do tempo presente é tarefa ousada, e para ser executada o narrador precisa estar oculto, escondido e entrelaçado nas linhas, para “deixar falar os fatos”. Tucídides foi mestre nessa arte, mas, mesmo assim, somos forçados a concordar com a ideia do excerto citado, uma vez que tal procedimento não passa de uma ilusão. Ao agir desta maneira, o autor apenas atrai pra si a atenção, na medida em que o silêncio do narrador atesta uma frieza e uma distância artificial demais, impossível de ser verdadeira. O leitor atento logo percebe, e entende o jogo de cena proposto pelo narrador: é se escondendo que Tucídides mais aparece.

As cenas e as situações que o historiador refaz, quando relacionadas àquelas criadas por Aristófanes, por exemplo, nos fornecem um panorama completo do momento ateniense. Ambos os autores legaram à posteridade um conjunto de informações que não constam em outros autores. Uma das dificuldades encontradas pelos pesquisadores que se dedicam ao estudo da obra de Tucídides é justamente o fato de que não há outras fontes que nos transmitam dados sobre o mesmo período. A comédia nos auxilia, mas se levarmos em conta que Aristófanes pertencia ao mesmo grupo político do historiador, digamos assim, pois compartilhavam ideias e opiniões, fica ainda mais complicada a tarefa de tentar isolar seus respectivos posicionamentos. Parece natural, então, que compactuem das mesmas opiniões sobre Cléon, ou sobre os rumos da guerra, ou sobre Péricles, uma vez que ambos são de um mesmo “partido”, aquele grupo de atenienses que Tucídides nomeia de “sensatos”.

Vejamos de que forma o deus Hermes, personagem da peça *A Paz*, descreve a situação dos povos gregos, esclarecendo sobre o início da guerra:

### Ἑρμῆς

ὦ σοφώτατοι γεωργοί, τὰμὰ δὴ ξυνίετε / ῥήματ', εἰ βούλεσθ' ἀκοῦσαι τήνδ' ὅπως ἀπώλετο. / πρῶτα μὲν γὰρ ἑαυτῆς ἤρξεν ἑ Φειδίας πράξας κακῶς: / εἶτα Περικλῆς φοβηθεὶς μὴ μετὰσχοι τῆς τύχης, / τὰς φύσεις ὑμῶν δεδοικῶς καὶ τὸν αὐτοδᾶξ τρόπον, / πρὶν παθεῖν τι δεινὸν αὐτός, ἐξέφλεξε τὴν πόλιν. / ἐμβάλων σπινθῆρα μικρὸν Μεγαρικῶν ψηφίσματος, / ἐξεφύσησεν τοσοῦτον πόλεμον ὅσπερ τῷ καπνῷ / πάντας Ἑλλήνας δακρῦσαι, τοὺς τ' ἐκεῖ τοὺς τ' ἐνθάδε. (v-605-612)

### Hermes

Ó mais sábios agricultores, acompanhai estas palavras, se desejai escutar como ela (a Paz) se perdeu. Primeiramente, foi Fídias que, agindo mal, começou a coisa; aí Péricles, temendo que sobrasse para ele, por causa de vossa natureza feroz e jeito voraz, antes de sofrer algo ruim, ele incendiou a cidade, lançando uma fagulha pequena, como o decreto de Mégara, e estourou assim a guerra, e todos os Helenos choraram com a fumaça, os daqui e os de lá.

Não há, em Tucídides, nenhuma referência ao nome “Fídias”. Segundo nota explicativa que consta na edição de *A Paz*<sup>5</sup>, Fídias foi um escultor célebre, amigo de Péricles. A situação exposta por Aristófanes traz uma espécie de rumor da época, segundo o qual o escultor teria desviado boa quantidade de ouro que seria usado para a confecção de uma estátua de Atena, encomendada por Péricles. Assim, antes que houvesse chance de complicações, o político resolveu desviar o foco de atenção do povo, dando logo início ao conflito. É no mínimo estranho que Tucídides não tenha nem mesmo mencionado o fato, algo que não chegou a modificar o rumo da guerra, mas que deveria fazer parte do relato, seguindo rigorosamente a sua proposta de trabalhar os acontecimentos de forma detalhada.

Este é apenas um exemplo que ilustra bem umas das características de seu procedimento: a seleção do que deve ou não ser mostrado. E, mais uma vez, temos que salientar o quanto Péricles era admirado pelo historiador; assim, é impossível definir se o personagem criado por Tucídides para representar o político é realista ou idealizado:

Que Péricles teve interesses pessoais em encaminhar a guerra em Esparta, parece que era uma crença popular – crença que Tucídides deseja, apesar de tudo, refutar. Péricles, dizem os rumores, estava vingando o roubo de três prostitutas; ele tinha receio de ter o mesmo destino de Fídias, e assim iniciou uma deflagração geral; ele desejava evitar a prestação de contas das verbas públicas; ele agiu a partir de um ambicioso desejo de humilhar o orgulho dos Peloponésios. Esses e escândalos similares encontraram seus caminhos, através de Éforos e outros, como Plutarco e Diodoro. Entre os modernos, Beloch tende a reverter uma visão deste tipo. Péricles, achando sua posição na casa abalada, estava ansioso para desviar a atenção para outro lugar<sup>6</sup>. (CORNFORD, 1907, p.4).

Aristófanes faz uso sutil dessas polêmicas em sua peça. Poderíamos até associar esta lista de *gossips* (prostitutas, desvio de dinheiro público, etc) a Cléon, figura mais habituada a esse tipo de contexto. Havia, entretanto, um costume que era muito popular em Atenas, quando a cidade vivenciou o auge da empolgação pelos tribunais e pelas disputas processuais: o acusador faz a denúncia, sem precisar provar, bastando apenas apontar o réu; este então precisa provar que não é culpado. As disputas jurídicas ficaram vinculadas às

<sup>5</sup> Nota 80, p.146, *A Paz* in.: **A Paz; O Misanthropo**. Editora Ediouro.

<sup>6</sup> That Pericles had personal grounds for thrusting the war on Sparta, seems to have been the vulgar belief – the belief which Thucydides desired, above all, to refute. Pericles, said the gossips, was avenging the theft of three loose women; he was afraid of sharing the fate of Pheidias, and so stirred up a general conflagration; he wished to avoid rendering account of public moneys; he acted from an ambitious desire to humble the pride of the Peloponnesians. These and similar current scandals have found their way, through Ephorus and others, into Plutarch and Diodorus. Among the moderns, Beloch inclines to revert to a view of this type. Pericles, finding his position at home shaken, was anxious to turn attention elsewhere.

disputas pessoais, pois inimigos acusavam-se mutuamente, baseando seus processos apenas em rumores e especulações. Deste modo, portanto, podemos avaliar que, no caso de Péricles, muito do que foi dito contra ele pode-se atribuir a antipatias e invejas de seus rivais políticos. Estes, embora fundamentados superficialmente, aproveitaram para acirrar os ânimos.

De qualquer forma, parece sintomática a ausência deste tipo de informação, já que em outros momentos de sua obra, ou melhor, em relação a outros personagens, Tucídides não mede esforços para esclarecer os pontos obscuros, para trazer ao leitor detalhes importantes.

Detalhes que não faltam à composição de Aristófanes. Há momentos em que a história assume papel fundamental na peça, seja para servir de motivo de piada, ou seja, para ser deturpada, ironizada, invertida, gerando assim o cômico; seja para fundamentar o conteúdo da peça e vinculá-lo indubitavelmente ao contexto ateniense:

### Ἑρμῆς

κᾶτα δ' ὡς ἐκ τῶν ἀγρῶν ξυνῆλθεν οὐργάτης λεώς, / τὸν τρόπον πωλούμενος τὸν αὐτὸν οὐκ ἐμάνθανεν, / ἀλλ' ἅτ' ὦν ἄνευ γιγάρτων καὶ φιλῶν τὰς ἰσχάδας / ἔβλεπεν πρὸς τοὺς λέγοντας: οἱ δὲ γινώσκοντες εὖ / τοὺς πένητας ἀσθενοῦντας κάποροῦντας ἀλφίτων, / τήνδε μὲν δικροῖς ἐώθουν τὴν θεὸν κεκράγμασιν, / πολλάκις φανείσαν αὐτὴν τῆσδε τῆς χώρας πόθῳ, / τῶν δὲ συμμάχων ἔσειον τοὺς παχεῖς καὶ πλουσίους, / αἰτίας ἂν προστιθέντες, ὡς φρονεῖ τὰ Βρασίδου. / εἴτ' ἂν ὑμεῖς τοῦτον ὥσπερ κυνίδι' ἐσπαράττετε: / ἡ πόλις γὰρ ὠχρῶσα κὰν φόβῳ καθημένη, / ἅττα διαβάλοι τις αὐτῇ, ταῦτ' ἂν ἦδιστ' ἦσθιεν. / οἱ δὲ τὰς πληγὰς ὀρώντες ἄς ἐτύπτονθ' οἱ ξένοι / χρυσίῳ τῶν ταῦτα ποιοῦντων ἐβύνουν τὸ στόμα, / ὥστ' ἐκείνους μὲν ποιῆσαι πλουσίους, ἡ δ' Ἑλλάς ἂν / ἐξερημοθεῖσ' ἂν ὑμᾶς ἔλαθε. Ταῦτα δ' ἦν ὁ δρῶν βυρσοπώλης. (v. 632-648).

### Hermes

Quando os trabalhadores vieram do campo, não perceberam que primeiro estavam sendo vendidos, mas como estavam sem uvas e querendo figos secos, voltaram-se para os oradores, estes, bem sabedores da situação dos pobres e doentes, que necessitavam de cevada, expulsaram a deusa, avançando com gritos e armas, ela que muitas vezes aparecia ali por saudade daquela terra; perseguiam entre os aliados os fortes e ricos, com a desculpa de que eram aliados de Brásidas. Aí vocês os destroçaram como os cães fazem. A cidade ficou pálida e paralisada de medo, e quando jogavam algo a ela, comia esse algo alegremente. Enquanto os estrangeiros viam esses ataques, e com ouro enchiam as bocas dos que faziam essas coisas, deixando-os ricos, a Grécia era assolada e esquecida por vocês. Quem fazia isso era o vendedor de couros.

Temos portanto um comediógrafo que recria uma cena para a plateia, e o faz por meio de seu poder de observação. Não há nenhuma graça na fala de Hermes. O tom de reprimenda é inegável, e se funciona internamente, na peça, ultrapassa essa condição, já que a mensagem é direcionada para a plateia/população. Eles foram os responsáveis pelo sumiço da

deusa, conduzidos e enganados pelo “vendedor de couros”. O teatro tem seu traço didático marcante, e o autor sempre dá os seus conselhos ao povo, o que faz parte do gênero cômico.

A partir do trecho da peça mostrado acima, podemos de imediato nos remeter ao tipo de informação que interessa a Tucídides. Detalhes e explicações sobre os fatos, reflexões sobre as consequências. O comediógrafo usa o passado recente de Atenas como pano de fundo da maioria de suas peças. As cenas servem de exemplos, trazem lições aos espectadores. Aristófanes utiliza a situação vivenciada pelos atenienses até recentemente, quando Cléon (o vendedor de couros) dominava a todos, perseguindo seus rivais e os acusando de serem traidores (aliados de Brásidas). O objetivo do autor é claro e duplo, se por um lado serve como ataque ao seu rival, por outro, serve (ou deveria servir) para “alertar” a população.

A parábase da comédia é o momento no qual o coro fala em nome do poeta cômico, saindo assim do plano da peça e extrapolando a relação espectador/teatro. Ali a voz da autoridade representada pelo comediógrafo se manifesta, e ali também podemos ver um retrato preciso da sociedade ateniense. É complexa a estrutura, as vozes se misturam: ora o coro traz o poeta, comentando assuntos diversos, relacionados ou não com a organização interna da peça; ora o coro volta para o “enredo”, assumindo seu papel propriamente dito.

O ponto de aproximação entre o mundo da Comédia e o da História é justamente esse retrato que busca representar uma realidade. No teatro cômico, o autor usa os fatos para brincar, gerar comicidade. Por meio disso, acredita fazer uma tarefa necessária à sociedade, naquela perspectiva já mencionada por nós, segundo a qual o teatro tem a sua função didática. Na historiografia, o autor faz uso dos mesmos fatos, como pudermos ver, mas a forma de tratá-los obviamente é diferente. O mais importante, na verdade, é pensarmos na melhor forma de aproveitá-los, já que ambos se completam.

### **3. Conclusão do capítulo**

A obra de Tucídides é um exemplar quase único, devido as suas características e as suas condições de produção. A relação passado/presente proposta em seu trabalho é complexa, já que não se pode delimitar com precisão quando o historiador começou a escrever sua obra, e de que forma ele pôde revisar o trabalho, acrescentando posteriormente reflexões e comentários já fundamentados no presente, ou seja, baseados nos desdobramentos ocorridos. “Assim, fundada sobre o corte entre um passado, que é seu objeto, e um presente, que é o

lugar de sua prática, a história não para de encontrar o presente no seu objeto, e o passado, nas suas práticas.” (CERTEAU, 1982, p.46).

A prática de Tucídides é marcada pela mescla entre fato e análise. O raciocínio do autor guia os olhos do leitor, apresentando apenas o que passou pelo seu crivo prévio. Apresentando uma visão única dos acontecimentos, o historiador posiciona-se como um porta-voz dos fatos. Seus comentários são baseados em reflexões feitas anteriormente e dependem do assunto. Algo pode ser mais ou menos explicado, a depender do critério dele. A dependência então se estabelece, e aquela questão da confiabilidade, já mencionada, novamente fica posta.

Tomemos como último exemplo as mortes de Cléon e Brásidas, ocorridas na batalha em Anfípolis. O ateniense morreu assim: “καὶ ὁ μὲν Κλέων, ὡς τὸ πρῶτον οὐ διανοεῖτο μένειν, εὐθύς φεύγων καὶ καταληφθεὶς ὑπὸ Μυρκινίου πελταστοῦ ἀποθνήσκει” (5,10.9). “E Cléon, que desde o início não pretendia ficar, imediatamente começou a fugir, mas foi pego por um peltasta mircínio e morreu.”

Certamente, a morte de tamanha personagem mereceria mais destaque e espaço. Mas Tucídides é sucinto e severo nas palavras. Não concede atenção a quem não julga merecedor, mesmo que, efetivamente, como o próprio Aristófanes comprova, Cléon tenha sido uma figura bastante participativa em tudo o que acontecia em Atenas. A falta de brilho em sua morte é apenas a coroação de uma vida inteira dedicada a ele mesmo, segundo o historiador. Morrer fugindo, abandonando seus homens, correndo para se salvar, esta cena deprimente recriada por Tucídides apenas serve pra corroborar a sua antipatia em relação a ele, e marca também uma espécie de contraste que logo em seguida se estabelece: o contraponto é a morte de Brásidas e as informações complementares que o autor nos apresenta.

O general lacedemônio foi ferido na mesma batalha, enquanto perseguia seus inimigos; quando seus soldados o viram, trataram de resgatá-lo, visto que, se dependesse dele próprio, continuaria ali. Brásidas não resistiu aos ferimentos, mas antes de morrer soube que havia vencido a batalha. Tucídides afirma:

μετὰ δὲ ταῦτα τὸν Βρασίδαν οἱ ξύμμαχοι πάντες ξὺν ὅπλοις ἐπισπόμενοι δημοσίᾳ ἔθαψαν ἐν τῇ πόλει πρὸ τῆς νῦν ἀγορᾶς οὔσης· καὶ τὸ λοιπὸν οἱ Ἀμφιπολίται, περιεῖρξαντες αὐτοῦ τὸ μνημεῖον, ὡς ἥρωί τε ἐντέμνουσι καὶ τιμὰς δεδώκασιν ἀγῶνας καὶ ἐτησίους θυσίας, καὶ τὴν ἀποικίαν ὡς οἰκιστῆ προσέθεσαν, καταβαλόντες τὰ Ἀγνώμεια οἰκοδομήματα καὶ ἀφανίσαντες εἰ τι μνημόσυνόν που

ἔμελλεν αὐτοῦ τῆς οἰκίσεως περιέσεσθαι, νομίσαντες τὸν μὲν Βρασίδαν σωτῆρά τε σφῶν γεγενῆσθαι καὶ ἐν τῷ παρόντι ἅμα τὴν τῶν Λακεδαιμονίων ξυμμαχίαν φόβῳ τῶν Ἀθηναίων θεραπεύοντες (V, 11).

depois destes acontecimentos, todos os aliados compareceram em armas ao funeral de Brásidas, realizado à custa do Estado, em local onde hoje fica a ágora da cidade; o restante dos habitantes de Anfípolis construíram uma cerca em torno do monumento dele (feito em sua honra), e passaram a honrá-lo **como um herói**, organizando jogos e sacrifícios anuais, e também a considerá-lo **como fundador** da cidade, destruindo as construções em honra a Hágnon e escondendo os monumentos que o indicassem (como fundador) da cidade; tendo julgado que Brásidas era o libertador deles, ao mesmo tempo em que cuidavam da aliança com os lacedemônios, temiam os atenienses...

As glórias conquistadas por Brásidas ficaram marcadas na história, e Tucídides não mede as palavras nem os detalhes para exaltá-lo. Notamos que neste trecho o autor faz uso de informações futuras, esclarecendo o que se passou após a morte do espartano. Notemos que, nessa pequena indefinição temporal, na qual o historiador escreve seu relato, não podemos delimitar o momento em que as informações foram colhidas, processadas e exploradas pelo ateniense em sua obra. Ali, em tempos de guerra, uma cidade isolada no meio do hostil território trácio foi fundada pelo ateniense Hágnon. Numa reviravolta incrível, a cidade “elegeu” um novo fundador, Brásidas, o espartano que libertou a cidade da dominação e exploração estabelecida por Atenas.

Não é por acaso que esse general ficou famoso por seus feitos bélicos, pelas demonstrações de bom caráter e pelo senso de justiça. Passaram a vê-lo *ὡς ἥρωί*, como herói. Isto implica considerá-lo um semideus. A lista que compõe esta categoria é restrita, sendo composta em sua maioria por guerreiros lendários, de tempos mitológicos. Outra fonte bastante confiável sobre essa qualificação dada a Brásidas é Platão. No banquete (221c), Alcibíades elencava as qualidades de Sócrates, comparando-o a outras figuras emblemáticas e afirmando que nunca havia existido alguém como ele, mas: οἷος γὰρ Ἀχιλλεὺς ἐγένετο, ἀπεικάσειεν ἄν τις καὶ Βρασίδαν καὶ ἄλλους, καὶ οἷος αὖ Περικλῆς, καὶ Νέστορα καὶ Ἀντήνορα — εἰσὶ δὲ καὶ ἕτεροι — (pois surgiu alguém como Aquiles, Brásidas e outros o imitaram; outros ainda, como Péricles, pareciam Nestor ou Antenor – há outros exemplos...).

A ficcionalização de Brásidas, ou melhor, a idealização de sua imagem, portanto, foi um desafio grande para Tucídides. Um rival tão qualificado fez a diferença na guerra, enquanto Atenas perdia gradativamente os seus melhores. Péricles foi o maior de todos; Nícias morreria futuramente, não antes de ter concluído a chamada “Paz de Nícias”, acordo de tréguas mútuas estabelecido logo após a Batalha em Anfípolis, justamente quando Cléon e

Brásidas morreram. O historiador ateniense escrevia para um público “neutro”, interessado em conhecer os fatos da guerra. Desta forma, obrigou-se a tratar de assuntos polêmicos, como a sua própria derrota em batalha e seu conseqüente *auto-apagamento* como sujeito envolvido.

Tucídides não conseguiu conter o avanço de Brásidas, e este, a partir dessa vitória, praticamente não foi derrotado, avançando paulatinamente contra Atenas. Agregando aliados pelo caminho, estabelecendo estratégias ousadas e espalhando ideias de liberdade e independência nas cidades menores, a lenda em torno de seu nome foi se criando. Não deixa de ser interessante o fato de que o historiador, mesmo contemporâneo aos fatos narrados, soube enxergar os personagens e os acontecimentos de maneira singular, deixando para a posteridade uma obra que representa muito para aqueles que estudam o mundo clássico. O conhecimento que hoje temos do século V a.C. é bastante fundamentado a partir das informações contidas na *A Guerra do Peloponeso*. Tucídides cumpriu seu objetivo e conseguiu magistralmente lidar com dados, relatos, pesquisas, conjecturas, suposições, imaginações. Soube mesclar todos esses fatores e produzir um relato exemplar, que explora a psicologia dos personagens históricos e dos desdobramentos futuros, que apresenta análises precisas sobre um momento histórico conturbado e complexo, emitindo opiniões precisas sobre fatos contemporâneos. Essa forma de escrever do autor é extremamente moderna e explícita a diferenciação que ele quis estabelecer em relação aos antecessores, rejeitando uma aproximação tanto com Heródoto, quanto com a epopeia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação foi apresentar e discutir alguns aspectos fundamentais da obra de Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*. Tentamos mostrar de que forma o autor lidou com dificuldades de composição e como ele processou as informações coletadas e as transformou em narrativa. Vimos como é tênue a linha que separa a história e a literatura nesse período, quando ainda os gêneros se definiam. Poesia, Filosofia e História se relacionavam muito proximamente:

O que indica que nas origens gregas da história não se assiste ao nascimento de uma disciplina, cuja formação de seus especialistas se daria em escolas, de forma análoga ao que logo se passou com a filosofia. Os primeiros historiadores eram prosadores, escritores que compunham em prosa discursos que se distinguiam de outros, não só dos mitos, das ficções, em prosa ou verso, mas também da prosa dos sofistas, dos discursos políticos para assembleias e tribunais, dos tratados de medicina etc. Inventase antes de mais nada um protocolo enunciativo, um novo tipo de escrita. Por certo, a busca, a pesquisa da verdade (*zêtêsis tês alêtheías*), da razão profunda dos acontecimentos para além das aparências, implica o desenvolvimento de determinado método. Trata-se de produzir um relato consequente de um acontecimento capital, memorável, feito por uma testemunha direta, compromissada com certa imparcialidade do observador (...). (NETTO, 2011, p.239).

Assim, as indefinições quanto aos gêneros propiciavam aos autores certa liberdade de criação, e não é difícil encontrarmos obras híbridas. Como a História não possuía as suas “escolas”, tal qual ocorria na Filosofia, cada autor detinha liberdade para produzir de acordo com seu gosto pessoal. A prosa de Tucídides, portanto, tem como marca principal a seriedade com que o relato é conduzido. O leitor logo percebe a diferença existente entre epopeia e história, por exemplo. Há, contudo, notadamente, momentos diferentes que compõem a obra: ora o trágico prevalece, ora é a narrativa política e bélica.

O autor explica seu método e começa o relato. A escrita flui então leve, embora a leitura exija extrema atenção. A *História da Guerra Peloponeso* foi planejada para fornecer informações aos leitores futuros. A guerra foi se desenrolando e, durante o conflito, Tucídides é forçado a alterar seu projeto inicial.

A primeira parte da guerra é composta pelos seus dez primeiros anos ininterruptos de conflito. Relatar essa parte era o objetivo do historiador. Depois de assinarem o tratado de paz, os inimigos passaram aproximadamente sete anos em tréguas; entretanto, há que se fazer

a ressalva que durante esse período houve conflitos menores, indiretos, envolvendo cidades periféricas. Assim, pois, Tucídides faz uma espécie de nova introdução, explicando os motivos que o levaram a retomar a escrita.

Γέγραφε δὲ καὶ ταῦτα ὁ αὐτὸς Θουκυδίδης Ἀθηναῖος ἐξῆς, ὡς ἕκαστα ἐγένετο, κατὰ θέρη καὶ χειμῶνας, μέχρι οὗ τὴν τε ἀρχὴν κατέπαυσαν τῶν Ἀθηναίων Λακεδαιμόνιοι καὶ οἱ ξύμμαχοι, καὶ τὰ μακρὰ τείχη καὶ τὸν Πειραιᾶ κατέλαβον. Ἔτη δὲ ἐς τοῦτο τὰ ξύμπαντα ἐγένετο τῷ πολέμῳ ἑπτὰ καὶ εἴκοσι. (V, 26,1).

O mesmo Tucídides de Atenas escreveu esses acontecimentos, em ordem, conforme aconteciam, a partir de verões e invernos, desde o início até quando os lacedemônios e seus aliados dominaram os atenienses, ao tomarem as grandes muralhas e o Pireu. Portanto, somados, os anos com guerra foram vinte sete.

A tomada do Pireu pelos Lacedemônios ocorreu em 404 a.C. e, a partir dessa data, Atenas nunca mais foi a mesma, seu império ruiu completamente, e a cidade não mais conquistaria hegemonia na Grécia. Explica Tucídides que mesmo durante as tréguas, os conflitos seguiam acontecendo de forma “extraoficial”, digamos assim.

Ἵστε ξὺν τῷ πρώτῳ πολέμῳ τῷ δεκέτει καὶ τῇ μετ’ αὐτὸν ὑπόπτῳ ἀνοκωχῆ καὶ τῷ ὕστερον ἐξ αὐτῆς πολέμῳ εὐρήσει τις τοσαῦτα ἔτη, λογιζόμενος κατὰ τοὺς χρόνους, καὶ ἡμέρας οὐ πολλὰς παρενεγκούσας, καὶ τοῖς ἀπόχρησιμῶν τι ἰσχυρισμαμένοις μόνον δὴ τοῦτο ἐχυρῶς ξυμβάν. (V,26,3).

Assim, com a primeira década de guerra, sua suspeita paralisação e a guerra posterior, alguém concordará que foram estes anos (vinte sete), considerando a partir das estações, e não muitos dias a mais, estando próximo portanto de alguns oráculos populares da época, que somente nisso acertaram.

Tucídides, sempre que pode, fornece números e datas. É uma estratégia para mostrar precisão, para impressionar o leitor com seu detalhamento. Curioso é o historiador reconhecer que “alguns oráculos” acertaram a previsão, mas ele ressalta que foi a única coisa que acertaram. Este grande número de explicações também tem um objetivo claro: contribuir para caracterizar a Guerra do Peloponeso como efetivamente o maior acontecimento até então. Nada mobilizou tantas cidades, tantos exércitos, tantos recursos. Assim, pois, o historiador soma os anos de trégua aos de guerra explícita, justificando que, mesmo em tréguas, o conflito continuava, veladamente.

O resultado disso é que temos uma grandiosa guerra de vinte e sete anos de

duração, algo que dificilmente ocorreria na História novamente (segundo ele). E Tucídides tinha consciência disso, o que justifica seu esforço em mantê-la grande. Engrandecendo o tema, automaticamente, engrandecemos também o autor. Compor o relato de tal guerra, a maior de todos os tempos, só seria possível ao historiador se ele também fosse qualificado. Para uma guerra importante, complexa e longa, um historiador “especial” se faz necessário. Parece que Tucídides queria ratificar sua posição como um especialista da arte de narrar, contribuindo assim para modificar a crença de que é “o artista cuja tarefa é escrever a história, é de alguma forma um amador, um homem feliz, que escreve com facilidade, que não toma muita dificuldade, que ‘pega’ uma coisa quase como um hobby, e não teria que trabalhar muito duro por ele<sup>7</sup>”. (GOMME, 1954, p.118).

Então o historiador mais uma vez se apresenta como testemunha, como alguém que teve uma oportunidade privilegiada para observação:

Αἰεὶ γὰρ ἔγωγε μέμνημαι, καὶ ἀρχομένου τοῦ πολέμου καὶ μέχρι οὗ ἐτελεύτησε, προφερόμενον ὑπόπολλῶν ὅτι τρεῖς ἐννέα ἔτη δεοὶ γενέσθαι αὐτόν. Ἐπεβίων δὲ διὰ παντὸς αὐτοῦ αἰσθανόμενός τε τῇ ἡλικίᾳ καὶ προσέχων τὴν γνώμην, ὅπως ἀκριβές τι εἴσομαι: καὶ ξυνέβη μοι φεύγειν τὴν ἐμαυτοῦ ἔτη εἴκοσι μετὰ τὴν ἐς Ἀμφίπολιν στρατηγίαν, καὶ γενομένῳ παρ’ ἀμφοτέροις τοῖς πράγμασι, καὶ οὐχ ἦσσαν τοῖς Πελοποννησίων διατὴν φυγῆν, καθ’ ἡσυχίαν τι αὐτῶν μᾶλλον αἰσθῆσθαι. Τὴν οὖν μετὰ τὰ δέκα ἔτη διαφορὰν τε καὶ ζύγχυσιν τῶν σπονδῶν καὶ τὰ ἔπειτα ὡς ἐπολεμήθη ἐξηγήσομαι. (V,26,4-6).

Pois sempre, eu mesmo me lembro, desde o início do conflito até onde se desenrolou, diziam que ele duraria três vezes nove anos. Vivendo-a toda, pude senti-la, estando em boa idade, para perceber-lhe a razão que a motivou, **de modo que eu sei com clareza**. Acompanhava de perto quando tive que me exilar durante vinte anos, após o meu comando em Anfípolis, o que me propiciou contato com os dois lados dos acontecimentos, não menos com o lado lacedemônio, por causa do exílio, e com calma pude percebê-la melhor. Então, depois dos dez anos de desentendimento e de tréguas confusas, relatarei como foram as disputas que se seguiram.

O exílio, que para o grego era pior do que ser condenado à morte, é louvado pelo historiador! Deu-lhe a chance de se afastar da perspectiva ateniense dos fatos, e, ao viver na Lacedemônia, Tucídides pôde também ver os acontecimentos com os olhos dos lacedemônios. Se para o cidadão Tucídides o fracasso bélico significou vinte anos de exílio, para o

<sup>7</sup> The artist, at any rate the artist whose task it is to write history, is in some way an amateur, a happy man who writes easily, who does not take much trouble, who "takes up" a thing almost as a hobby, and would not have to work too hard at it.

historiador serviu para qualificar ainda mais a sua visão dos fatos da guerra. Ele sabe ἀκριβές, com clareza, primeiro porque a vivenciou; segundo porque a pesquisou; e terceiro porque teve a inteligência necessária para escrevê-la.

Mais uma vez, temos que associar o Tucídides que viveu naquele momento histórico e o historiador que surgiu ali. A crença na ficção criada, a partir da realidade, para o retrato da guerra, é dependente da confiança que depositamos na relação que o historiador estabelece entre pesquisa e narrativa. A “verdade dos fatos” deve prevalecer a todo custo, mas, como já apontamos, “o ponto importante aqui é que a concepção de verdade de Tucídides está se tornando algo muito mais complexo do que a simples verdade factual. Seu material de fala é uma mistura de verdade factual e verdade imaginativa, a verdade específica e verdade geral”. (MOLES, p.106)<sup>8</sup>.

A mistura entre as verdades, a factual e a imaginativa (*factual truth and imaginative truth*), como aponta Moles, é o que permite tantas perspectivas a serem analisadas. É a causa da beleza da narrativa, o entrelaçamento entre real e ficcional. Recriar batalhas a partir de relatos conflitantes, recriar discursos que não foram escritos, ou assembleias que não foram presenciadas, tudo isso faz Tucídides.

A determinação do que é “verdade” na obra acaba se tornando uma questão de segundo plano, de menor importância, uma vez que é impossível separar o “verdadeiro” do “inventado”. Isso não era um problema para o escritor, mas para o leitor sempre representará um ponto de dúvida. Como já mencionamos, a certeza do autor em suas afirmações prende o ritmo da narrativa, e não há espaço para outras opiniões.

“A clareza” das coisas que aconteceram é precisamente o que você não pode descobrir na história do passado, mas o que Tucídides ‘tinha descoberto’, embora com dificuldade, sobre a guerra do Peloponeso. ‘A clareza’, portanto, seria igual à verdade – um significado muito comum da palavra grega saphes. Mas, ao mesmo tempo pode-se, obviamente, falar da verdade clara das coisas que aconteceram, mas como se pode falar da verdade clara das coisas que vão acontecer?<sup>9</sup> (MOLES, p. 107).

<sup>8</sup> The important point here is that Thucydides' conception of truth is becoming something much more complex than mere factual truth. His speech material is a mixture of factual truth and imaginative truth, specific truth and general truth.

<sup>9</sup> 'The clearness' of the things that have happened is precisely what you cannot discover in past history, but what Thucydides has 'discovered', though with difficulty, about the Peloponnesian war. 'The clearness' therefore equals the truth — a very common meaning of the Greek word saphes. But, while one can obviously talk of the clear truth of things that have happened, how can one talk of the clear truth of things that are going to happen?

A clareza de Tucídides, representada pelo *ἀκριβῆς τι εἶσομαι*, ou seja, *eu sei com certeza*, deixa evidente a convicção que o escritor deposita em suas palavras. O *saphés* logo se associa ao conceito de “verdade”, para o historiador. Estabelecer quando as coisas já se passaram, neste processo, é aceitável, dentro da metodologia tucidideana. “Mas como se pode falar da verdade clara das coisas que vão acontecer”?

Uma das prerrogativas do método de Tucídides é o lema *κτῆμα ἐς αἰεί*, “uma aquisição para sempre”. É para isso que ele escreve, para deixar uma obra para a posteridade. Entretanto, qual interesse que essa posteridade teria, já que a “verdade clara das coisas” proposta é presa inevitavelmente ao passado/presente do momento? A proposta do historiador é afirmar que o homem sempre será o mesmo: terá os mesmos desejos, as mesmas falhas, e a partir disso ele liga o atual ao futuro. Nesse ponto de vista, a “clareza” seria extraída, como um ensinamento, da obra. As entrelinhas, as digressões, as reflexões poderiam, desta maneira, serem transpostas para os acontecimentos futuros.

Críticas à parte, devemos acima de tudo louvar a ousadia de um autor que se desafiou, e, de acordo com nossa opinião, venceu os obstáculos e nos deixou uma obra extremamente atual e didática, não somente em termos bélicos, mas principalmente porque nos fornece detalhes de sociedades, de culturas, de fatos que foram importantes para a formação do mundo ocidental. Também não podemos deixar de mencionar a beleza do texto grego, a precisão com que o autor compõe sua narrativa, a arte com que o escritor tece o seu relato, detalhes que nenhuma tradução consegue manter.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓFANES. “A Paz”. In.: **A Paz; O Misanthropo**. Editora Ediouro. Edição Clássicos de Bolso.

\_\_\_\_\_. **Os Cavaleiros**. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

BAILLY, Anatole. **Dictionnaire Grec Français**. Paris: Hachette, 2000.

BONNARD, André. **A Civilização Grega**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BURKE, Peter. “As fronteiras instáveis entre História e Ficção”. In.: **Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997.

BURROW, John. **Uma história das histórias: de Heródoto e Tucídides ao século XX**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COLLINGWOOD, R. G. **A Ideia de História**. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1981.

CORNFORD, Francis Macdonald. **Thucydides Mythistoricus**. London: Edward Arnold, 1907.

DETIENNE, Marcel. **A invenção da mitologia**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: UnB, 1998.

DOMINGUES, Ivan. **O Fio e a Trama**. São Paulo: Iluminuras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DOSSE, François. **A História**. Tradução Maria Elena Ortiz Assumpção. São Paulo: Edusc, 2003.

DUARTE, Adriane da Silva. **O Dono da Voz e a Voz do Dono: a Parábase na Comédia de Aristófanos**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: FAPESP, 2000.

FINLEY, M.I. **Aspectos da Antigüidade**. Lisboa: Edições 70, 1990.

\_\_\_\_\_. **Uso e Abuso da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O início da história e as lágrimas de Tucídides”. In.: **Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História**. Imago, 2ª edição, 2005.

GOMME, A. W. **The Greek Attitude to Poetry and History**. University of California Press: Berkeley and Los Angeles, 1954.

LESKY, Albin. **História da Literatura Grega**. Fundação Calouste Gulbenkian, 3ª edição, 1971.

LEVI, Mario Attilio. **Pérgles: um homem, um regime, uma cultura**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. **Liddell and Scott's Greek-English Lexicon Abridged**. First Published Clarendon Press: Oxford, 1909.

LIMA, Luiz Costa. **História. Literatura. Ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MOLES, “Truth and Untruth In Herodotus and Thucydides”. In.: **Lies and Fiction in The Ancient World**. GILL, Christopher; WISEMAN, T. P. University of Exeter Press.

NETTO, Mônica Costa. “Aristóteles e o fracasso de Tucídides”. In.: **História, verdade e tempo**. Marlon Salomon (Org.). Chapecó, SC: Argos, 2011.

PIRES, Francisco Murari. **Mithistória**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999.

\_\_\_\_\_. **Modernidades Tucídideanas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2007.

PRADO, Ana Lia Amaral de Almeida. “O diálogo de Melos: o discurso do poder”. In.: *Revista de História*, São Paulo, nº132, p. 113, 1995, Departamento de Historia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Humanitas Publicações.

ROMERO, José Luis. **De Heródoto a Políbio: El pensamiento histórico em la cultura griega**. Buenos Aires, Argentina: Miño y Dávila Editores, 2009.

ROMILLY, Jacqueline de. **História e Razão em Tucídides**. Brasília: Editora UnB, 1998.

RUSTEN, Jeffrey. “Thucydides and Comedy”. In.: **Brill's Companion to Thucydides**. Edited by RENGAKOS, Antonios; TSAKMAKIS, Antonios. Leiden/Boston, 2006.

SALOMON, Marlon (Org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó: Argos Editora, 2011.

SCHÜLER, Donald. **Literatura Grega**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

THUCYDIDES. **The Peloponnesian War**. Translated by Martin Hammond, Oxford University Press, 2009.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 3ª edição, 1999.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução de Raul M. Rosado Fernandes; M. Gabriela P. Granwehr. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e sociedade na Grécia Antiga**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2010.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Tradução: Antônio José da Silva Moreira. Lisboa: Edições 70, 1987.

WEINHARDT, Marilene. “Ficção e história: retomada do antigo diálogo”. In.: *Revista Letras*, Curitiba, nº58, p. 105-120, jul/dez de 2002, Editora UFPR.

WHITE, Hayden. “O texto histórico como artefato literário”. In.: **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 1994.

